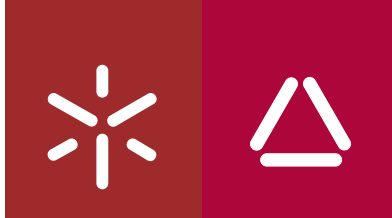




Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Cristiana Oliveira Silva

**A mudança de hábitos de consumo da
classe média em Portugal, no contexto
da crise atual**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Cristiana Oliveira Silva

**A mudança de hábitos de consumo da
classe média em Portugal, no contexto
da crise atual**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Sociologia
Área de Especialização em Organizações e Trabalho

Trabalho realizado sob a orientação do
Professor Doutor Jean Martin Marie Rabot

Declaração

Nome: Cristiana Oliveira Silva

Endereço Electrónico: cristianaoliveira2013@gmail.com

Número do Bilhete de Identidade: 12405135 9ZZ0

Dissertação de Mestrado em Sociologia

Área de especialização em Organizações e Trabalho

Título da Dissertação: A mudança de hábitos de consumo da classe média em Portugal, no contexto da crise atual

Orientador: Professor Doutor Jean Martin Marie Rabot

Ano de conclusão: 2015

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

Cristiana Oliveira Silva

Agradecimentos

Ao professor Jean Martin Marie Rabot pelo apoio, atenção e disponibilidade, no qual contribuiu muito para o desenvolvimento deste meu estudo. Obrigada pela partilha de saberes e opiniões.

A todos os meus entrevistados, o meu muito obrigado pela colaboração, onde sem eles, este estudo não seria possível de concretizar.

Ao meu namorado, o meu muito obrigado pelo seu otimismo, força e paciência. Obrigada por teres acreditado sempre nas minhas capacidades e, por estares presente em todos os momentos da minha vida.

À minha mãe pelo seu apoio, atenção e, por me ter dado a oportunidade de lutar sempre pelos meus objetivos de vida.

Às minhas irmãs e á minha sobrinha pelo apoio e força que me deram durante este meu percurso.

E claro,

A todos os que apoiaram de alguma forma, que me fizeram acreditar que as coisas são possíveis quando existe vontade e motivação.

A todos, muito obrigada!

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo central compreender as mudanças de hábitos de consumo da classe média no contexto de crise atual. Neste momento atravessamos uma das piores crises de sempre, no qual tem afetado diretamente a classe média devido às duras medidas de austeridade estabelecidas pela Troika. A crise obrigou a esta classe social a alterar o seu estilo de vida, os seus hábitos de consumo, e a fazerem alterações significativas no seu orçamento familiar, para conseguirem suportar as suas despesas e resistir à crise.

Ora, perante esta problemática e para conhecer melhor esta classe social, optei por uma investigação do tipo qualitativa, uma vez que o objetivo principal desta é o de compreender as razões da mudança de hábitos de consumo no contexto de crise, de que forma é que esta classe social conseguiu lidar com esta problemática, que estratégias adotou para conseguir sobreviver e continuar a viver com a mudança. A técnica utilizada para a recolha de dados foi a entrevista semiestruturada uma vez que pretendia obter dados empíricos que demonstrem a situação atual destas famílias. Foram realizadas 15 entrevistas com idades compreendidas entre 25 aos 60 do sexo feminino e masculino que residissem na cidade ou arredores de Braga.

Relativamente à análise e interpretação dos dados, foi feita através da análise de conteúdo. Os resultados deste estudo permitiram sem dúvida conhecer e compreender de forma clara e aprofundada a mudança de hábitos do dia a dia destas famílias. Na sua maioria, tiveram de fazer alterações significativas no estilo de vida e, nos seus hábitos de consumo, para conseguirem resistir à Crise que atualmente atravessa-mos. De uma forma geral têm conseguido lidar com a crise, embora alguns com uma certa revolta e instabilidade. Pude perceber que viver com a crise tem sido uma aprendizagem para esta classe social e, que se formou nela um novo consumidor, mais contido e consciente.

Palavras-chave: Crise, mudanças, consumo, estilos de vida, classe média.

Abstract

This work is mainly aimed to understand the changes of the middle class consumer habits in the context of the current crisis. At this time we cross one of the worst crises ever, which has directly affected the middle class due to harsh austerity measures adopted by the Troika. The crisis forced this class to change their lifestyle, their consumption habits, and to make significant changes in your family budget, to achieve bear its own costs and withstand the crisis.

Now, before this problem and to learn more about this class, I opted for a qualitative type of research, since the main objective of this research is to understand the reasons for the change in consumption habits in the context of crisis, how is that this class could deal with this issue, what strategies adopted in order to survive and continue to live with change. The technique used for collecting data was the semi-structured interview once that it was seeking empirical data demonstrating the current situation of these families. 15 interviews were conducted aged 25 to 60 female and male residing in the city or outskirts of Braga.

For analysis and interpretation of the data was made by content analysis. The results of this study allowed undoubtedly know and understand clearly and detail the changing habits of the day to day these families. For the most part, had to make significant changes in lifestyle and in their spending habits to successfully resist the crisis currently going through them to me. In general have been able to deal with the crisis, although some with a certain revolt and instability. I could see that live with the crisis has been a learning for this social class, which formed in it a new consumer, more restrained and aware.

Keywords: Crisis, change, consumption, lifestyles, middle class

Índice

1.	Introdução.....	1
1.1.	Relevância do Tema.....	1
1.2.	Objetivos.....	2
1.3.	Estrutura do Trabalho.....	2
Parte I Enquadramento Teórico.....		5
2.	Crise.....	7
2.1.	Relação da Crise 1929 e a Crise atual.....	7
2.2.	O Impacto da Crise Atual no Resto do Mundo.....	11
2.3.	O Impacto da Crise Atual em Portugal.....	14
3.	Sociedade de Consumo numa Perspetiva Sociológica.....	19
3.1.	Comportamento do Consumidor:.....	22
4.	Classes Sociais.....	35
4.1.	Classe Média em Portugal: Origens e Percursos.....	37
4.2.	A Classe Média em Portugal no Contexto de Crise Atual.....	42
Parte II Enquadramento Metodológico.....		47
5.	Metodologia de Investigação.....	49
5.1.	Método.....	49
5.2.	Técnica de Recolha de Dados.....	49
5.3.	Seleção do Público-Alvo.....	50
5.4.	Análise de Conteúdo.....	51
Parte III Resultados da Investigação.....		53
6.	Análise dos Resultados.....	55
6.1.	Categoria I.....	55
6.2.	Categoria II.....	56
6.3.	Categoria III.....	58
6.4.	Categoria IV.....	58

6.5. Categoria V	59
6.6. Categoria VI.....	60
6.7. Categoria VII	61
7. Discussão dos Resultados.....	63
8. Conclusões.....	67
Bibliografia.....	71
Anexos	79
Anexo I: Entrevista à Presidente da Cáritas.....	81
Anexo II: Guião de Entrevista	85
Anexo III: Entrevistas	87
Anexos IV: Caracterização dos Entrevistados	155
Anexo V: Quadro da Categorização das Entrevistas	158

Índice de Figuras

Figura 1 - Elementos das atitudes [1].	25
Figura 2 - Modelo de atitudes [2].	26
Figura 3 - Factores que influenciam o comportamento do consumidor [3].....	28
Figura 4 - Hierarquia de necessidade segundo Maslow (1970) [4]	29

Lista das Abreviaturas e Siglas

CGTP- Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses

UGT- União Geral de Trabalhadores

IRS – Imposto sobre o rendimento singular

EUA- Estados Unidos da América

PIB - Produto Interno Bruto

OIT- Organização Internacional do Trabalho

FED- Federal Reserve, o banco central Americano

CÁRITAS- Instituição de Solidariedade Social

TROIKA- Equipa composta pelo Fundo Monetário Internacional, Banco Central Europeu e Comissão Europeia.

FMI- Fundo Monetário Internacional

1. Introdução

1.1. Relevância do Tema

Estamos atualmente a viver a pior crise desde a década de 1930. Diariamente somos bombardeados por notícias que nos levam sempre para esta problemática global, a Crise. Vemos o desemprego a subir, a pobreza aumentar e a falência das pequenas e médias empresas não pára de aumentar, a classe média que conhecemos está prestes a desaparecer devido à crise económica que o País atravessa, cortes nos salários e nos subsídios, aumento dos impostos e o custo de vida mais caro.

A classe média está em risco de um empobrecimento muito rápido que pode levar a um descontentamento mais amplo na sociedade portuguesa e ao enfraquecimento do sistema socioeconómico e do sistema democrático. (Estanque, 2012). Hoje em dia falar em mudanças comportamentais do consumidor é quase inevitável. A crise que atualmente vivemos tem afetado de uma forma significativa o nível de vida desta classe social e, no qual tem influenciado diretamente o padrão de consumo destas famílias.

Verifica-se uma grande mudança ao nível do consumo. Esta mudança originou um novo tipo de consumidor, consumidores mais contidos e retraídos no ato de consumir certos produtos e serviços. Passando a consumir assim o essencial e, retraindo-se mais nos consumos considerados supérfluos, comportamento este que passa a ser uma defesa, para conseguir resistir à Crise.

Mediante este cenário de mudanças do nível de vida das pessoas, mais especificamente da classe média, surgiu então a vontade de desenvolver este estudo, no qual, o meu enfoque é essencialmente compreender e conhecer este novo consumidor, conhecer as mudanças mais significativas no seu consumo diário e, quais as estratégias impostas no seu dia a dia para conseguirem resistir à crise. Esta investigação vem também, da curiosidade e da ânsia de conhecer de forma aprofundada, a nova forma de viver desta classe social.

1.2. Objetivos

Ora, para conseguir compreender melhor todas estas alterações, senti a necessidade de definir os meus objetivos da seguinte forma:

No que respeita ao meu objetivo geral destina-se a compreender *as mudanças de hábitos de consumo da classe média, no contexto da crise atual*. Este objetivo será extremamente importante, uma vez que irá ser o meu fio condutor durante o desenvolvimento desta minha investigação.

Relativamente aos meus objetivos específicos foram divididos em três pontos fundamentais:

- Compreender as mudanças mais significativas da classe média no ato do consumo em contexto de crise. Conseguir desta forma conhecer em que serviços e produtos os portugueses cortaram mais;
- Analisar as estratégias impostas no dia a dia do consumidor para conseguir resistir à Crise. Conhecendo melhor o novo consumidor, um consumidor mais retido e informado.
- Conhecer as consequências psicológicas provocadas pela mudança dos hábitos de consumo. Analisando o quanto afetou a vida desta classe social em relação às perspetivas de futuro e de que forma têm resistido e suportado todas estas mudanças.

1.3. Estrutura do Trabalho

A presente dissertação está estruturada em diferentes capítulos. No primeiro capítulo temos o enquadramento teórico no qual se divide em três partes, no primeiro ponto encontra-se exposta a temática sobre a crise, a relação da crise de 1929 e a crise atual, o impacto da crise atual em Portugal e no resto do mundo. No segundo ponto apresento a temática sobre o consumo, no qual descrevo a sociedade de consumo numa perspetiva sociológica e o comportamento do consumidor (Modelo das atitudes, fatores que influenciam o comportamento do consumidor e a hierarquia das necessidades). No terceiro ponto, temos a temática da classe média, no qual desenvolvo o tema das classes sociais, mais concretamente a classe média, as suas origens e percursos e, o

conhecimento desta classe social no contexto de crise atual. Todas estas temáticas serão abordadas, tendo por base vários autores que refletiram sobre o tema da crise, o consumo e, também sobre as classes sociais, mais especificamente a classe média.

No segundo capítulo, encontra-se a metodologia da investigação aplicada neste estudo, onde apresento o método escolhido, a técnica de recolha de dados, a seleção do público-alvo, a respectiva análise de conteúdo e, por último a análise e discussão dos resultados.

Por fim, no terceiro capítulo, temos a conclusão obtida deste estudo e as sugestões para futuras investigações.

Parte I

Enquadramento Teórico

2. Crise

2.1. Relação da Crise 1929 e a Crise atual

Quando abordamos o tema da Crise atual é quase impossível não falarmos na Crise 1929, a chamada “Grande Depressão”. O ponto-chave para analisar comparativamente a Grande Depressão e a crise atual, é ter em mente que ambas ocorreram nos Estados Unidos, refletindo o caos no mercado de ações devido a grandes especulações. Todavia, a posição daquele país em 1929 e em 2007 é distinta. No âmbito da Grande Depressão, os EUA eram os maiores credores do mundo, e concediam elevados empréstimos para o exterior. Em 2008, eles apresentavam posição inversa, sendo devedor líquido global. Vale dizer também, que em ambos os períodos, o *boom* especulativo foi possibilitado por uma onda de inovações financeiras. A alavancagem financeira das duas crises ocorreu com elevada participação de empréstimos de fontes não bancárias em um ambiente desregulamentado.

De acordo com Silva (2010), fazer uma comparação de diferentes crises financeiras pode ter caráter limitado devido ao ambiente histórico e as especificações inerentes de cada crise. Porém, ainda assim, há muita similaridade entre os desastres financeiros de 1929 e 2008. O mais evidente deles, é a origem das crises. Ambas começaram nos EUA e posteriormente se propagaram para o resto do mundo, tornando-se uma crise global. As duas crises ocorreram em um ambiente de desregulamentação financeira, com livre mobilidade de capitais através do *boom* uma bolha especulativa. As consequências também foram bastante parecidas, havendo endividamento, desemprego, contração do crédito, queda na produção em ambos os períodos.

Um aspeto que demonstrou bastante diferença entre as referidas crises, foi a duração dos choques nas variáveis macroeconómicas. Inicialmente, as perdas nos mercados de ações e a contração comercial foi maior em 2007. A produção industrial caiu inicialmente o equivalente nos dois períodos. Porém, a crise mais atual demonstrou capacidade de recuperação muito mais rápida contrastada a progressiva deterioração de 1929.

A crise de 1929 foi um ano de notáveis acontecimentos económicos; foi nesse ano que teve início a mais momentosa ocorrência económica da história dos Estados Unidos, a Grande Depressão.

Essa crise continua sendo associada ao *crash* da bolsa de Nova York em 1929. Mas a questão principal a ser explicada não é o estouro da bolha especulativa no mercado de ações, um fenómeno conhecido e bem estudado, mas como a recessão de 1929 transformou-se na depressão da década de 1930, que se espalhou pelo mundo, gerando pânicos bancários, como o de 1931, gerando crises políticas em vários países e, finalmente, mantendo uma taxa de desemprego sem precedentes por cerca de uma década, até o advento da Segunda Guerra Mundial.

De acordo com Prado (2011), este fenómeno teve consequências no desenvolvimento da Teoria Económica e na criação da ordem económica internacional do pós-guerra. Por ocasião de sua eclosão, o que é hoje chamado de macroeconomia resumia-se a dois temas pouco integrados teoricamente: a teoria monetária e a teoria dos ciclos económicos. Uma primeira consequência dos estudos sobre a Grande Depressão foi o surgimento da Macroeconomia, que integrou esses temas, e formulou modelos teóricos para mensurar o desempenho da economia, que agora são de conhecimento corrente inclusive do público em geral, sem qualquer formação em economia, como PIB, Renda Nacional, Balanço de Pagamentos e outros.

O debate económico no século XX foi pautado por questões trazidas pela Grande Depressão. Problemas económicos revelados pela depressão levaram ao surgimento da Revolução Keynesiana na década de 1930 e 1940. Essas questões alimentaram os debates entre os Keynesianos e os Monetaristas nas décadas de 1950 e 1960. Elas foram importantes para o surgimento da corrente de Expectativas Racionais, na década de 1980, que se opunha aos instrumentos de gestão da economia keynesianos, e para os debates entre os Novos-clássicos e Novos-keynesianos. Finalmente, na última década do século, o liberalismo voltou a ter a mesma proeminência, na academia e no governo, que tinha antes da Grande Depressão. (Prado, 2011)

Apesar da década de 1980 e de 1990 não ter sido desprovida de crises financeiras, com a minicrise de 1987, os efeitos desses novos fenómenos eram maiores nos países em desenvolvimento do que nas economias industriais avançadas. Essas crises eram vistas como problemas para o novo debate sobre Globalização Económica,

mas irrelevantes para o antigo debate da Economia da Depressão. A Grande Depressão seria apenas história económica, sem lições para o presente. Suas questões teriam sido ultrapassadas pelos conhecimentos adquiridos da teoria económica e pelo domínio de novos instrumentos de política económica. Grande Depressão da década de 1930 foi um dos eventos históricos que marcaram o século XX e que cujos efeitos estenderam-se até o século actual.

A Crise Financeira actual, que se instalou e desenvolveu nos mercados financeiros, desencadeou a falência de muitas instituições bancárias e não bancárias em todo o mundo. Tal como várias crises anteriores, esta teve origem numa bolha especulativa, que ocorreu no sector imobiliário, acreditando os operadores e agentes, que ao comprarem determinado ativo o seu preço haveria de continuar a subir. E foi por se alimentar a expectativa de poder-se ganhar no futuro cada vez mais dinheiro à custa da subida do preço desse tipo de ativos, que a bolha acabou por rebentar, tendo arrastado consigo tanto a construção imobiliária como as despesas dos consumidores.

Segundo Mateus, Abel (2009) O rebentamento de uma bolha especulativa, tal como o que se passa no mundo físico, onde se assiste à propagação das partículas que se acumulam dentro da bolha, provoca um fenómeno de propagação e contágio a todos os mercados de activos e ainda o colapso da confiança e geralmente a um *overshooting* negativo dos preços dos ativos que foram objecto da bolha. Tendo começado nos Estados Unidos da América como se diz, mais propriamente no setor imobiliário, rapidamente se propagou à economia dando origem a uma crise económica só comparável à crise que em 1929 que ficou conhecida por “Grande Depressão”. A actual crise ou como lhe chama Paul Krugman, a “Grande Recessão” é essencialmente uma crise de confiança ou de perda de confiança que funcionou como um rastilho no mundo financeiro globalizado em que vivemos.

Krugman (2009) aponta o Sistema Bancário Sombra (Fundos de Investimento, Bancos de Investimento, etc.) como o grande responsável pela crise actual. Mostra ainda que à medida que o Sistema Bancário Sombra se expandia chegando até a rivalizar ou até ultrapassar em importância o Sistema Bancário convencional, o governo devia ter-se apercebido que estava a recriar o tipo de vulnerabilidade financeira que tornou a Grande Depressão possível. Assim sendo, deveriam ter sido implementadas redes de segurança financeira e aumentadas as regulações de modo a cobrir estas novas instituições. Mais

uma vez, a falta de regulação é apontada como uma das principais causas para esta crise, já que este sistema bancário tinha atingido um nível de importância que não era correspondido pela regulação a que era sujeito, isto é, muito pouca.

Krugman (2009) refere-se ainda à falta de atenção e pouca importância dada pelas autoridades americanas à bolha imobiliária dos Estados Unidos da América. O preço das habitações nos EUA atingiu o seu pico no Outono de 2005 e desde aí não parou de descer. O preço das casas chegou a níveis tão elevados que as pessoas deixaram de ter possibilidades de comprar casa, mesmo recorrendo aos empréstimos baratos. A partir desse momento, os vendedores começaram a baixar o preço das habitações até que, em 2007, os preços destas já tinham diminuído tanto que os pressupostos nos quais se baseavam os empréstimos do segmento *subprime* tinham ido por “água abaixo”. Mesmo que os bancos, em caso de execução hipotecária, ficassem com as habitações, o valor destas quando finalmente estivesse na posse dos bancos seria muitíssimo mais baixo do que inicialmente seria esperado, facto que veio desencadear o colapso do segmento *subprime* e o início desta crise.

No começo de 2007, teve início uma crise que muitos afirmaram já ser expectável que tivesse lugar mas da qual poucos estavam à espera. Galbraith (1972) refere que:

“Se vier a ocorrer, alguma vez, uma aventura de especulação no mercado de acções seguida por outro colapso, os seus efeitos sobre a economia não serão os mesmos que em 1929. Se tal acontecimento virá a demonstrar que a economia é fundamentalmente sólida ou não, é algo que, infelizmente, só se tornará evidente depois de ocorrer”. (Galbraith,1972 p: 282)

O rentável mercado imobiliário americano, após uma valorização de cerca de 124% entre 1997 e 2006, entrava em colapso. Inúmeras hipotecas eram encerradas e algumas instituições financeiras caíam juntamente com essas hipotecas. Várias causas são apontadas, como a falta de poupança por parte do povo americano, o excesso de concessão de crédito por parte dos bancos ou até práticas ilegais levadas a cabo por instituições financeiras credenciadas, entre outras. No entanto, antes de se discutirem as causas e os acontecimentos que originaram esta crise, é importante caracterizar a situação económica e financeira vivida antes do seu início.

De acordo com Stiglitz (2000), a globalização da economia beneficiou os países que souberam tirar partido dela, procurando novos mercados para as suas exportações e atraindo o investimento estrangeiro. Mas para outros a globalização teve um impacto bem diferente onde a globalização não trouxe grandes benefícios. Este autor afirma que:

“...para milhões de pessoas, a globalização não funcionou. Muitos ficaram pior, quando perderam os seus empregos e a sua vida se tornou mais insegura. Sentem-se cada vez mais impotentes perante forças que escapam ao seu controlo. Assistiram à destruição das suas democracias, à erosão das suas culturas”. (Stiglitz, 2002: 307)

Afirma ainda, que desta forma a globalização iria não só ter dificuldade em promover o desenvolvimento, como também criar pobreza e instabilidade. Realça que a situação atual faz lembrar a crise de há setenta anos atrás, quando o mundo mergulhou na Grande Depressão.

Nesta época, graças aos avanços tecnológicos e aos ganhos de produtividade dos anos 1990, a Economia Americana conseguia crescer, as taxas de juros eram razoáveis e a inflação sob controle. Com isso, os juros ficaram baixos por um longo período de tempo, permitindo que as pessoas com renda menor e pior avaliação de risco de crédito contraíssem dívida para comprar imóveis e alimentando uma bolha no mercado imobiliário. Ora, nos Estados Unidos era prática comum uma família fazer mais de uma hipoteca de uma mesma casa, ou seja, antes mesmo de ter quitado uma hipoteca, o morador fazia novo financiamento, dando como garantia aquele imóvel e usava dinheiro para comprar outros novos bens, como carros, eletrodomésticos.

Ora, com esta situação a bolha começou a estourar, a entrar num verdadeiro colapso, quando a FED (Federal Reserve, o banco central Americano) aumentou a taxa básica de juros, o que levou as prestações das hipotecas a subir, e com isso, provocou o calote das dívidas, sobretudo dos clientes *subprime*.

2.2. O Impacto da Crise Atual no Resto do Mundo

Apesar de se ter iniciado nos EUA, a crise financeira atual não teve impacto apenas neste país. À medida que algumas instituições financeiras americanas iam colapsando e que o congelamento do crédito interbancário se ia agravando, a confiança nos mercados financeiros ia diminuindo e a crise começou a alastrar-se para o resto do

mundo por via dos títulos que estavam presentes em empresas do mundo inteiro e que agora, pouco ou nada valiam. Não só por este motivo mas também por culpa do próprio congelamento interbancário.

De acordo com Rabot, Jean e Oliveira, Mafalda (2014) se as dúvidas quanto ao futuro são prementes é porque a crise é geral, não é apenas uma crise económica, a de inúmeras bolhas que costumam explodir (ações, imobiliário, internet, etc.), é porque o espírito que presidia à modernidade foi atingido em pleno coração. Para os antigos Gregos a crise indicava um momento crítico que exigia um juízo, uma cisão, exigindo uma decisão que, por sua vez, deixava vislumbrar uma saída da crise. Hoje, pelo contrário, “a crise parece marcada pelo selo da indecisão, do que não pode ser decidido. O que sentimos neste nosso período de crise é que já não há nada a decidir, nada a decidir, pois a crise se tornou permanente”. Revault d’Allonnes (2012:10) *In* Rabot, Jean e Oliveira, Mafalda (2014).

Na Europa, as medidas tomadas pelos Bancos Centrais foram semelhantes às tomadas nos EUA: tentar injetar liquidez nos bancos e nos mercados financeiros e servir o seu propósito como emprestadores de último recurso. No entanto, por exemplo no caso do Banco de Inglaterra, estas medidas foram tomadas com pouca convicção, tendo-se verificado medidas pouco drásticas face à situação que se verificava. Os pacotes de estímulos do Banco de Inglaterra não eram suficientemente “aliciantes” para as instituições financeiras que se encontravam em dificuldades, dado que as taxas a que o Banco de Inglaterra concedia ajuda (entenda-se empréstimos) chegavam a ser penalizadoras face às taxas de crédito interbancário. À semelhança do que aconteceu nos Estados Unidos da América, também em Inglaterra houve Bancos a colapsar. Um Banco de dimensão considerável, o Banco *Northern Rock*, o quinto maior banco de crédito à habitação inglês, verificou uma corrida aos seus depósitos, resultado de falta de liquidez e das notícias das más condições financeiras em que este se encontrava. O Banco de Inglaterra teve que intervir, resgatar o banco e garantir os seus depósitos. (Silva, 2011)

À semelhança do que aconteceu nos EUA, houve também um aumento do desemprego na maioria dos países europeus e o crescimento do produto nacional bruto real da maioria dos países europeus abrandou bastante e em alguns casos chegou até a valores negativos.

Na Europa, a consequência mais chocante desta crise foi a falência de um país, isto é, a entrada em bancarrota da Islândia. A Islândia, tido como um país financeira e economicamente seguro, entrou em bancarrota em 2008. Como consequência do colapso dos seus três maiores bancos, forte desvalorização da sua moeda e uma intensa crise bolsista, a Islândia deparou-se com uma profunda crise financeira e de liquidez e, em Outubro de 2008, o país entrou em bancarrota, tendo mais tarde recorrido a ajuda financeira externa para “sobreviver” e recuperar, objetivo, até à data, ainda não conseguido.

No resto do Mundo, o padrão repetiu-se, salvo raras exceções (China e outros países em vias de desenvolvimento). Contudo, tanto como resultado da crise como resultado do aumento do consumo por parte de países como a China ou a Índia, verificou-se um aumento bastante significativo do preço das *commodities*. O petróleo, o produto mais comercializado do Mundo, aumentou drasticamente de preço desde o início da crise financeira, tendo atingido o valor mais elevado de sempre.

Stiglitz (2000) afirma que as últimas crises financeiras ocorreram na América Latina, nos anos 80, em que houve uma acumulação de défices públicos e as políticas monetárias frouxas produziram inflação incontável. Segundo ainda este autor, rapidamente as situações foram-se agravando, em 1998 a produção em alguns países atingidos, caíra 16%, metade das empresas da Indonésia estava tecnicamente falida, ou perto disso, e como resultado o País não podia sequer tirar vantagem das oportunidades da exportação que a queda no câmbio oferecia. O desemprego disparou, e os salários reais despencaram. A crise espalhou-se, não só pela América Latina e Ásia mas, também, pela poderosa Rússia. A desigualdade de renda era enorme, os Russos na sua grande maioria perderam a confiança no mercado livre, e sentiram também, uma queda significativa dos preços petrolíferos.

A globalização desempenha um papel importante na diferença entre hoje e 80 anos atrás. Hoje todas as economias mundiais estão ligadas de uma forma ou de outra e isto tem definitivamente dá um maior um efeito em todo o mundo quando um país tem problemas financeiros ou económicos. Há certamente semelhanças nas reações, mas dentro de 80 anos, o mundo mudou muito e está mais interligado. Além disso, hoje há pacotes de resgate e garantias estatais, que podem apoiar instituições com problemas financeiros, algo que não existia em 1929. No entanto, hoje, mesmo com o apoio dos

estados e dos bancos centrais, não é certo qual será o resultado. Uma situação como esta, com este apoio nunca existia antes, e por este motivo é difícil determinar qual é o efeito a longo prazo será a aparência, o mundo só vai ver no futuro, se as reações eram o caminho certo. Até o momento, podemos perceber que algumas economias não cresceram tanto quanto esperavam e por isso se encontram em uma nova crise. Algo extremamente semelhante entre a crise de 2008 e a de 1929 foi extraordinário crescimento da economia que antecedeu a crise que logo em seguida levou o país a uma grande queda na economia.

2.3. O Impacto da Crise Atual em Portugal

De acordo com Silva, André (2011) a crise económica e financeira atual, à semelhança do que se passou no resto do Mundo, teve um forte impacto em Portugal. O país, que já se encontrava em dificuldades económicas e financeiras, deparou-se com um agravamento da situação em resultado do comportamento de alguns agregados macroeconómicos no ano de 2009, destacando-se uma diminuição do consumo privado de 1,1%, uma diminuição das exportações nacionais de 11,6%, assim como uma diminuição das importações de 10,6%. Destaque ainda, em termos de indicadores económicos expressivos quanto à situação económica e financeira nacional, para o PIB, a dívida pública e o défice orçamental. Em 2009, observou-se uma diminuição do PIB de 2,5%, um aumento da dívida pública para 83% do PIB nacional e ainda um aumento do défice orçamental de 3,5% em 2008 para 10,1% em 2009.

Segundo Synek, Clara (2009) a crise financeira teve um grande impacto na riqueza das famílias em Portugal e na zona Euro. A incerteza em relação às perspectivas económicas do mercado de trabalho, dos rendimentos e do mercado imobiliário associado à quebra do património financeiro líquido das famílias. Isto se sucedeu devido à depreciação do valor das ações, levando as famílias em Portugal e na zona euro apaziguar o crescimento do consumo e aumentar a taxa poupança em 2008 e no 1º semestre de 2009. Segundo ainda esta autora, entre 2000 e 2007, em Portugal e outros países da zona euro, o endividamento aumentou.

A quebra do emprego e elevada instabilidade no mercado de trabalho percepcionada pelas famílias levou-as a dotar um comportamento de maior contenção no consumo e estimulando-as a acumular as suas disponibilidades em forma de

poupança. A situação financeira das famílias mais em concreto os mais vulneráveis, como as pessoas detentoras de rendimentos baixos e os jovens iria deteriorar-se em 2009, uma quebra do emprego e tendência ascendente da taxa de desemprego.

Este risco bem patente está relacionado com o facto da recuperação económica da zona euro se revelar mais rapidamente do que em Portugal, originando assim, uma evolução ascendente das taxas de juro, prejudicial para as famílias portuguesas que se encontram fortemente endividadas (Synek, 2009).

Devido a este desconforto e instabilidade a nível emocional e profissional do consumidor vem provocar sentimentos impotência e fraqueza. Como nos refere Lipovetsky:

“ (...) os modos de existência se destradicionalizam, porque a vida pessoal e a vida profissional se tornam incertas e precárias, multiplicam-se as ocasiões em que nos sentimos amargurados, em que duvidamos de nós próprios e em que avaliamos negativamente o nosso percurso”.

(Lipovetsky, 2007:146)

As crises têm sempre efeitos terríveis e negativos, mas têm também um aspeto positivo que é o de obrigar as pessoas a alterar comportamentos e a ter comportamentos mais inteligentes. As pessoas compram hoje menos por impulso, gerem melhor o seu orçamento familiar. A sua qualidade de vida em alguns aspetos piorou, mas noutros casos há uma relação mais inteligente com a utilização do automóvel, com as idas aos restaurantes, com a comparação de preços. Tem havido claramente uma retenção no ato de consumo de produtos e serviços no contexto da crise atual.

Portugal foi um dos países Europeus afetados pela Crise económica e financeira que veio alterar significativamente o estilo de vida das famílias. Em tempos difíceis como os que se vivem actualmente, as famílias portuguesas vêem as suas vidas cada vez mais limitadas pela crise que Portugal atravessa.

A forma como o indivíduo se comporta perante o consumo vai-se refletir no seu estilo de vida. Como nos refere Dubois:

“O estilo de vida refere-se ao modo de vida, entendido na sua acepção mais lata, de uma sociedade ou de um dos seus segmentos. É, por conseguinte, determinado por

elementos como a cultura, o simbolismo dos objetos e os valores morais. Num certo sentido o tipo de compras e o seu modo de consumo refletem o estilo de vida de uma sociedade”. (Dubois, 1993: 155)

De acordo com Silva, Ana (2013), esta instabilidade financeira nas famílias portuguesas obrigou-as a alterar os seus hábitos de consumo de forma rápida e intensa. Quase 60% das famílias puseram travão aos gastos não essenciais e um terço admite ter dificuldades para cobrir as necessidades essenciais. Os portugueses estão de volta ao passado, mais concretamente aos anos 1980: por exemplo, voltam à cozinha e aos produtos mais tradicionais. A crise financeira e as medidas de austeridade estão a mudar os hábitos de compra de forma profunda e rápida. As famílias mais afetadas compram nas lojas como o Lidl e Minipreço e 43% dos produtos que escolhem são de marca da distribuição, mais barato do que os da marca da indústria.

Segundo Truninger e Teixeira (2013), cada vez mais as famílias enfrentam situações socioeconómicas que constroem significativamente o seu poder de compra e as escolhas levadas a cabo. Esta situação, em alguns casos, compromete a aquisição de bens e serviços básicos, que são determinantes para a manutenção dos níveis de bem-estar e qualidade de vida do indivíduo. Outras famílias ficam até condicionadas ao básico, recorrendo a apoios provenientes da comunidade (Organismos de solidariedade e de voluntariado de indivíduos e instituições que prestam serviços sociais). Esta incapacidade de acesso à alimentação básica e as dificuldades que estas famílias enfrentam, são características de definem fenómenos de insegurança e pobreza alimentar bem patente nesta crise que estamos atualmente a viver.

Como tenho vindo a referir, com a crise atual que estamos a enfrentar, muitas das famílias foram obrigadas a fazer alterações nos seus hábitos de consumo. Efetivamente, a recessão portuguesa, conjugada com a implementação de medidas de restrição orçamental (medidas de austeridade), levaram a uma diminuição significativa dos rendimentos reais das famílias. Para isso, contribuíram, também, os cortes salariais, os aumentos dos impostos diretos e indiretos, os cortes nas pensões, a diminuição do subsídio de desemprego (em termos monetários e de extensão temporal), outros apoios sociais e o menor investimento público. Acrescenta-se, ainda, o aumento do desemprego.

Ao mesmo tempo, desenvolveu-se um estado de confiança negativo, sobre a reversão da situação macroeconómica. Na verdade, dado que, o nível de endividamento das famílias já era muito elevado, estas medidas afetaram a estrutura de consumo das famílias.

Contrariamente à visão de muitos outros autores e à forma como descrevem a crise, o sociólogo Michel Maffesoli em entrevista ao *Jornal do Brasil* (2009) “*A crise é um assunto chato*”, mostra-nos que a crise é um assunto chato, que a crise não está nos fatos, mas em nossas cabeças e, que não é nada mais que um retorno trágico em nossas vidas, ensina-nos que a crise económica não passa de uma consequência de uma mudança profunda e agradável. Ele realça que realmente a crise existe e que tem consequências mas, apesar disso, ele prefere se focar na emergência de novos paradigmas. “*A crise é um assunto chato. Sou daquelas pessoas que, para provocar, já vai logo dizendo que não existe crise (risos). Se fomos reduzir a crise a uma dimensão económica e financeira, é claro que ela existe, e que tem consequências. Mas para mim o que interessa de fato é a emergência de novos paradigmas. Quando há uma passagem de um momento a outro, como acontece agora, surgem crateras em todos os lugares. É um pouco como um garoto quando chega a adolescência. Ele está bem consigo mesmo, em harmonia com seu ambiente, e de repente começa a ficar com espinhas, vê mudanças em seu corpo, começa a repensar sua relação com si próprio e com os outros, sem que haja razão precisa para isso, a não uma passagem a outro estágio*”.

3. Sociedade de Consumo numa Perspetiva Sociológica

O conceito de sociedade de consumo numa visão sociológica conforme a *Infopédia dicionários porto editora* é um dos conceitos usados para caracterizar a época contemporânea, que é a era das massas. Os Estados Unidos da América foram o primeiro país em que se verificou a sociedade de consumo, já após a Primeira Grande Guerra (numa euforia que foi fortemente abalada pela Grande Depressão), mas sobretudo após a Segunda Guerra Mundial. Enquanto durante um século de Revolução Industrial o consumo e o tipo de vida não haviam modificado profundamente as sociedades em vias de industrialização, desde o fim do século XIX ao fim do século XX, e não obstante as crises e as guerras, o consumo sofreu uma grande mudança.

Podemos definir o consumo com uma das tentativas para entender as mudanças que vêm ocorrendo nas sociedades contemporâneas e refere-se à importância que o consumo tem recebido na construção das relações sociais e na formação e fortalecimento das nossas identidades. Dessa maneira, o nível e o estilo de consumo tornam-se a principal fonte de identidade cultural, de participação na vida colectiva, de aceitação em um grupo e de distinção com os demais. O consumo está presente nas diversas esferas da vida social, económica, cultural e política.

A importância do consumo na vida coletiva e individual tem sido um tema tão destacado que a própria sociedade é designada por sociedade de consumo, sendo este um assunto alvo estudo e de investigações dos mais variados autores.

De acordo com Baudrillard (1995), à nossa volta existe hoje uma espécie de evidência fantástica do consumo e da abundância criada pela multiplicação dos objetos, dos serviços, dos bens materiais originando como que uma categoria de mutação fundamental na ecologia da espécie humana. Este autor afirma ainda que:

“O consumo revela-se, pois, como poderoso elemento de dominação social.”
(Baudrillard, 1995:84)

A Sociologia do Consumo procura responder a algumas questões em relação ao acto de consumir: consumir porquê, o quê, para quê, por quem e para quem? Algumas perspectivas enfatizam a vontade do indivíduo, enquanto outras destacam imperativos sociais; para certos autores, a escolha de consumo é resultante de uma decisão

ponderada e racional mas, segundo outros, impera antes o poder do subconsciente, tanto a nível individual como a nível colectivo. (Ribeiro, 2008)

Como sabemos as Ciências Sociais e do Comportamento tentam explicar o consumo, cada uma a seu modo. De acordo com Raquel Ribeiro (2012) a Sociologia coloca ênfase no modo como o ato de consumo é gerado, conduzido, concretizado e avaliado segundo ditames sociais. Relata-nos ainda que no seio, o que diverge é sobretudo a forma como o agente social é encarado: ora livre e autónomo, ora dependente e dominado, ora racional e ponderado, ora emotivo e impulsivo, ora consensual e pacífico, ora conflituoso e rebelde.

Raquel Ribeiro (2012: 65) no seu livro sobre *Consumo e Classes Sociais em Portugal-Auto-retratos* apresenta-nos algumas ideias fundamentais da importância e influência do meio social no acto de consumir:

Em primeiro lugar, “*Não existe consumo que não seja influenciado pelo social*”. A educação recebida, a experiência de vida, as pessoas que se conheceu, aqueles a quem deseja agradar, os que nos servem de modelo de atração e de repulsa, os que nos avaliam, os que nos imitam, os conhecidos e os estranhos... tudo o que é social concorre para a formação de gostos, preferências, indicadores e avaliações que não podem ser isolados no espaço mental de um único indivíduo. Procurar isolar o “consumidor” da sociedade é perfeitamente estéril.

Em segundo lugar, “*A sociedade modela sempre, mas o indivíduo tem uma decisão final em grande parte das situações*” Para lá da forma, do espatilho, cada ser humano possui um determinado grau de vontade, de criatividade e de arbitrariedade que tornam os fenómenos sociais mutáveis, o que exige uma cada vez maior atenção dos investigadores. Ao obedecer, ao conformar-se, o indivíduo não deixa por isso de estar a escolher.

Em terceiro lugar, “*O consumo pode ser funcional e simbólico, racional e emotivo*”. O peso de cada um destes factores é iminentemente situacional: a compra de um detergente pode ter um escasso contributo simbólico e uma elevada influência do preço baixo, assim como a utilização de um par de sapatos desconfortáveis mas elegantes pode compensar o incómodo satisfazendo a vaidade. Portanto, a escolha nunca deixa de ser efetuada num contexto social: quer a poupança, quer a extravagância

são aprendidas e praticadas socialmente. Por último, “*o consumo é um instrumento e um indicador relevante do status social*” com a perda de influência da posse dos meios de produção na definição das classes sociais, com o crescente recurso ao trabalho assalariado por parte dos mais abonados, com a perda de consciência de classe, com o aumento da relevância dos agrupamentos profissionais, a diferenciação social faz-se cada vez mais pela via do status.

De acordo com Campbell, 1995 *in* Ribeiro (2008), o consumo pode entender-se o ato de apropriação e/ou utilização (geralmente de carácter aquisitivo, implicando uma troca) de um determinado bem ou serviço, por parte de um ou mais indivíduos, com vista à satisfação de necessidades materiais ou não-materiais, ou, em termos mais latos. Este autor afirma que:

“Qualquer actividade envolvendo a selecção, compra, uso, manutenção, reparação e destruição de qualquer produto ou serviço”. (Campbell, 1995: 104).

Para a sociologia, a tentativa de explicar o consumo pode implicar o estudo da satisfação de necessidades ou desejos, da comunicação de distinções sociais, do reforço de padrões de superioridade e inferioridade entre indivíduos e grupos, da simbolização de sucesso ou poder, da expressão de estados de espírito ou de formas de comunicação interpessoal. (Campbell,1995; Cruz, 2013 *in* Ribeiro *et al* 2013)

É aceite correntemente pela Sociologia que a aquisição, posse e exibição (ou ocultação) de bens representa uma das formas de exprimir status social e que se faz diferentemente, consoante o estrato ou classe social a que o indivíduo pertença; tem-se mesmo advogado que, pelo poder simbólico que o acto de consumo adquiriu de comunicar status, a pertença ou aspiração a um estrato ou classe social constituem imperativos enformadores das decisões de consumo dos indivíduos e grupos. (Ribeiro, 2008)

3.1. Comportamento do Consumidor:

Segundo Solomon (2002), o comportamento do consumidor é o estudo dos processos desencadeados quando uma pessoa escolhe, compra e usa um produto ou serviço a fim de saciar uma necessidade.

O consumo encontra-se presente em todas as atividades diárias do ser humano, tal como, nos descreve Baudrillard (1995) no seu livro sobre a sociedade de consumo:

“Chegámos ao ponto em que o «consumo» invade toda a vida, em que todas as actividades se encadeiam do mesmo modo combinatório, em que o canal das satisfações se encontra previamente traçado, hora a hora, em que o «envolvimento» é total, inteiramente climatizado, organizado, culturalizado.” (Baudrillard, 1995: 19)

Veblen, em inícios do século XX, (1983) é o primeiro autor que defende expressamente que os fenómenos do consumo dependem da estrutura social, e não das necessidades naturais e de sua livre satisfação por parte do consumidor por meio do mercado.

De acordo com este autor, o consumo de bens confere proeza e passa a ser um requisito da dignidade humana, tornando-se com honorífico. Já a incapacidade de consumir passa a ser prova de inferioridade, evidenciando assim, a estratificação social. Todavia, é necessário também que os membros dessa classe ociosa saibam como consumir.

Veblen afirma que:

“Estritamente ligado ao requisito de livre consumo da espécie correta de bens existe um outro requisito, ele deve também saber consumi-los de modo adequado. Sua vida de ócio deve ser corretamente conduzida” (Veblen, 1983: 38).

De acordo com alguns autores, como Shiffman e Kanuk, definem o comportamento do consumidor como:

“O estudo de como os indivíduos tomam decisões para gastar os seus recursos disponíveis (dinheiro, tempo e esforço) em artigos de consumo”.

(Shiffman e Kanuk,1993: 6)

Para Santos (2001), o consumo é um facto social central para a compreensão da contemporaneidade, encontra na forma como os indivíduos e grupos se comportam, na satisfação de necessidades e desejos, uma das suas mais significativas formas de expressão.

O comportamento do consumidor é alcançar metas particulares que têm como fim a satisfação de suas necessidades e desejos. Em determinado momento da compra o consumidor busca por satisfações múltiplas que estão presentes no seu dia a dia. De acordo com Barbosa (2004) consumir, seja para fins de satisfação de necessidades básicas e/ou supérfluas- duas categorias básicas de entendimento da atividade de consumo nas sociedades ocidentais contemporâneas- é uma atividade presente em toda e qualquer sociedade humana.

Para outros autores o consumo está em tudo o que realizamos no nosso quotidiano. O consumo faz parte da vida de qualquer ser humano e é visto como algo espontâneo e comum. Tal como nos afirma Bauman:

“ Aparentemente o consumo é algo banal e até mesmo trivial. É uma actividade que fazemos todos os dias, por vezes de maneira festiva, ao organizar um encontro com amigos, comemorar um evento importante ou para recompensar por uma realização particularmente importante- mas a maioria das vezes é de modo prosaico, rotineiro, sem muito planeamento antecipado nem reconsiderações.” (Bauman, 2008: 37)

Podemos afirmar que o lugar do consumo é a vida quotidiana. Esta não é apenas a soma dos factos e gestos diários, a dimensão da banalidade e da repetição; é um sistema de interpretação. A quotidianidade constitui a dissociação de uma praxis total numa esfera transcendente, autónoma e abstracta (do político, do social e do cultural) e na esfera imanente, fechada e abstracta, do “privado”. O indivíduo reorganiza o trabalho, o lazer, a família, as relações, de modo involutivo, aquém do mundo e da história, num sistema coerente fundado no segredo do privado, na liberdade formal do indivíduo, na apropriação protectora do ambiente e no desconhecimento. (Baudrillard, 1995)

Quando abordamos a temática do consumo estamos incidir em várias dimensões presentes na vida social. Como nos refere Barbosa:

“ (...) as teorias sobre o consumo inquiram sobre dimensões da vida social (...), aos processos sociais e subjetivos que estão na raiz da

escolha de bens e serviços, quais são os valores, as práticas, os mecanismo de fruição e os processos de mediação social a que se presta o consumo; qual o impacto da cultura material na vida das pessoas, e ainda, como o consumo se conetra a outros aspectos da vida social”. (Barbosa, 2004: 14)

Solomon (2002), define o comportamento do consumidor como uma área bastante abrangente, pois estuda os processos de decisão envolvidos quando um indivíduo ou grupo selecionam, compram, usam produtos, serviços, ideias ou experiências para satisfazer as suas necessidades e desejos.

O comportamento do consumidor refere-se ao processo em que os indivíduos ou grupos, compram, usam, ou dispõem de serviços ou ideias para satisfazer suas necessidades e desejos. Para avaliarmos o comportamento do consumidor é pertinente falarmos do conceito das atitudes. O conceito de atitudes divide-se em três componentes: Cognitivas, afetivas e conotativas. Como nos diz Dubois:

“A componente cognitiva agrupa o conjunto dos conhecimentos, crenças e associações mantidas a propósito do objeto considerado (...). A componente afetiva corresponde á avaliação da imagem assim formada. Resume os sentimentos positivos ou negativos experimentados a seu respeito assim como as emoções criadas (...). A componente conotativa liga-se às intenções de comportamento”. (Dubois, 1993: 74)

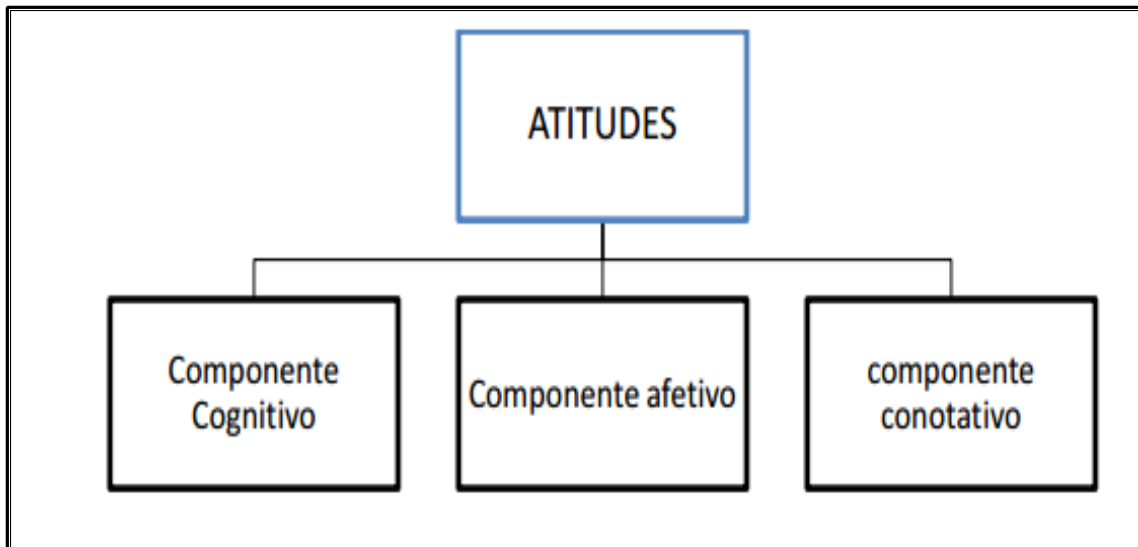


Figura 1 - Elementos das atitudes [1].

Tal como Dubois (1993), outros autores como Engel, Blackwell e Miniard (2000) referem que a atitude é composta por três elementos, o componente cognitivo (as crenças e os conhecimentos do consumidor), o componente afectivo (os sentimentos em relação a um determinado produto), o componente conotativo (as tendências do comportamento) conforme a figura a seguir:

Solomon (2002) apresenta o conceito de hierarquia dos efeitos das atitudes dos consumidores, baseada em três hierarquias diferentes:

Aprendizagem tipo padrão – o consumidor aborda a decisão sobre um produto como se estivesse perante um processo de resolução de problemas. Primeiro, o consumidor forma uma ideia sobre um produto através da acumulação de conhecimento em relação a atributos relevantes. Seguidamente, o consumidor avalia essas ideias e forma um afeto sobre o produto. Por último, baseando-se na sua avaliação pessoal, o consumidor apresenta um comportamento perante aquele produto.

Baixo envolvimento- o consumidor age baseado em conhecimento, limitando-o, isto é, faz uma avaliação apenas após a compra ou a utilização do produto. Esta atitude surge baseada num processo de aprendizagem comportamental, ou seja, a escolha do consumidor é reforçada pelas boas ou más experiências com determinado produto.

Conhecimento prático- o consumidor age de acordo com as suas reações emocionais. A avaliação global do objeto, que é uma avaliação afetiva, é considerada por muitos teóricos como sendo a parte mais importante da atitude do consumidor.

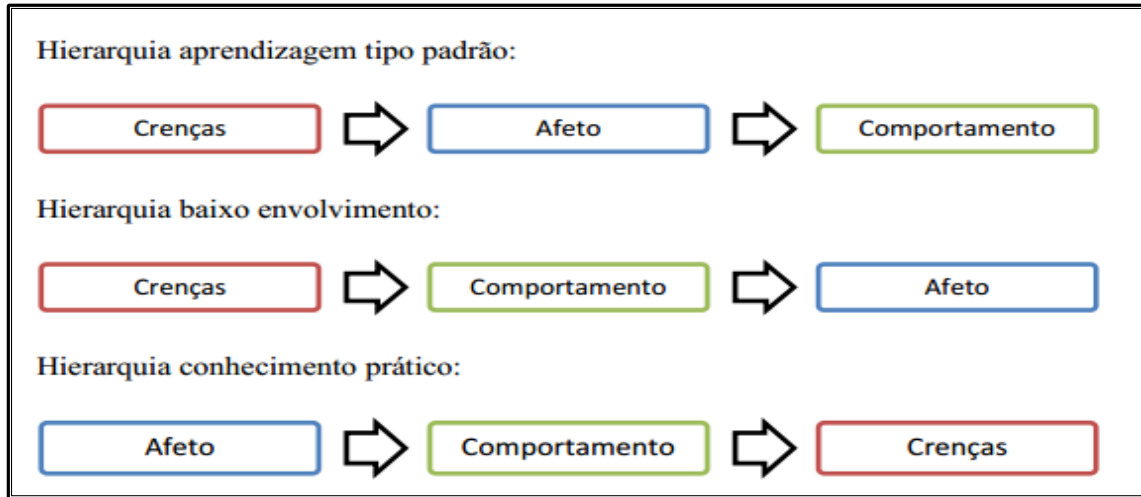


Figura 2 - Modelo de atitudes [2].

Para além deste conceito das atitudes, existem fatores que vão influenciar a compra do consumidor. Estes fatores dividem-se em três níveis: O nível sociocultural, no que respeita à classe social, estilo de vida e a cultura.

“A expressão “estilo de vida” embora tenha um significado sociológico mais restrito, designando o estilo de vida distintivo de grupos de status específicos, no âmbito da cultura do consumo contemporânea ela conota individualidade, auto-expressão e uma consciência de si estilizada. O corpo, as roupas, o discurso, os entretenimentos de lazer, as preferências de comida e bebida, a casa, o carro, opção de férias etc. de uma pessoa são vistos como indicadores de individualidade do gosto e o senso de estilo do proprietário/consumidor”. (Featherstone, 1995: 119)

Temos também, o nível Interpessoal, no que se referem aos respetivos grupos de referência e líderes de opinião. E, por fim, temos o nível individual que se baseia nas necessidades, perceções e atitudes do indivíduo. (Dubois, 1993)

Engel, Blackwell e Miniard (2000), compreendem que o comportamento do consumidor é uma tarefa complexa e dinâmica. Isso se explica devido ao fato de que o comportamento de compra e de consumo pode ser afetado por diversos fatores como as diferenças individuais (recursos do consumidor, motivação e envolvimento, conhecimento, atitudes, personalidade, valores e estilo de vida), as influências

ambientais (cultura, classe social, influências pessoais, família e situação) e os processos psicológicos.

Segundo Kotler e Keller (2006) os fatores como grupos de referências, família, papéis sociais e *status* também influenciam no comportamento do consumidor. Sendo o grupo de referência responsável pela influência direta sobre as atitudes ou comportamento de uma pessoa. Estes grupos são classificados em grupos de afinidade, como família e amigos, grupos de aspiração, tidos como aqueles a que o indivíduo espera pertencer, e grupos de dissociação, cujos valores ou comportamentos são rejeitados e servem como base para aquilo que o indivíduo não deseja fazer.

De acordo com Kotler e Armstrong (1998), a opção do consumidor é diretamente influenciada por características culturais, pessoais e psicológicas. Na figura seguinte, são mostrados os fatores que influenciam o comportamento do consumidor, levando-se em consideração as partes Culturais, Sociais, Pessoais e Psicológicas.

Os factores culturais são responsáveis por exercer uma grande influência sobre os consumidores, em que como podemos verificar na figura1 estes divide-se em: cultura, subcultura e classe social. Kotler (1998) dá-nos uma definição de classe social:

“As classes sociais são divisões relativamente homogêneas e duradouras de uma sociedade, que são ordenadas hierarquicamente e cujos membros compartilham valores, interesses e comportamentos similares”
(Kotler, 1998: 163)

Segundo Barbosa (2010), há uma diferença fundamental quando se fala em sociedade de consumo e cultura do consumo. O consumo está presente em todas as sociedades, pois é essencial no processo de reprodução de qualquer cultura, o que significa dizer que todo e qualquer ato de consumo é essencialmente cultural. Mas o que faz a nossa sociedade ser chamada de sociedade de consumo é que, nela, o consumo assumiu uma proporção que extrapola a função de satisfazer as necessidades materiais e a reprodução cultural, permitindo que se entenda através dele, outras esferas sociais.

Para outros autores como Sheth, Mittal e Newmann (2001), um fator importante para definir as classes sociais é a renda, mas não é o único. A classe social depende muito da instrução e da ocupação do indivíduo, podendo o grupo relacionar alguém com renda relativamente baixa como pertencente à classe mais alta devido ao seu conhecimento ou cargo de prestígio que exerça, podendo ainda ocorrer o contrário.

No que respeita aos fatores sociais são constituídos basicamente pelos grupos de referência, a família e os papéis e posições sociais que acabam por influenciar e muito no comportamento do consumidor.

Ao nível pessoal do consumidor está em causa a idade, o ciclo de vida, ocupação, condições económicas, estilos de vida, personalidade e autoconceito. No que respeita, ao psicológico posto em causa no consumidor mediante o consumo de um produto/serviço, temos presente segundo este autor a motivação, a percepção, a aprendizagem, crenças e atitudes. (Kotler e Armstrong, 1998)

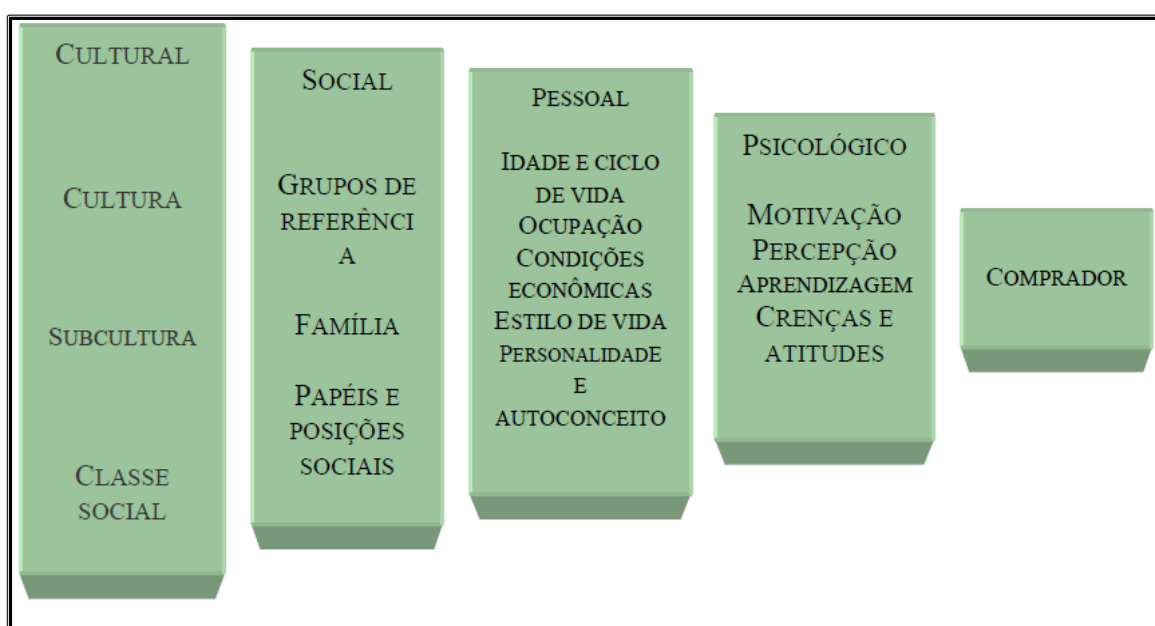


Figura 3 - Factores que influenciam o comportamento do consumidor [3].

Para melhor entender e compreender a capacidade que os fatores interpessoais influenciam no comportamento de compra é necessário entender que o indivíduo, enquanto consumidor, busca benefícios para atender as suas necessidades, independentemente de suas origens. Maslow (1970) apresenta, em sua teoria da motivação, que os humanos são afetados por necessidades psicológicas, de segurança, sociais e fisiológicas, que nunca estão plenamente satisfeitas. No que respeita às necessidades fisiológicas e seguindo as ideias de Maslow incluem-se; a fome, sede, abrigo e outras necessidades corporais.

Relativamente à segurança temos a segurança e proteção contra danos físicos e emocionais. Em relação às necessidades sociais incluem-se, a afeição, aceitação,

amizade, e a sensação de pertencer a um grupo. Depois temos a necessidade de estima que se refere aos factores internos de estima, como respeito próprio, realização e autonomia e os factores externos de estima, como o *status*, reconhecimento e atenção. Por fim, este autor coloca a necessidade da autorealização no topo em que se refere á intenção de tornar-se tudo aquilo que a pessoa é capaz de ser, como o crescimento, autodesenvolvimento e o alcance do próprio potencial. Podemos concluir que à medida que um individuo busca suprir suas necessidades, sente-se motivado a comprar.

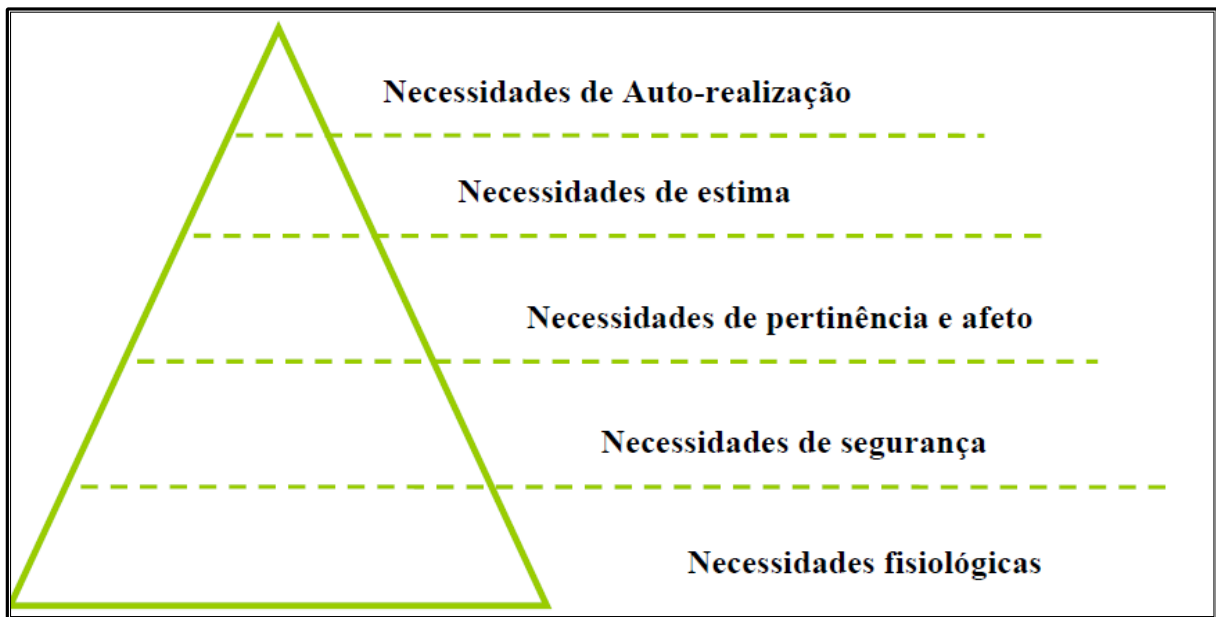


Figura 4 - Hierarquia de necessidade segundo Maslow (1970) [4]

No que respeita ao processo de decisão de compra do consumidor Kotler (2000) mostra-nos que este processo se encontra dividido em diferentes fases:

Reconhecimento do problema: esta etapa começa quando o comprador reconhece um problema ou uma necessidade. A necessidade pode ser provocada por estímulos internos ou externos.

Procura por informações: os consumidores buscam mais informações. Pode-se distinguir entre dois níveis de interesse. O estado de busca mais moderado é denominado atenção elevado. No outro nível, a pessoa embarca em uma busca ativa de informações.

Avaliação de alternativas: como o consumidor processa as informações da marca concorrente e faz um julgamento de valor. Não existe um único processo de avaliação.

Existem diversos processos de avaliação de decisões, e os modelos mais atuais tratam tais processos como sendo cognitivamente orientado.

Decisão de compra: Neste estágio de avaliação, o consumidor cria preferência entre as marcas possíveis de escolha. O consumidor também forma uma intenção de comprar as marcas preferidas. Contudo, dois factores podem interferir entre intenção de compra e a decisão de compra.

Comportamento pós-Compra: após comprar o produto, o consumidor experimenta algum nível de satisfação ou de insatisfação.

Na realidade os consumidores vão sendo caracterizados no seu quotidiano, pelas suas ações, práticas, estratégias e também pelas suas escolhas no acto de consumir. Tal como nos refere Santos:

“O consumo, facto social central para a compreensão da contemporaneidade, encontra na forma como indivíduos e grupos se comportam na satisfação de necessidades e desejos, uma das significativas formas de expressão”. (Santos, 1998: 117)

Segundo Baudrillard (1995), por sua vez, aborda a curiosa comparação entre a escola e o consumo. Refere-nos que os indivíduos não possuem os mesmos objetos da mesma forma, que nem todos têm idênticas possibilidades escolares. Afirma então que:

“ Como a escola, o consumo é instituição de classe: não só na desigualdade perante os objectos, no sentido económico (a compra, a escolha, a prática são reguladas pelo poder de compra, enquanto o grau de instrução é função da ascendência de classe), isto é, nem todos possuem os mesmos objectos, da mesma maneira que nem todos têm idênticas possibilidades escolares”. (Baudrillard, 1995: 58)

Segundo Albertino Gonçalves (2002), através do ato de consumo pode-se distinguir o indivíduo em diversos aspetos, na sua forma de estar, de pensar, de se relacionar com o mundo e, também no seu estilo de vida. Afirma-nos que:

“Todos nós somos caracterizados pelo nosso estilo de vida, pela nossa maneira de pensar, de interpretar o mundo e de nos relacionar com os outros. Refere que este estilo de vida faz parte de nós e acompanha-nos. Acontece, porém, que, em determinados contextos sociais, esse nosso estilo de vida, esse modo habitual de ser, como que é suspenso ou transfigurado”. (Gonçalves, 2002: 315)

Os estilos de vida de cada família são, disso, elucidativos, toda a sua organização e gestão, e até mesmo existência, estão estreitamente relacionadas com o

consumo para a autora Barbosa, Livia (2004) designar o termo consumo não é uma tarefa simples. Afirma que o termo consumo pode estar ligado a outros conceitos, tais como: cultura do consumo, sociedade dos consumidores, cultura dos consumidores e consumismo.

Afirma-nos então que:

“ (...) definição do que é sociedade de consumo não é simples, ao contrário. O termo sociedade de consumo vem frequentemente associado a outros conceitos como sociedade de consumidores, cultura de consumo e cultura dos consumidores e consumismo, que são, na maioria das vezes usados como sinónimos uns dos outros” . (Barbosa, 2004: 8)

Todo o cenário provocado pela crise financeira e económica veio gerar na população uma grande instabilidade, insegurança, levando-a a ter um comportamento de retração em relação ao consumo de bens e serviços. A crise levou as famílias a gastarem menos e a pouparem mais. Levou as famílias portuguesas a mudarem radicalmente os seus hábitos de consumo, planos e caminhos para conseguirem resistir à Crise. A forma como o indivíduo se comporta perante o consumo será o reflexo do seu estilo de vida adotado. Como nos diz Santos:

“A estrutura das despesas das famílias pode ser considerada como um espelho dos seus estilos de vida, e por isso mesmo, como uma forma de identificação da actual organização social e económica.” (Santos, 1998: 129)

Podemos afirmar que os estilos de vida prendem-se com práticas quotidianas e formas de consumo que envolvem escolhas particulares e identitárias em domínios tão díspares como a habitação, a alimentação, o vestuário, os hábitos de trabalho, o lazer, a religião, a arte, a organização do espaço e do tempo ou o próprio convívio com os outros atores sociais.

Para Bourdieu (2011: 147), o espaço social e as diferenças que nele se desenham “espontaneamente” tendem a funcionar simbolicamente como espaço dos estilos de vida ou como conjunto de *Stände*, isto é, de grupos caracterizados por estilos de vida diferentes.

Muitos dos portugueses tiveram de fazer mudanças significativas nas suas vidas, para conseguir resistir à Crise. Um dos indicadores foi a emigração, uma vez que o país apresentava números elevados de desemprego e a diminuição de salários, muitos dos portugueses viram a emigração como a única saída para sobreviverem. Adiar as compras de maior valor, como a compra de carro, em que passam a substituir o carro actual por um usado em vez de comprar. Outro indicador de mudança é o fato dos portugueses passarem a consumir mais produtos de marca branca, conseguindo comprar produtos mais ou menos com a mesma qualidade e a preços mais baixos.

No que diz respeito ao lazer os portugueses viajam cada vez menos e passam as férias em casa, uma vez que seu rendimento disponível é menor devido às situações de emprego precárias. Relativamente ao setor imobiliário, as pessoas passam a viver mais em casa arrendadas em vez de comprar, esta mudança deve-se não só à instabilidade financeira das famílias, mas também ao difícil acesso ao crédito por parte dos bancos.

Estas mudanças no consumo não ficam por aqui, actualmente já não existem filas de espera nos restaurantes, os portugueses trocam a ida ao restaurante pela marmita para levarem para os seus empregos. As pessoas já não fazem as compras no hipermercado no final do mês, mas diariamente compram só o necessário e sempre que possível em promoção. No que diz respeito às lojas comerciais, as lojas das grandes marcas passam a ter menos aderência e passando a dar relevo às lojas de roupa de marcas mais acessíveis.

Segundo Veríssimo, André (2013), os portugueses criam novos hábitos e recuperam velhos, deixam o prazer de comer fora e voltam à marmita e à casa dos pais. Os portugueses descobriram que a casa não tem que ser própria, arrenda-se a dos outros, que os carros não duram apenas cinco anos e duram muito mais. Trocam as auto-estradas pelas vias secundárias, o ginásio pela corrida de rua, o cinema pelo cabo, os restaurantes pelo prazer dos jantares em casa e a carne pelos saudáveis vegetais. Os pais têm menos filhos e os que têm tiram os filhos das escolas privadas e colocam em escolas públicas.

De acordo com o *Jornal Folha de Portugal* (2014), as expectativas sobre a poupança, desemprego e a situação económica do país piorou bastante entre os portugueses. Os consumidores portugueses hoje são obrigados a fazer escolhas e cortar mesmo no acto de consumir. Os hábitos de consumo tendem a transformar-se,

motivados pela procura de novas estratégias que permitam uma melhor rentabilização dos orçamentos familiares. Os portugueses estão mais pessimistas e instáveis, no que respeita ao consumo. O estilo de vida que o indivíduo adota em determinado contexto social vai identificar a sua posição na sociedade. Segundo nos afirma Santos:

“As pessoas criam um sentido do que são através do que consomem e do modo como consomem (da natureza dos tempos de utilização de bens, serviços e espaços).” (Santos,1998: 714).

De acordo com Gervasi *et al* in Baudrillard (1995), o ato de consumir não é de todo um processo instantâneo e inconsciente. Quando ele consome tem um significado, seja por prazer ou por necessidade. O sentido que se dá ao ato de consumo em qualquer indivíduo vai depender da forma como dá o verdadeiro significado às coisas. Afirma que:

“As escolhas não se fazem à sorte, mas são socialmente controladas, refletindo o modelo cultural em cujo seio se efectuam. Os bens não se produzem nem se consomem indiferentemente, devem ter qualquer significado em relação a determinado sistema de valores. As necessidades visam mais os valores que os objetos e a sua satisfação possui em primeiro lugar o sentido de uma adesão e tais valores. A escolha fundamental, inconsciente e autónoma do consumidor é aceitar o estilo de vida de determinada sociedade particular (portanto, deixa de ser escolha- acabando igualmente por ser desmentida a teoria da autonomia e da soberania do consumidor) ”. Gervasi *et al* in Baudrillard (1995: 69)

Toda esta reflexão da mudança do comportamento do consumidor em contexto de Crise remete-nos para um pensamento fundamental para o desenvolvimento do meu estudo, a mudança. O consumidor passa a ter uma postura distinta e mais retraída no ato de consumir assumindo assim, o papel de novo consumidor na sociedade. A classe social que foi a mais afetada, por toda instabilidade económica e financeira do país, foi sem dúvida, a classe média no qual se apresenta sacrificada pelas medidas de austeridade, sendo esmagada pelos impostos e pelo aumento do desemprego, isto é, atingida por várias vertentes em que está em risco está classe social que poderá vir a desaparecer.

4. Classes Sociais

Definir a classe social não é tarefa fácil, embora quando nos lembramos deste conceito associamos: ao tipo de profissão, à educação, ao nível económico, à cultura, à formação académica e aos tipos de consumo.

No âmbito da sociologia e das ciências sociais em geral, a expressão *Classe Social* designa um agrupamento de pessoas que, de acordo com critérios económicos e ocupacionais, possuem um *status* social idêntico. É um conceito relativamente recente, surgido no séc. XIX, criado para descrever as novas estruturas sociais surgidas nas sociedades da Europa Ocidental em resultado das alterações originadas pelas revoluções liberais e industriais dos finais do século XVIII. Distingue-se do conceito de casta pelo fato de, ao contrário desta última, ser aberto, isto é, é possível a mudança de *status*.

De acordo com Poulantzas e segundo a Teoria Marxista (1974), as classes sociais são conjuntos de agentes sociais determinados principalmente, mas não exclusivamente, por seu lugar no processo de produção, isto é, na esfera económica.

Poulantzas firma que:

“A classe social define-se então, pelo seu lugar no conjunto das práticas sociais, isto é, pelo seu lugar no conjunto da divisão social do trabalho, que compreende as relações políticas e as relações ideológicas. A classe social é, neste sentido, um conceito que designa o efeito de estrutura na divisão social do trabalho (as relações sociais e as práticas sociais). Este lugar abrangente assim o que chamo de determinação estrutural de classe, isto é, a própria existência da determinação da estrutura- relações de produção lugares de dominação-subordinação política e ideológica- nas práticas de classe: as classes só existem na luta das classes”. (Poulantzas, 1974: 14)

Para Karl Marx, praticamente todas as sociedades, capitalistas ou pré-capitalistas, se caracterizam pela existência de classes dominantes (que possuem os meios de produção, terra ou capital e que controlam direta ou indiretamente os centros de decisão) e de classes dominadas por aquela. A classe social é assim definida como um agrupamento de agentes sociais situados nas mesmas condições no processo de produção. Ele separava as classes pelo seguinte aspeto: a relação dos donos do capital e os vendedores de força de trabalho, que é o patrão e o proletariado. Em nossa sociedade,

as demais classes, independentemente da situação econômica, partilham de um mesmo objetivo corriqueiro: lucrar.

Essa ideia é a raiz do capitalismo, a oferta e a procura, que geram a concorrência, promovendo a liberdade econômica de escolha, mas que tudo ao final se resume em ganhar dinheiro para o gozo do consumo dos diversos bens materiais, lazer e etc. Os que têm mais recursos são considerados como classe dominante, devido não só à influência, mas ao poder dado ao dinheiro. Já os que possuem menos são a classe dominada, grosso modo, os engrenagens dessa máquina chamada de capitalismo.

Na mesma linha, Lenine *in* Harnecker, Marta e Uribe, Gabriela (1975), descreve também que o conceito de classe social está relacionado com os grupos sociais e com os meios de produção.

Refere que:

“As classes são grandes grupos de homens que se diferenciam entre si pelo lugar que ocupam num sistema de produção social historicamente determinado, pela forma como se relacionam com os meios de produção (forma essa que as leis estabelecem e formulam em grande parte), pelo papel que desempenham na organização social do trabalho e, conseqüentemente, pelo modo e proporção em que se apropriam da parte da riqueza social de que dispõem. As classes são grupos humanos, um dos quais pode apropriar-se do trabalho do outro por ocupar postos diferentes num regime determinado de economia social”. Lenine *in* Harnecker, Marta e Uribe, Gabriela (1975: 11)

Para Weber, as classes baseiam-se em condições econômicas objetivas, que não têm somente a ver com a posse de propriedade, mas também, com a educação, com qualificações e credenciais, elementos esses que determinam o tipo de atividade econômica que a pessoa pode desenvolver (Giddens, 2010).

A classe dos proprietários, na concepção de Weber, tem vantagens sobre as demais no que diz respeito ao acesso aos bens, entretanto, diferentemente da visão marxista, Weber não acredita que seja a posse da propriedade que fundamenta a divisão da sociedade em classes. As classes só são possíveis em economias de mercado e, tais como se apresentam, são apenas agregados sociais não efetivos e suas divisões não correspondem necessariamente à ordem política e social (Bobbio *et al*, 2004).

Weber faz uma diferenciação clara entre classe e *status*, afirmando que essas são duas dimensões de estratificação, dois modos possíveis de formação de grupos em relação à distribuição do poder. Assim como o partido, a classe e o *status* são elementos de estratificação que podem produzir diversas formas de posições sociais, ao contrário do modelo dicotómico proposto por Marx. As classes, para Weber, baseiam-se em condições económicas objectivas, mas que não tem somente a ver com a posse de propriedade, mas também, com a educação, com qualificações e credenciais, elementos esses que determinam o tipo de atividade económica que a pessoa pode desenvolver (Giddens, 2010).

O conceito de classes sociais em Weber é definido como agrupamento de pessoas que partilham a mesma posição de classe. A ideia de situação de classe está inserida em um conjunto de oportunidades de vida relacionadas aos meios disponíveis para se obter recursos dentro de uma determinada ordem económica através da posse de propriedade e/ou qualificações. A posse de atributos ou qualificações e o grau de escassez desses atributos em relação ao mercado de trabalho definem as oportunidades de vida dos indivíduos.

4.1. Classe Média em Portugal: Origens e Percursos

De acordo com Estanque, Elísio (2012) a primeira referência à expressão classe média surge no final do século XVII, sugerida por Thomas Gisborne. Nesta altura, a expressão foi entendida como sinónimo de um segmento social situado entre, de um lado, a nobreza, a aristocracia e a classe dos senhores da terra (os mais ricos) e, de outro lado, os trabalhadores assalariados, rurais e urbanos (os mais pobres). Esse estrato médio acompanhou a tendência de expressão do comércio e da economia de mercado na Europa, estimulando a burguesia ascendente, que é como se diz, a classe média da época. Todavia, se no início da era capitalista foi a pequena burguesia proprietária (do comércio e da indústria) que mais a alimentou, rapidamente se assistiu ao florescer de novas categorias de profissionais liberais e sectores alfabetizados ligados a trabalhos não manuais, empregados administrativos e funcionários de instituições públicas e privadas com algum diploma escolar, os quais viriam a construir o que mais tarde, já em meados do século XX, seria designado como a «nova classe média», consagrada na literatura anglo-saxónica como colarinhos brancos.

Wright Mills (1982) analisa o processo da perda de independência das pessoas em geral e dos pequenos empresários em particular e sublinha o perigo da sua redução ao regime do assalariado. Mas fá-lo de modo oposto ao de Marx que, em virtude da sua teoria da agudização das lutas de classes, do enriquecimento da classe burguesa e do empobrecimento da classe proletária, nunca se preocupou em discernir a especificidade das classes intermédias, como a dos pequenos funcionários. Ora, segundo Wright Mills, a formação dos colarinhos brancos representa uma mudança na estrutura das classes sociais que não corresponde às previsões apontadas por Marx: «O desenvolvimento deste grupo [os colarinhos brancos] levantava um problema aos marxistas, pois mostrava que a oposição entre proprietários e não-proprietários era substituída por uma diferenciação entre camadas não-proprietárias.» (Mills, 1982:329).

Wright Mills, aborda-nos ainda a importância que teve o sindicalismo nesta época para a protecção desta classe (colarinhos brancos), no que respeita à possibilidade de opinar sobre as condições de trabalho e os níveis de salário embora, não existisse uma fácil relação entre a democracia e a classe média. Refere que:

“ (...) o movimento dos colarinhos brancos terá a mesma significação do movimento operário. Portanto, a influência dos sindicatos em geral. Até hoje essa influência tem sido sentida especialmente no sector económico, e não há dúvida de que os sindicatos permitirão aos Colarinhos brancos maiores possibilidades de opinar sobre as condições de trabalho e níveis de salário. Mas a influência geral do sindicalismo envolve o problema das relações entre a democracia e sindicatos, isto é, saber se os sindicatos se tornarão um movimento ou um grupo de interesses, um meio de regulamentação política a preço módico (...) ou ainda se, como afirma Lionel Trilling, o “conflito entre o capital e o trabalho é uma luta pela posse dos bens de um único modo de vida”, ou “um conflito de culturas”. (Mills, 1951: 338)

De acordo com Elísio, Estanque em debate sobre “*Conceito de classe média*” ao *Jornal Público* (2013) mostra-nos que nesta época a classe média (assalariada) era sinónimo de trabalho “limpo” (os celebres colarinhos brancos), familiaridade com as chefias, estabilidade de emprego e programação de carreiras. Realça que hoje o trabalho assalariado desta classe social tornou-se mais fragmentado com a crescente precarização, fluidez e instabilidade que lhe retiram significado enquanto estatuto ou condição de classe.

Hoje, mediante o panorama de crise, assistimos a um conjunto de manifestações e movimentos de protesto contra as novas medidas do Governo, no que respeita, aos cortes no salário, nos subsídios, aumento de impostos, aos despedimentos e às situações precárias de trabalho, no qual a classe média foi a mais atingida e, por este motivo os sindicatos têm um papel fundamental para a proteção dos direitos destes trabalhadores e para continuarmos a estar em democracia defendendo os direitos e a justiça da classe trabalhadora. Ora, mediante esta situação podemos afirmar que o resultado desta catástrofe tem contribuído e muito para um empobrecimento rápido e massivo da classe média.

De acordo com o *Jornal Público online (2015)* a adesão à greve na função pública no dia 13 de Março de 2015 teve entre os 80 a 100%. Os sindicatos foram dando conta da elevada adesão na saúde, educação, segurança social e justiça onde falavam de um clima de “indignação”. Esta greve formou-se devido aos cortes salariais na função pública, aumento do horário semanal das 35 para as 40 horas, a colocação de trabalhadores no regime de requalificação, o congelamento das carreiras e a falta de negociação no sector. Já não havia uma greve assim desde de 2013 em que unissem a CGTP e a UGT, embora os sindicatos tivessem notado que as razões para protestar ganharam expressão e novas dimensões.

A sociedade está organizada de forma que estamos ainda perante a existência de três classes, a classe trabalhadora, a classe média e a classe alta. A sociedade precisa da classe alta porque precisa do capital, precisa da classe média porque é necessário planeamento, gestão, coordenação e alguma execução das tarefas tecnicamente complexas e por fim, tão mais importante que as anteriores, a sociedade também precisa da classe trabalhadora para a execução física das tarefas e mão de obra. A classe baixa representa todos aqueles que por algum motivo se viram na contingência de precisar de apoio para sobreviver e, o resto da sociedade tem a obrigação de não deixar cair ninguém. Podemos encontrar a classe média em quadros técnicos, professores, médicos, investigadores, pequenos empresários, engenheiros, quadros dirigentes, ou seja uma classe que pensa, dirige, projecta e que prepara. Ora, quando este motor da nossa sociedade for reduzido ou até mesmo falhar, podemos dizer que a sociedade está andar muito lenta e afetando diretamente o sistema económico e financeiro do País.

Segundo Câncio, Fernanda (2013) em notícia ao *Jornal Diário de Notícias online* as definições de classe média estão longe de ser consensuais, criando debates acalorados entre os que defendem uma classificação qualitativa - baseada na formação, no estilo de vida e de consumo - e os que consideram que deve ser quantitativa, a partir dos rendimentos. Certo é que não se chega lá fazendo a média salarial: em Portugal, tal pressuporia que pertenceriam a essa "classe" todos os que ganhassem cerca de 800 euros líquidos. E como frisa o sociólogo Elísio Estanque, autor de *A Classe Média: Ascensão e Declínio* (2012:82), a classe média é material e objetiva mas também muito subjetiva - as pessoas já se imaginam dela, membros quando estão ainda a viver em condições típicas da classe trabalhadora. Por outro lado, diz, a classe média sempre viveu um pouco na fantasia de facilidade, mas sem conseguir consolidar-se do ponto de vista económico e até em termos de estatuto porque vivia muito à sombra do Estado social.

De acordo com Ribeiro, Raquel (2012), a Classe Média é vista como a mais dinâmica, a mais progressista e a mais empenhada, já que é a que alegadamente tem maior capacidade de trabalho, maior orientação para objetivos de longo prazo, maior capacidade de poupança, maior capacidade própria para melhorar a sua vida, um pensamento mais liberal, um maior interesse por causas globais e por novas tecnologias. O indivíduo da classe média é, previsivelmente, "normal". Quanto ao carácter, é frequentemente "boa pessoa", "amável", "bem-educado", "simples" e "humilde", mas também pode ter um "complexo de superioridade" infundado, tendo em conta a sua (in) capacidade económica e cultural. A nível sócio- demográfico, este indivíduo é visto como sendo "cidadino", como tendo formação ao nível do secundário e superior e como tendo um "emprego estável" enquanto "quadro médio" (executando trabalho intelectual ou nos serviços, com graus de rotina variáveis), com "superiores hierárquicos", "horário de trabalho fixo" e com um ordenado compreendido entre 850 e 2500€.

Esta classe social não poderá na generalidade, realizar os gastos sumptuários e as "extravagâncias" que estão ao alcance da classe alta, mas faz questão de investir no seu carro e na sua casa, passar férias, de ter algum tempo e variedade de lazer (coisa de que a classe baixa não poderá gabar-se, salvo com grandes dificuldades) e de beneficiar do ar livre, em esplanadas ou jardins (sendo a que a classe baixa prefere ficar em casa). Quanto ao seu nível de vida pode ser considerado "acima das posses", pode ter que

trabalhar muito, resgatando-lhe por conseguinte pouco tempo para usufruir das vantagens desse rendimento.

No seu dia a dia, parte da classe média vive “sem luxos” e tem “cada vez menos poder económico”, fazendo uma ou outra extravagância” de vez em quando. Outra parte “gasta desmedidamente” e “é consumista”, ostentando “dinheiro” mas não “cultura”. É se “dedicado á família” mas, por causa do trabalho para manter o nível de vida, é-se também “ocupado”, “stressado” e “com pouco tempo livre”. Vive-se por vezes “angustiado” e “preocupado com os empréstimos”. Esta autora exemplifica-nos ainda um pouco a posição intermédia que a classe média se encontra perante a classe alta.

Refere-nos que:

“ A classe média ocupa, perceptivamente, uma posição intermédia entre a classe alta e a baixo ao nível dos rendimentos e dos cargos profissionais ocupados; já quanto ao seu nível de escolaridade, acredita-se que tenderá, nas gerações mais novas, a aproximar-se do da classe alta. Por outro lado, o dinheiro da classe média é obtido através de rendimento do trabalho e não por intermédio de património e heranças familiares ou empresas próprias (o que mais facilmente acontecerá na classe alta...). (Ribeiro, 2012: 209)

É na Classe média que se encontram os quadros técnicos e superiores, professores, médicos, investigadores, pequenos empresários, engenheiros, quadros dirigentes, etc. Ou seja, é a classe que pensa, que organiza que dirige, que projeta, que prepara. Quando este motor da sociedade é reduzido a algo de insignificante a sociedade como um todo só pode andar devagar. Ora, como a classe média é considerada o motor da sociedade moderna. É na sua capacidade criativa e de produção de riqueza que assenta o desenvolvimento e foi a sua implantação que permitiu o crescimento do consumo e de grande parte dos negócios.

Além disso, a existência desta classe foi geradora do desejo de mobilidade e ascensão social por parte das classes mais baixas que a ela se elevavam, nomeadamente por via da educação, essa superior forma de progresso. Apesar destes factos indiscutíveis, é hoje sobre a classe média que se derrubam as sucessivas medidas de austeridade decretadas pelos governos, deixando desprotegida uma população essencial

que empobrece todos os dias, trabalhadores quer do Estado quer do privado e também os reformados.

4.2. A Classe Média em Portugal no Contexto de Crise Atual

Em notícia ao *Jornal de Noticias Online*, Jorge Morgado, secretário-geral da DECO, já teria anunciado que as novas medidas de austeridade imposta pelo Governo eram bombas de destruição da classe média” *"Estamos num túnel sem ver a luz, ou melhor, num túnel que parece tornar-se cada vez mais escuro"*, afirmou, defendendo que estas medidas *"estão a levar as pessoas para uma situação de depressão psicológica"* (...) *"...Os 14 meses de salário por ano são fundamentais para a vida económica das famílias, para pagar despesas escolares, compromissos em atraso, seguros da casa e carro ou até repor electrodomésticos que precisam ser substituídos. Sem isto, as pessoas ficam sem tábua de salvação"*.

Com a crise instalada, o desemprego, cortes salariais, o aumento de impostos, medidas estabelecidas pela Troika veio gerar um empobrecimento desta classe, uma vez que foi a mais afetada pelas medidas de austeridade. A classe média que conhecemos pode desaparecer devido á crise económica que o País atravessa. Esta aproxima-se mais rapidamente para classe baixa do que para classe alta devido ao desemprego e ao aumento da carga fiscal que tem afetado esta classe social de forma devastadora. A precariedade, o número de pessoas que sofre de impossibilidade e insegurança aumentou imenso. Os que tem os empregos sabem que podem ser de risco e os que perdem o emprego sabem que as perspectivas de o ter de volta são mínimas.

Para além da perda de empregos muitos passam também por situações de perderem a casa e irem viver novamente para a casa dos pais ou dividirem casa com algum amigo, e outros chegam ate mesmo a uma situação desumana, sem abrigo. Em relação aos pensionistas também sofreram com as consequências vendo as suas reformas a serem cada vez mais reduzidas e terem que viver com os filhos ou famílias próximos, sendo o seu único porto de abrigo. A camada jovem qualificada enfrenta hoje uma grande frustração de vida, por não terem perspectivas de emprego e de não conseguirem sair da casa dos seus pais. Pais estes que lutam contra as medidas austeridade aplicada pelo governo.

Todo este empobrecimento deste grupo social fez com que surgisse um novo o chamado os pobres médios, tal como o Sociólogo Elísio Estanque designa, grupo composto por aqueles que de ano para ano vem os seus rendimentos escassear, aqueles que perdem os seus empregos e são confrontados com a impossibilidade de pagar os empréstimos contraídos, e aos poucos vão perdendo todo aquilo que foram construindo e até mesmo os seus sonhos.

De acordo com Simmel, Georg (1977) no seu livro *Sociología. Estudio sobre las formas de socialización*, capítulo 7 “El pobre”, a pobreza não pode ser vista de uma forma literal. Segundo este autor, podemos considerar dois tipos de pobreza, a pobreza absoluta e a pobreza relativa. Relativamente à segunda opção é um tipo de pobreza da sociedade moderna, cujo os recursos são insuficientes para atingir metas, que irão para além das necessidades básicas. Na pobreza absoluta já existe uma carência de bens de primeira necessidade, como alimentação, vestuário, etc. Ora, a pobreza não pode ser só considerada quando existe uma carência das necessidades básicas, mas também, de alguém dentro da sua classe social, possui uma incapacidade de satisfazer certas necessidades para além das básicas, isto é, pode haver pessoas dentro da sua classe social que mediante os seus recursos se considera pobre, como é o exemplo vivo desta “nova” classe média.

Segundo Silva, Ana (2015) em notícia ao *Jornal Público Online* as previsões da OIT (Organização Internacional do Trabalho) apontam para uma descida do emprego em 2019, para 10,11%. Para os mais jovens com idades compreendidas entre 15 e os 24 anos são os mais afetados e a taxa de desemprego nesta população é de quase 13%, na média mundial, esperando-se “um aumento nos próximos anos”. Mais de 34% dos desempregados são da classe média, fenómeno que tem crescido nos países emergentes e mais pobres. “A boa notícia é que o número de trabalhadores em situação precária caiu em todo o mundo. Contudo, não é aceitável que quase metade da população activa ainda não tenha acesso a condições básicas e a um emprego decente, Sublinhou *Guy Ryder* (Director Geral da OIT).

Relatou ainda, que as acentuadas “e crescentes” desigualdades e o clima de incerteza têm impedido a recuperação económica. Com salários mais baixos, há menos consumo e, em consequência, menos investimento. “Isto tem, obviamente, impacto negativo no crescimento. A desigualdade salarial em algumas economias avançadas

atinge agora níveis que observamos em economias emergentes. Ao mesmo tempo, nestes países observamos progressos na redução das desigualdades”.

De acordo com Maurato, Paula (2013) em notícia ao Diário de Notícias declara que a Cáritas Portuguesa registou no último ano um aumento de 20% nos pedidos de ajuda de famílias portuguesas afetadas pela crise económica, que atingiu até classes sociais "impensáveis", solinou Eugénio Fonseca, responsável pela Cáritas Portuguesa. Relatou ainda que “Há pessoas que auferiam rendimentos consideráveis porque trabalhavam por conta própria e que a crise, por força da impossibilidade de fazerem escoar o resultado das produções que tinham, as afundou. Muitos deles tentaram por tudo salvar esses empreendimentos que tinham e endividaram-se. Muitas dessas pessoas entraram numa espiral de endividamento que as atirou para uma situação de pobreza de que dificilmente se vão libertar nos próximos tempos”.

Realçou ainda que “Aquilo que as pessoas pedem mudou com esta crise, enquanto dantes pediam trabalho, hoje "as necessidades são tantas que o que pedem é alimentação, mas essencialmente, ajuda para não perder a casa e aquilo que é o conforto para a casa - electricidade, água e gás, ajuda para despesas de saúde e, nalguns casos que já são bastantes, ajuda para que os filhos continuem a estudar, sobretudo aqueles que estão no ensino universitário”.

Em conversa aberta com a Presidente da Cáritas de Braga (*ver anexo I*), Eva Ferreira relatou que para além da classe baixa, a classe social que tem vindo também a solicitar ajuda, com o surgimento da crise foi, sem dúvida, a classe média. Famílias que se encontravam em condições confortáveis, que viviam dos seus salários, bons carros, boas casas e que de repente com o desemprego ficaram em situações complicadas como a impossibilidade de fazer face a todas as despesas inerentes ao orçamento familiar. Destacou também, que o tipo de ajuda que solicitam é essencialmente, o pagamento das despesas básicas, amortização da casa, água, luz etc. Não solicitam ajuda para alimentação porque conseguem satisfazer essa necessidade nos seus familiares e amigos que vão conseguir suportar até a um certo ponto, realçou a Presidente. Realçou ainda que esta classe social, no ato de solicitar ajuda sentem muita revolta, frustração e até de alguma vergonha.

Durante esta conversa, destacou alguns exemplos de casos que têm passado pela instituição, como é o exemplo de um empresário, da área da construção civil, fazia

pequenas obras, foi uma pessoa que ficou com muito dinheiro por receber, era viúvo e vivia sozinho com um filho, chegou a um ponto em que o filho estava com uma depressão, ficou numa situação de desespero, porque viu que não ia ter meio para sair desta situação, porque nem sequer ia ter direito ao subsidio de desemprego, foi aguentando a empresa ate onde pude, como são processos longos, quando acontece esta falência das empresas, ele não conseguiu esperar que se resolvesse o assunto e chegou a um ponto que realmente precisava de ajuda. A presidente considera que estes pedidos de ajuda desta classe social tendem a aumentar, as famílias vão-se aguentando até ao último limite, as poucas famílias que ainda dependem das ajudas dos próprios familiares e também das rendas, isso vai acabar, vai chegar a um ponto em que vão acabar por necessitar de ajuda. Depois há aquelas famílias em que ainda tem vários créditos (crédito da casa, do carro.) e que realmente se acontecer uma situação de desemprego, a situação vai-se complicar, claro que conseguimos verificar que basta haver uma situação de desemprego de uma das partes para ficarem numa situação complicada.

Na opinião da Presidente, o que falhou nesta classe social foi realmente a má gestão orçamental, a facilidade e o impulso, no que respeita, ao consumo, compra de casa, carros, vários créditos ao mesmo tempo e, até mesmo, superiores aquilo que podiam pagar, realçou que se calhar, se tivessem pensado em comprar uma casa primeiro e só depois comprar o carro não estariam a passar por algumas situações complicadas neste momento, não possuem tantos créditos em que depois só um é que consegue pagar. Destacou que as pessoas têm que pensar que mesmo estando numa situação de conforto em que os dois ganham, um dia, um deles pode ficar numa situação de desemprego. Por fim, relatou que a classe média nos próximos anos iriam ser mais calculosos, mas se calhar daqui a uns anos esquecem e voltam ao mesmo.

Destacou que a nossa formação desde pequenos deve ser tomada em atenção, criar hábitos de poupança, saber gerir a mesada e, saber controlar o dinheiro disponível, pensando que a situação pode mudar de repente. Destaca que que somos boas pessoas, mas que damos muito valor aos bens materiais, isso infelizmente, está incutido nas crianças desde pequenas, não sabem que não é fácil dar um brinquedo, dar uma peça de roupa que gostam, tudo tem o seu custo e considero então, que esta educação deveria fazer parte tanto, na escola como em casa, terem na consciência que as coisas podem-se alterar em qualquer momento, e que os recursos devem ser geridos da melhor forma possível.

Toda esta instabilidade causada pela situação de crise do País, veio alterar significativamente os hábitos de consumo desta classe, modificando alguns hábitos do seu dia a dia, evitando essencialmente consumos supérfluos para assim, conseguirem fazer face a todas as despesas, inerentes ao seu orçamento familiar.

Parte II
Enquadramento
Metodológico

5. Metodologia de Investigação

Para o desenvolvimento da minha investigação foi preciso optar pela metodologia mais adequada para o meu estudo, mediante os objetivos que pretendia alcançar. Numa fase inicial, será apresentado o método utilizado na minha investigação, em seguida a técnica escolhida para a recolha de dados, será elaborada uma exposição dos instrumentos a utilizar na recolha de informação. Será ainda apresentada o público-alvo desta investigação, bem como os critérios para a sua escolha.

5.1. Método

Em relação ao método optei pelo método de investigação qualitativa, uma vez que o objetivo principal desta investigação é compreender as razões da mudança de hábitos de consumo no contexto de crise, de que forma é que as pessoas conseguem resistir a esta problemática, que estratégias adotaram para conseguir sobreviver e continuar a viver com a mudança.

5.2. Técnica de Recolha de Dados

Relativamente à técnica que escolhi para o meu estudo foi a entrevista semi-diretiva, uma vez que pretendo obter dados empíricos que demonstrem a situação atual destas famílias que tiveram que alterar os hábitos e estilos de vida para resistirem à crise. Segundo Albertino Gonçalves (2004), apesar da carga subjetiva e da parte de encenação que a caracterizam, a técnica da entrevista afirma-se como uma das mais ricas e das mais utilizadas no âmbito da Sociologia. Evoluindo numa situação social de interação face a face, as entrevistas revestem formas e conteúdos assaz diversos consoante o interlocutor (indivíduo ou grupo), o momento (entrevistas exploratórias, complementares ou comprovatórias), a função (informação, diagnóstico, terapia, avaliação, seleção, negociação), o centro de interesse (o indivíduo ou o coletivo através do indivíduo ou de um pequeno grupo), o alvo (atributos, opiniões, comportamentos, motivações), o grau de liberdade (estruturadas, semi-estruturadas, não estruturadas; diretivas, não diretivas) e o nível de profundidade (clínicas, centradas,...).

Desta forma, e de acordo com Quivy e Campnhoudt (1998), a técnica permite um grau de profundidade dos elementos de análise recolhidos e também a flexibilidade e fraca diretividade do dispositivo que permite recolher os testemunhos e as

interpretações dos interlocutores. Geralmente, o investigador dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado. (Quivy e Campnhoudt, 1998: 192)

Ora, a realização das entrevistas permitiu-me conhecer e compreender melhor a vida desta classe social no contexto atual de crise. Permitiu-me avaliar a mudança de comportamentos e estratégias adotadas no seu dia-a-dia para conseguir lidar e resistir à crise. Perceber, também as várias mudanças no seu estilo de vida, a mudança de hábitos de consumo para conseguir equilibrar o seu orçamento familiar. Para a realização das mesmas foi elaborado um guião baseado na revisão bibliográfica, no objetivo geral “*A mudança de hábitos de consumo, no contexto da crise atual*” e nos meus objetivos específicos:

- Compreender as mudanças mais significativas da classe média no ato do consumo em contexto de crise. Conseguir desta forma conhecer em que serviços e produtos os portugueses cortaram mais.
- Analisar as estratégias impostas no dia a dia do consumidor para conseguir resistir à Crise. Conhecendo melhor o novo consumidor, um consumidor mais retido e informado.
- Conhecer as consequências psicológicas provocadas pela mudança dos hábitos de consumo. Analisando o quanto afetou a vida desta classe social em relação às perspetivas de futuro e de que forma têm resistido e suportado todas estas mudanças.

5.3. Seleção do Público-Alvo

Relativamente ao meu público-alvo tive particular atenção à estrutura familiar que iria seleccionar para o meu estudo. Selecionei famílias de classe média, uma vez que são precisamente estas as famílias que foram mais afetadas pela crise com as medidas de austeridade impostas pelo governo e, onde se viram obrigadas a fazer alterações consideráveis no seu estilo de vida, nos seus hábitos de consumo e no seu orçamento familiar. O objetivo principal ao estudar estas famílias é, sem dúvida, compreender as principais alterações nos seus estilos de vida, as mudanças mais

significativas no seu dia a dia e, perceber de que forma e que estratégias adotaram para conseguirem resistir a esta crise para conseguirem fazer face a todas as despesas.

Os entrevistados tem idades compreendidas entre os 25 aos 60 do sexo feminino e masculino que residam na cidade ou arredores de Braga. Foram realizadas 15 entrevistas onde todas elas apresentem diferentes situações como o desemprego, ativos da classe média prejudicados pelos cortes do Estado, jovens em situação de desemprego, licenciados em situações de emprego precárias, casais com filhos e sem filhos e, também jovens que pretendem formar família e ter filhos e a crise não o permite devido à instabilidade do mercado de trabalho. (*ver anexo IV*)

Relativamente ao local, as entrevistas foram realizadas em lugares apaziguados, como nas suas próprias habitações e em locais com um ambiente calmo que me possibilitasse de gravar a conversa, poder ter a oportunidade de observar os seus comportamentos, compreender melhor a situação descrita por estes e, me possibilitar de obter o máximo de atenção na forma como abordavam as suas repostas e a forma como relatavam o tema da crise. Desta forma, poderei visualizar diferentes situações familiares da classe média, poder compará-las e perceber se se comportam de maneira diferente umas das outras, compreender a forma como conseguem lidar e resistir à crise que atravessamos atualmente.

5.4. Análise de Conteúdo

Posteriormente foi feita uma análise de conteúdo, no qual podemos definir como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/receção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 2008)

Esta técnica tem por finalidade efetuar deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e o seu contexto, ou, eventualmente, os efeitos dessas mensagens). O analista possui à sua disposição (ou cria) todo o jogo de operações analíticas, mais ou menos adaptadas à natureza do material e à questão que procura resolver. Pode utilizar uma ou várias operações, em complementaridade, de modo enriquecer os resultados, ou aumentar a sua validade, aspirando assim a uma interpretação final fundamentada. (Bardin, 2008: 44)

De acordo com Isabel Guerra (2006: 69), a análise de conteúdo pretende descrever situações, mas também interpretar o sentido do que foi dito. Quando falamos em investigação empírica referimo-nos a uma série de operações como descrever os fenómenos (nível descritivo) e descobrir relações de causalidade/ de interpretação das dinâmicas sociais em estudo (nível interpretativo e *grosso modo* correspondente à análise tipológica).

Assim, numa primeira fase procedi à transcrição das entrevistas, em seguida dei lugar à leitura das mesmas, onde nesta fase foram retiradas anotações consideradas relevantes e de forma a conseguir um resumo do respetivo conteúdo das entrevistas. Numa fase posterior e após a leitura e análise da temática e a problemática das entrevistas, elaborarei grelhas onde constam as categorias, subcategorias e as respetivas unidades de registo com os argumentos dos entrevistados (*ver anexo V*). Contudo, esta técnica permitiu-me, assim, obter informação mais rica e, organizada para conseguir comparar e chegar de forma mais eficaz às minhas conclusões do meu estudo.

Parte III

Resultados da
Investigação

6. Análise dos Resultados

Neste ponto pretende-se proceder à apresentação estruturada dos resultados obtidos da análise de conteúdo e também a respetiva interpretação em cada uma das categorias em análise. Os dados retirados das entrevistas serão apresentados e interpretados de acordo com as seguintes categorias:

- Empobrecimento da classe média
- Corte no orçamento familiar e a mudança de hábitos de consumo
- Solidariedade em tempos de crise
- Poupar em tempos de crise
- Consumos mais ponderados e conscientes
- Estratégias para resistir à crise
- Sugestões para melhorar a situação do País

6.1. Categoria I

Empobrecimento da classe média

Relativamente a esta categoria foi dividida em **subcategorias**, podemos verificar que a classe média foi diretamente afetada pela crise devido a várias situações como o corte nos salários, situações de desemprego, aumento de taxa de IRS, insolvências de empresas e situação precária laboral que foram alterando o seu estilo de vida, os hábitos de consumo e orçamento familiar, **(E8)** *“Comecei sentir na pele mais quando se confirmou os cortes salariais, primeiro foram os subsídios e depois no próprio vencimento mensal, quer eu e o meu marido somos funcionários públicos, portanto em termos de agregado familiar sentiu-se muito a crise”*, **(E5)** *“Vi que estava perante uma crise com a diminuição dos cortes salariais (...), Temos também situações precárias de empregos, (E1) “ (...) pela situação profissional, que me encontra porque havia a possibilidade iria estar efetiva no emprego, com tudo perante a situação do país, a entidade patronal comunicou que não havia autorização para regular a situação profissional (...)”*, **(E3)** *“A partir do momento que deixei de ter colocação na minha área (...) deixei de ter esta estabilidade profissional (...)”*, **(E6)** *“A partir da primeira vez que fiquei desempregada”*.

6.2. Categoria II

Corte no orçamento familiar e mudança de hábitos de consumo

Em relação a esta categoria foi dividida em várias subcategorias. Na **primeira subcategoria**, relativamente à **diminuição do consumo de bens e serviços**, podemos verificar mediante os argumentos dos entrevistados que, na sua maioria, fizeram cortes no seu orçamento familiar, fazendo alterações significativas nas suas vidas. Cortes desde tudo o que é supérfluo e gastando só naquilo que é considerado um gasto de necessidade, **E1** “ (...) começou pela alteração do consumo de alguns produtos, passei a consumir produtos de marca branca, foram cortados alguns produtos considerados de luxo, face ao preço dos mesmos, cortei a nível de empregada doméstica, ginásio, evito usar o carro” **E2** “ Desde de deixar de poder ir de férias, por exemplo... menos compras em bens supérfluos”, **E4** “(...) procurei coisas com descontos, por exemplo, comecei a usar muito copões de desconto (...)comprar roupa em saldos, não ir passear ou fazer férias durante tanto tempo, **E7** “Foi essencialmente as questões que tem a ver com o vestuário, aquilo que é mais supérfluo”, **E9** “deixei de fumar, cortei empregada sempre tive ajuda em casa” **E10** “Foi essencialmente em despesas extras, como espectáculo, cinemas, cultura”,**E14** “Eu cortei essencialmente nas viagens, foi o grande corte”., embora alguns afirmassem que não foi um corte mas sim uma diminuição, no que respeita aos gastos, **E7** “(...) eu não passei de um momento de loucura para um momento de pensar que não tenho dinheiro nenhum e agora vou ter de mudar a minha vida radicalmente, e eu não mudei a minha vida radicalmente. **E11** “(...) não foi um corte, corte mas sim um ajustamento”, “ O ideal até é continuar a fazer as coisas mas de uma outra forma, uma forma mais barata”.**E12** “No meu caso eu comecei não a fazer corte, mas a diminuir nos gastos, a poupar mais, digamos”.

Relativamente à **segunda subcategoria** “**bens que não prescindem em tempo de crise**”, apesar de a maior parte dos entrevistados afirmarem que tiveram que fazer alguns cortes no seu orçamento familiar para conseguirem fazer face a todas as despesas, muitos deles afirmam não conseguir prescindir de alguns hábitos, como o fumar, **E3** “Fumar, sem dúvida. É um vício que não consigo mesmo deixar”, a toma de café **E1** “Tomar um café todos os dias fora de casa”, a ida aos cabeleireiros **E8** “Um dos hábitos que não prescindo é a minha ida ao cabeleireiro”, **E9** “Não prescindo de andar bem arranjada. Um pouco mais limitado mas não prescindo”, ginásios **E11** “O

ginásio é um dos hábitos que não prescindo, pela minha saúde”, ouso do carro E2 “O carro, é um que eu não prescindia”, e ir a um restaurante ao fim de semana, E14 “O que não prescindo é o ginásio e também não prescindo dos prazeres da vida, de vez em quando ir jantar fora e beber um copo com os amigos”

Em relação à subcategoria “**Lista de compras e a frequência com que são feitas as compras**”, como podemos verificar a maior parte dos entrevistados fazem lista de compras e sempre o fizeram, **E8** “*Sempre fiz. Tenho em casa os produtos que necessito e à medida que vão terminando, vou fazendo a minha lista para evitar um stock de produtos em casa*”, **E9** “*Sim faço. Eu sempre fui muito contida e ponderada no consumo do essencial não mudou*”, embora alguns deles só começaram a ter este comportamento com o aparecimento da crise, **E12** “*Faço, antigamente não tinha esse hábito, que adquiri com a crise. Reparei que tendo este hábito de fazer lista, faz com que diminuámos os nossos gastos e compramos só o que é necessário*”. Com este comportamento verificou-se que poupam mais, que só compram o que é necessário e evitam gastos considerados supérfluos. Relativamente à subcategoria “**Local das compras**”, as compras são feitas essencialmente nas grandes superfícies, nos hipermercados com o objetivo de acompanhar as promoções e, assim controlar melhor a despesa, **E1** “*faço gestão semanal, é uma forma de eu gerir melhor o meu orçamento familiar*”, *as compras faço duas vezes ao mês, e comecei a fazer agora com a crise (...)* **E12** “*procuro fazê-las nos hipermercados*”, **E2** “*comecei a fazer diariamente de forma a acompanhar as promoções*”.

Em relação à subcategoria “**A relação qualidade /preço no ato da compra**” na maior parte dos entrevistados consideram que a crise veio alterar esta relação entre o preço e a qualidade. Antes da crise procuravam primeiro a qualidade e depois o preço, agora pensam primeiro no preço e, só depois na qualidade, **E1** “*É essencialmente o preço. Atualmente centro-me sempre no preço e só depois nas outras características do produto*”, **E3** “*Preço, não pensava assim, digamos que, que agora penso preço e logo a seguir qualidade, embora, haja alguns que conseguem conciliar a qualidade e o preço, existem certos produtos que continuam a usar da marca e há outros que são substituíveis pelos da marca branca, E3 “às vezes vou as marcas brancas, cremes confesso que procurar aliar a relação de qualidade/preço, mercearias caio mais para as marcas brancas (...) mas se falarmos em peixe, uma boa carne, uma boa fruta e bons legumes, ai o panorama já é diferente”, E6 “por exemplo, os produtos de higiene, gel de banho,*

creme do rosto, escolho sempre da marca (...) mas se for mercearia compro marca branca sem qualquer problema, não vejo muita diferença” E8 “Tento conciliar qualidade e preço. Devo-lhe dizer que em termos de alimentação compro produtos de marca branca (...) uma coisa que não abdicó é em termos de detergente para a roupa (...) produtos de higiene como o gel de banho sim, marca branca mas se for de rosto, não”.

6.3. Categoria III

Solidariedade em tempos de crise

No que respeita a esta categoria pude verificar que maior parte dos meus entrevistados tem espírito solidário em tempos de crise. Normalmente ajudam instituições como, o Banco Alimentar Contra a Fome, a Cáritas, a Cruz Vermelha e também Associações de protecção aos animais. **E1**” *Pontualmente, em alturas de natal, em campanhas de recolha de alimentos, tento sempre ajudar”, E3 “Normalmente, não. Só o faço na altura do Natal, ou para a Cruz Vermelha”, E14 “Sim. Quando vamos às compras e tiver alguma campanha de solidariedade, nós ajudamos. Também contribuo para a protecção dos animais”, E7 “(...) contribuo para o Banco Alimentar e na recolha do papel sempre que me lembro. Aqui na Segurança Social também aderimos a algumas campanhas, como por exemplo a entrega de vestuário para a Cáritas”.*

6.4. Categoria IV

Poupar em contexto de crise

Nesta categoria podemos afirmar, mediante os argumentos dos entrevistados, que na sua maioria conseguem ter uma conta poupança, em que todos os meses colocam algum, ou o pouco dinheiro que sobra em poupança. Verificou-se que com surgimento da crise este comportamento ainda se consegue fazer mas, em menor valor, **E9**” *Sim, sempre o fiz embora num valor menor”, E5 “Tento ao máximo. Mas há meses que é muito complicado, E2 “Consigo ter conta poupança. Sempre consegui, atualmente consigo, pensando sempre no futuro da minha filha”. Mas também alguns deles afirmaram que com esta crise, as situações precárias de emprego e o desemprego veio fazer com deixassem de o fazer, E1 “Sempre tive conta poupança, contudo, apos a situação de emprego deixei de poupar, E11 “Não. Já consegui ter, mas agora não*

consigo, está tudo certinho e controlado. Em situações de recibos verdes como me encontro é complicado". Contrariamente a estas situações, alguns entrevistados conseguem poupar mais agora, do que antes da crise, isto devido a ter um consumo mais consciente, retraído e evitarem compras consideradas supérfluos, **E7** *"Eu consigo sempre poupar algum. Como em 2008 deparamo-nos com a crise, e as pessoas ficaram com medos e retraíram mais o consumo, penso que as pessoas passaram a poupar mais"*, **E3** *"agora já penso, não preciso, não compro porque anteriormente como comprava produtos supérfluos, com esta atitude, consigo poupar mais"*.

6.5. Categoria V

Consumos mais ponderados e conscientes em tempos de crise

Em relação, a esta categoria podemos verificar que quase todos os entrevistados pensam que a o aparecimento da crise veio alertar o consumo e consciencializar os portugueses para um consumo mais consciente e ponderado, **E2** *"A mim não senti isso porque eu já era consciente e ponderada (...) as pessoas que me rodeiam sim, reparei que conseguem ter um consumo mais consciente (...) pensam mais nos preços, procurando sempre as promoções dos hipermercados comprando marcas brancas"*, **E10** *"Em certa medida, acho que sim. Os portugueses estão a enfrentar uma realidade que não estavam habituados (...) eu não sei como é que existem pessoas á minha volta que vivem da forma que vivem"*. Alguns relatam que o povo português estava habituado a um estilo de vida que não podia ter mediante os seus rendimentos e, que também passaram por alguns momentos de muito facilitismo na posse de bens, no que respeita, ao pedido de empréstimos ao banco, **E6** *"Claro que sim. Existia um pensamento no povo português que quando se ganhava 1000€, por exemplo que podia gastar 1500€ (...) agora, de certeza que pensam duas vezes antes de gastar tudo porque o mercado de trabalho está instável, com situações de emprego muito precárias e a vida está cara"*, **E8** *"Acho que sim. Antes havia muito facilitismo, as pessoas tinham vários créditos, e agora com a crise, muito desemprego, os salários diminuem e muitas famílias ficaram em situações complicadas"*, **E13** *"antes da crise em termos de ir ao banco pedir um empréstimo, ir a supermercados e pedirem cartões de crédito com plafons exorbitantes, comprar carros sem necessidade, porquê comprar carro novo se se pode comprar em segunda mão, neste momento o que se está a verificar é que as pessoas estão a entregar bens que comprar com esse facilitismo"*.

6.6. Categoria VI

Estratégias para resistir à crise

Nesta categoria podemos afirmar que a classe média, e mais concretamente os entrevistados, na sua grande maioria, não têm lidado bem com a crise e alteraram significativamente o seu estilo de vida. Verificamos que a mudança está a ser muito difícil de lidar uma vez que estavam habituados a ter o seu ordenado, uma vida profissional estável e um poder de compra considerável bom. Mas, contudo a crise veio de uma certa forma educar as pessoas a gerir o seu orçamento familiar e, a ensinar a ser um consumidor mais retido e consciente, **E8** “ (...) *uma pessoa que está habituada a um estilo de vida e depois ter que sair dele é complicado, custa e gere muita instabilidade, a mudança por si só já gera ansiedade, instabilidade*”, **E5** “*Não é fácil lidar com a mudança. No início é complicado, mas depois isto passa a ser uma aprendizagem (...) as coisas que estávamos habituados a comprar, já não o fazemos e, isso não é nada fácil, a mudança é sempre muito complicada*”, **E6** “*Sim, psicologicamente senti-me abalada com a crise. No momento que fiquei desempregada, foi o momento que realmente senti mais, senti-me impotente, frustrada, o facto de não ter salário e não ter o meu emprego*”, **E12** “*o facto de estar desempregada e ter tanta formação deixa-me um pouco desiludida e frustrada. Tem sido muito difícil lidar com toda esta situação, porque de uma certa forma as pessoas sentem-se constrangidas, inutilizadas*”. Para outros a crise esta a ser um adiar de sonhos e a impossibilidade de criar projetos de vida, **E1** “ (...) *houve um adiar de sonhos, nomeadamente o projeto de ter filhos e ainda não tive face à crise económica (...) fez com que ficássemos com menos capacidade de sonhar, com menos esperança*”, **E14** “*ter filhos neste momento não é possível, temos de pensar duas vezes se somos pais ou não*”.

Contrariamente a esta ideia, alguns entrevistados têm lidado, de uma certa forma, bem com a crise. Ora, estes que estão a conseguir lidar com a crise são pessoas que já eram conscientes, retraídos no consumo e, que nunca foram pessoas de gastar mais do que o que podiam, não consideraram uma mudança drástica na sua vida e que a vinda desta crise veio influenciar a poupar mais e alertar para certos consumos considerados supérfluos, **E2** “*Não. Tenho conseguido lidar bem com a crise, não foi uma mudança drástica na minha vida, não me afetou muito, por isso tenho gerido bem*”, **E7** “*Há dias que uma pessoa se sente um pouco afectada, não vou dizer que não*

*(...) cortes nós salários, sentimo-nos um pouco frustrados e impotente (...) entra-se numa instabilidade emocional, mas temos de andar para a frente e ter otimismo e esperança. Consideram até que a crise para alguns que os rodeiam não veio afetar muito o seu estilo vida, **E4** “Não, a memória é curta, e as pessoas que não se habituaram a pensar por si próprias a tomarem decisões autónomas deixam se levar ao primeiro sinal de melhoramento... não estou a falar de pessoas por falta de formação, eu vejo isso em colegas minhas, é vão gastando, consoante a vida vai melhorando.*

6.7. Categoria VII

Sugestões para melhorar a situação do País

Relativamente a esta categoria, as opiniões dos entrevistados dividem-se no que respeita à situação atual do País. Alguns realçam a importância para mudança de mentalidades e a boa educação são factores chave para a mudança, **E7** “*deveria seriamente apostar na educação (...) o nosso futuro são as pessoas que hoje andam na escola (...) apostar na educação vai fazer com que a sociedade saiba lidar com os problemas, **E13** “Há muita coisa para mudar, mas o mais importante era realmente mudar algumas mentalidades, no sentido em que o povo português não pode ser seduzido a ter sempre tudo de forma fácil (...) existem aqueles que querem ser os certinhos e que estão a pagar por estes espertos que conseguem fugir às suas obrigações (...) se não houver esta mudança de mentalidade vamos continuar nisto, **E4** ”Se cada um na sociedade cumprirem com a sua função, se os professores souberem ser professores, os alunos saberem ser alunos e os cidadãos souberem ser cidadãos, a coisa funciona, agora se começa a haver falhas aqui e ali, a sociedade desmorona, portanto é isso, um forte investimento na formação”.*

Outros relatam que para haver uma mudança teriam que se criar algumas políticas, nomeadamente políticas de emprego e também apoiar as pequenas e médias empresas, **E1** “*Eu acho que deveriam, adoptar políticas para a criação de emprego (...) deveriam estar mais centrados em criar emprego, ejectar dinheiro nas pequenas e medias empresas, as pessoas não tendo emprego não consomem*”. Para outros a inovação está no topo para a mudança do país uma vez que o mercado está saturado, não há poder de compra, a economia está estática e apostar na inovação seria uma das soluções, **E15** “*Devíamos ser mais inovadores, por exemplo na construção só se preocupavam em construir e não inovavam “existem mais casa que pessoas” (...) a*

construção está parada, ninguém compra e isso está a destruir com a nossa economia (...). O mercado está saturado e realmente a inovação, criar algo novo e que crie riqueza é que pode vir a contribuir, para crescer a economia”.

7. Discussão dos Resultados

Relativamente à **categoria I**, através das informações recolhidas pelos entrevistados, posso afirmar que nesta categoria, a classe média tem sido bastante atingida pela crise que atualmente atravessamos. As medidas de austeridade impostas pelo governo, as situações precárias no emprego, os cortes salariais, o aumento do imposto do IRS e o volume de insolvências nas empresas têm abalado a classe média de uma forma significativa. Mediante este panorama e, de acordo com os argumentos prestados, viver com esta crise tem sido muito difícil, existem sentimentos de frustração, muita instabilidade emocional e impotência. O que mais se evidenciou nos meus entrevistados foi realmente o corte nos salários tanto na função pública, como nos privados e situações de desemprego que os têm afetado directamente. Posso afirmar então, que a classe média está a passar por momentos de muita turbulência e instabilidade emocional, no qual, se sentem incapacitados perante o problema que enfrentam, com poucas perspectivas de futuro. Perante todos os argumentos verifiquei que na sua maioria estão a sentir a crise de uma forma perturbadora e marcante. O factor que mais os tem afectado, é sem dúvida, a instabilidade profissional causada pelas medidas do governo para conseguirem responder às medidas impostas pela Troika.

Em relação à **categoria II** pude desenvolver vários pontos, no qual se direccionaram directamente com o objectivo geral da minha pesquisa “ *A mudança de hábitos de consumo da classe média em contexto crise actual*”. Ora, verificamos no ponto anterior que a classe média foi bastante atingida pela crise e, por isso, era de se esperar que fizessem alterações a nível do orçamento familiar e mudanças no consumo de bens e serviços. Fizeram vários cortes, mas os que mais se destacaram foi sem dúvida a diminuição de bens considerados supérfluos, passando a consumir o essencial. A mudança de comportamentos perante o consumo foi patente, a ida aos supermercados e aos hipermercados tem sido feita de uma forma mais contida onde têm mais atenção ao preço, substituem a maior parte dos produtos de marca pelos da marca branca, acompanham mais as promoções, fazem mais vezes compras e em menos quantidade para desta forma levarem só aquilo que é necessário. As idas a jantares e almoços fora, diminuíram drasticamente e, viajar também foi um dos consumos que mais levou corte, muitos diminuíram, mas outros tiveram mesmo que cortar.

Durante a conversa senti que realmente quase todos se sentem afetados pela crise, senti uma certa tristeza, frustração e revolta, embora a forma como respondem apresentam palavras que não demonstrassem o que realmente sentem, como as palavras “*diminuir*” e “*controlar*” em vez de “*cortar*”, talvez porque a palavra “*cortar*” seja um sentimento de deixar de ter, de perda e para se sentirem mais confortáveis e seguros utilizam palavras mais suaves para afastar o sentimento de fraqueza.

Apesar de terem feito algumas mudanças, cortes ou diminuição, no que respeita ao consumo, certos hábitos não tiveram alteração, realçando até que não conseguem deixar de o ter ou fazer mesmo estando numa situação de crise. Temos o exemplo fumar, café e fazer desporto, foram os hábitos mais que mais se destacaram. Relativamente a estes hábitos, no qual não prescindem, na minha opinião pode ser uma forma de conseguirem lidar com a crise, talvez o refúgio deles para conseguirem enfrentar o problema. Achei curioso também a importância que dão à imagem (*E8 e E9*) os cuidados a ter com a imagem, ida aos cabeleireiros e vestuário, embora feito de uma forma mais controlada e com menos frequência. Este aspeto também particularmente importante para as mulheres, para que se sintam bem com elas próprias e consigam ter algum prazer na vida, mas também a concorrência de preços no mercado ajuda a conseguirem ainda a usufruir destes hábitos.

Em relação às compras, quase todos os entrevistados fazem lista de compras e vão às compras mais vezes e compram em menos quantidade e são feitas mais nos hipermercados, ora este hábito para alguns já existia, mas na maior parte esse hábito era desconhecido e só passaram adotar esse comportamento com a crise, procurando assim mais promoções, a levarem produtos que são necessários, evitando os supérfluos e assim controlarem melhor os seus gastos e o seu orçamento familiar. Senti no desenrolar da conversa que facilmente se adaptaram a esta mudança, na minha opinião como em todo lado há promoções e à volta delas todos o fazem, então sentem-se iguais, sentem que fazem parte do mesmo grupo, não se sentem os únicos a passar pela mudança e isso dão-lhes coragem e animo para enfrentarem a fase menos boa pela qual estão a passar. Relativamente à relação do preço e qualidade dos produtos, notei que na sua maioria mesmo estando em crise, existem certos produtos que ainda preferem colocar em primeiro lugar a qualidade e depois o preço, como por exemplo a carne e o peixe. Penso que seja por razões de saúde, comer a carne e o peixe mais saudável e fresco pode contribuir e muito para a protecção da saúde. Em relação aos outros

produtos notei que não se importam de comprar de marca branca excepto os cremes, produtos de higiene, lá está por questões de saúde talvez, mas curiosamente o que também não dispensam que seja da marca é o detergente da roupa, até fiquei um pouco surpreendida, embora estes detergentes da marca estejam muitas vezes nos hipermercados em promoções e, talvez aproveitem a qualidade que possuem.

Na **categoria III**, podemos confirmar que a classe média mesmo estando numa situação mais vulnerável continua a ter um espírito solidário pelos mais carenciados, contribuindo para várias instituições como o Banco Alimentar Contra a Fome, a Cáritas e a Cruz Vermelha, mas também para associações de protecção aos animais. Apercebi-me que existe esta preocupação desta classe social para com os mais vulneráveis, no sentido em que conseguem ter a noção que á sua volta existem pessoas em piores condições de vida e com necessidades básicas.

Em relação à **categoria IV**, podemos verificar que na sua maioria conseguem poupar e alguns dos entrevistados afirmam que sempre tiveram esse cuidado. Outros mediante a situação em que se encontram em que os rendimentos são menores, poupam mas em menor valor. Existem também situações em que a mudança de estilo de vida e dos hábitos de consumo veio influenciar mais a esse comportamento. Mas também, há quem não consiga mesmo poupar, devido às situações precárias de emprego, à diminuição nos salários e, também devido às despesas extras que vão surgindo em alguns meses, como o seguro e manutenções do carro, pagamento de impostos, etc.

Na **categoria V**, confirma-se que a classe média tem alterado o seu padrão de consumo, no momento de gastar o pensamento é muito mais contido e reflectido. Verifiquei que esta classe social estava habituada a um estilo de vida considerável bom, que alguns consumos eram feitos de forma inconsciente, não tinham atenção ao preço dando importância primeiro à qualidade e o facto de ser da marca, compravam certos bens de uma forma fácil e rápida com o facilitismo do acesso aos créditos. Ora, mediante a situação, posso afirmar que a vinda da crise apesar de ter abalado e enfraquecido esta classe social, veio consciencializar e alertar para consumos mais conscientes e ponderados. Veio também mostrar que é possível viver com rendimentos menores se houver uma mudança de hábitos de consumo no dia a dia, no qual fará toda a diferença no orçamento familiar.

Podemos afirmar que em relação à **categoria VI** que para muitos a crise tem sido uma aprendizagem, a mudança por si só, já é difícil, gera ansiedade e insegurança. Ora, lidar com a crise está a ser uma situação instável e frustrante, em que para alguns houve mudanças significativas nas suas vidas, no que respeita aos hábitos de consumo e estilo de vida, para conseguirem resistir à crise e, para outros tem sido um adiar de sonhos e um adiar de projetos, como ter filhos e casar. As situações de desemprego foram, sem dúvida, o que mais abalou esta classe social, já que estavam habituados a terem um rendimento, o seu emprego, uma vida estável e segura e, de repente ficarem sem “nada” ou então em situações precárias de emprego. Isso coloca-os numa situação de impotência e desespero, onde a coragem e a esperança têm que reinar no seu dia-a-dia para que consigam enfrentar toda esta instabilidade.

Na **categoria VII**, as opiniões sobre a situação do País dos entrevistados dividem-se. Para uns, as políticas de emprego estão a falhar, que o País precisa de criar empregos para haver poder de compra e mover a economia. Para outros, existem lacunas na educação, em que se apostarmos na educação estamos a preparar os jovens para situações como estas, uma vez que numa sociedade as gerações passam umas para as outras, levar valores e prepara-los para enfrentar as dificuldades, seria meio caminho andado para a mudança. Ora, existem também alguns em que dizem que enquanto não houver uma mudança de mentalidades nos portugueses, a sociedade não vai mudar e iremos continuar a presenciar situações como estas, em que o povo português estava habituado a gastar inconscientemente e ter acesso a tudo de forma muito facilitada. Para outros a mudança seria uma aposta na inovação e tecnologia, em vez de construírem casas em cima de casas, onde o mercado ficou saturado e ninguém compra, criassem algo novo que trouxesse alguma mudança, que movesse a economia e criasse riqueza, contribuindo assim, para um melhor desenvolvimento e crescimento do País.

8. Conclusões

Estudar a classe média, num contexto de crise que atualmente vivemos foi sem dúvida uma ótima escolha, não só por ter sido a classe social mais atingida pelas duras medidas de austeridade, mas também por ser uma temática bastante atual e que tanto se discursa no nosso meio envolvente, pelos meios de comunicação e nas nossas relações sociais. A realização deste estudo permitiu-me realmente conhecer e compreender de modo envolvente a nova forma de viver destas famílias da classe média. Surgiu nelas uma nova forma de olhar para o consumo, onde o ato de gastar passa a ser mais contido e refletido.

Com a revisão da literatura no início desta investigação ficou evidente que a classe média, sempre foi vista como a classe trabalhadora, que vivia do seu salário, que possuía cargos hierárquicos superiores, que vivia consideravelmente bem e que tinha por hábito consumir acima das necessidades básicas, acesso fácil a bens consideráveis e supérfluos, como o acesso à cultura (teatro, livros, cinema), as viagens, a casa própria, carros novos, etc.

Ora, contrariamente a este cenário, o aparecimento da crise veio provocar nesta classe social grandes alterações ao nível do padrão de consumo e do estilo de vida. Mediante as informações recolhidas dos entrevistados, podemos verificar que os empregos para esta classe social já não são o que eram, empregos de longa duração e seguros. Os salários são cada vez menores, devido à situação de crise que o País atravessa, onde as empresas se veem obrigadas a reduzir custos com salários e a contratarem pessoas a baixo custo, de forma a conseguirem segurar o seu negócio. Os subsídios para alguns já nem existem e, as condições de trabalho são cada vez mais precárias, isto deve-se às duras medidas de austeridade impostas pelo Governo (cortes nos salários da Função Pública e nos subsídios).

Mediante este panorama, esta classe social viu-se obrigada a fazer mudanças significativas no seu orçamento familiar para conseguir resistir à crise e, fazer face a todas as suas despesas. Fizeram cortes desde da alimentação, restaurantes, viagens e na cultura. As idas aos supermercados demoram mais tempo e são mais frequentes, o acesso aos produtos de marca branca tornou-se um hábito, embora em alguns produtos não prescindam a qualidade, indo aos produtos da marca, acompanhar as promoções já

faz parte também da rotina destas famílias, as idas aos restaurantes jantar e almoçar fora deixou de existir para muitas delas, pequenos-almoços e lanches deixaram de fazer parte do dia a dia destas famílias e as viagens foram consideravelmente reduzidas. Contrariamente a estes cortes, a maior parte dos entrevistados consideraram o consumo de tabaco, café, ginásio e também a estética, bens no qual não conseguem prescindir mesmo estando numa situação mais vulnerável.

Poupar ainda faz parte de algumas destas famílias, embora num valor mais reduzido. Para outras, este comportamento torna-se impossível com a diminuição nos salários, a instabilidade profissional e com o aparecimento de despesas extras em certos meses, como o pagamento de impostos (IRS, habitação), o seguro do carro, etc. Houve também quem adquirisse este comportamento com o aparecimento da crise, devido às situações laborais instáveis e às perspetivas de futuro incertas no qual se deparam.

Claro que abordar temas como a crise, o consumo e as classes sociais são sempre temáticas muito complexas e, que no fundo têm uma certa ligação entre si. Consegui perceber que quando uma crise se propaga num país, pode trazer sérios problemas para o mesmo, não só a nível económico e financeiro, mas também a nível social. Como se pude constatar a classe média está prestes a desaparecer, está a existir um rápido empobrecimento da mesma, já que se colocam problemas sérios a nível das desigualdades sociais. Todas estas famílias que viviam consideravelmente bem, com um salário e emprego seguro encontram-se numa posição social mais baixa. Pois, neste momento, a classe média sente-se mais próxima da classe baixa do que da classe alta pelas alterações de vida a que foi sujeita.

Ora, podemos afirmar que a classe média está a vivenciar momentos de bastante instabilidade, em que viver com todas estas alterações tem sido uma aprendizagem. Karsaklian (2000: 72) mostra que a aprendizagem diz respeito a um processo de adaptação permanente do indivíduo ao seu meio envolvente. Sair da sua zona de conforto, na qual a classe média auferia um bom ordenado, gozando de um emprego estável, tendo a possibilidade de viajar, de ter casa própria, carro novo, coisas essas que deixaram repentinamente de existir, obrigando a diminuir o seu estilo de vida, tem sido para esta classe social uma nova forma de viver e de olhar para o consumo. Porém, apesar desta classe social estar a enfrentar momentos de grande inquietação a nível emocional, no qual se observam sentimentos de grande frustração e impotência perante

Conclusões

todas as dificuldades, fomos levados a constatar, no decorrer deste estudo, que, com tempo, o ser humano consegue adaptar-se à mudança, adquirindo novos hábitos de consumo e um estilo de vida mais limitado. Pode-se dizer então, que a classe média que atualmente nos deparamos, se encontra cada vez mais fragilizada, mais pobre e mais próxima da classe baixa.

Bibliografia

- BAUDRILLARD, Jean (1995). *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70.
- BARBOSA, Livia (2004). *Sociedade de consumo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- BARBOSA, Livia e CAMPBELL, Colin (orgs.), (2006). *Cultura, consumo e identidades*. Rio de Janeiro, FGV.
- BARBOSA, Livia (2010). *Sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BARDIN, Laurence (2008). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BAUMAN, Zygmunt (1999). *Globalização. As consequências humanas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- BAUMAN, Zygmunt (2008). *Vida para consumo. A transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (2004). «*Dicionário de política*». Vol. 1, Brasília: UnB.
- BOURDIEU, Pierre (1974). *A Economia das Trocas Simbólicas*. SP, Perspectiva.
- BOURDIEU, Pierre (2007). *A Distinção*. São Paulo, EDUSP.
- BOURDIEU, Pierre (2011). *O Poder Simbólico*. Lisboa. Tradução: Fernando Tomaz, EDIÇÕES 70, Lda.
- CÂNCIO, Fernanda (2013). «*No meio da escala Social e da tempestade: A Classe Média*», Diário de Notícias-Economia: 14 de Junho 2013. Disponível em:
http://www.dn.pt/inicio/economia/interior.aspx?content_id=3267677
- CANCLINI, Nestor G (2003). *A globalização imaginada*. São Paulo, Iluminuras.
- CANCLINI, Nestor G (1997). *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ.

CAMPBELL, Colin (1995). «*The Sociology of Consumption*». Acknowledging Consumption, ed. David Miller, London, Routledge.

COUTO, António (2012) «*Desmistificando a (pretensa) classe média, Aqui e Agora*»: 5 de Novembro 2012. Disponível em:

<http://aquieagoraeu.blogspot.pt/2012/11/desmistificando-pretensa-classe-media.html>

CRUZ, Isabel Silva (2013). Entre estruturas e agentes: padrões e práticas de consumo em Portugal Continental. Porto: Afrontamento.

CURVO, Raul Murilo Chaves (2011). *Comparação entre as Grandes Crises Sistêmicas do Sistema Capitalista (1873, 1929 e 2008)*. Rio de Janeiro 2011. Tese (Doutorado em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento) - Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DEBORD, G (1968). *A Sociedade do Espectáculo*. Lisboa, Afródite.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron (2006). *O mundo dos bens. Para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro, ed. UFRJ.

DUBOIS, Bernard (1993). *Comportamento do Consumidor*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

[1] ENGEL, J.F., BLACKWELL, R.D., MINIARD, P.W (2000). *Comportamento do Consumidor*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora LTC.

ESTANQUE, Elísio (2012). *A Classe Média: Ascensão e Declínio*. Fundação Francisco Manuel dos Santos: Lisboa.

ESTANQUE, Elísio (2013). «*Para definir classe média: debate, conceito de classe média*». Jornal Público: 16 de Agosto de 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/Convidado/Downloads/Instabilidade+como+Certeza%20\(15\).pdf](file:///C:/Users/Convidado/Downloads/Instabilidade+como+Certeza%20(15).pdf)

FEATHERSTONE, Mike (1995). *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Publicações Studio Nobel.

FEATHERSTONE, Mike (coord.), (1999). *Cultura global. Nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis, Vozes.

FOLHA DE PORTUGAL (2014). «*Hábitos de consumo dos portugueses mudam devido à Crise*». 19/05/2014. Disponível em: <http://folhadeportugal.pt/habitos-de-consumo-dos-portugueses-mudam-devido-a-crise/>

GALBRAITH, John Kenneth (1972). *A crise económica de 1929: anatomia de uma catástrofe financeira*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

GAY, Peter (2000). *O século de Schnitzler. A formação da cultura da classe média. 1815-1914*. São Paulo, Companhia das Letras.

GONÇALVES, Albertino (2002). «Um perfume de utopia: Ir às Compras ao Hipermercado». *Comunicação e Sociedade*, 4, 1-2, Braga: Instituto de Ciências Sociais, pp. 1-5.

GONÇALVES, Albertino (2004). «*Métodos e Técnicas de Investigação Social I, Programa, Conteúdo e Métodos de Ensino Teórico e Prático*», Relatório apresentado à Universidade do Minho para Provas de agregação no Grupo Disciplinar de Sociologia, Braga, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.

GIDDENS, Anthony (2010). *A estrutura de classes das sociedades avançadas. Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian.

GUERRA, Isabel (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo. Sentidos e formas de uso*, Estoril: Editora principia.

HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela (1975). *Luta de Classes: As classes Sociais em Portugal*. Iniciativas Editoriais.

JORNAL DO BRASIL (2009). «*Entrevista com Michel Maffesoli: A crise é um assunto chato*»»: 07 de Novembro de 2009. Disponível

em:<http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2009/11/07/entrevista-com-michel-maffesoli-a-crise-e-um-assunto-chato/>

JORNAL PÚBLICO (2015). *Adesão à greve na função pública entre os 80 e os 100%, dizem sindicatos*. 13 de Março de 2015. Disponível em: <http://www.publico.pt/economia/noticia/adesao-a-greve-na-funcao-publica-entre-os-80-e-os-100-1689010>

KARSAKLIAN, Eliane (2000). *Comportamento do consumidor*. São Paulo: Atlas.

KRUGMAN, Paul R. (2009). *A crise de 2008 e a economia da depressão*. Rio de Janeiro: Elsevier.

KOTLER, Philip (2000). *Administração de Marketing*. São Paulo: Prentice Hall.

[3] KOTLER, P (1998). *Administração de Marketing: Análise, planeamento, implementação e controle*. São Paulo: Atlas, 5ªed.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane (2006). *Administração de Marketing: A Bíblia do Marketing*. 12ª edição. São Paulo: Pearson Prentice Hall.

LIPOVETSKY, Gilles (2007). *A Felicidade Paradoxal- Ensaio sobre a Sociedade do Hiperconsumo*. Lisboa: Edições 70.

MATEUS, M. Abel (2009). *A Grande Crise Financeira no Início do Século XXI*. Bnomics. P. 42.

MAURATO, Paula (2013) «*Cáritas teve um aumento de 20% de pedidos de ajuda*». Diário de Notícias: 17 de Novembro de 2013. Disponível em: http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=3537843&page=-1

MAURITTI, Rosário; MARTINS, Sousa (2014). «*Consumos de Classe média num Portugal em Crise: Cultura, Lazer e tecnologias de informação*». Sociologias, Porto Alegre, ano 16, nº37, Set/Dez 2014, pp. 144-175. Disponível em:

http://www.academia.edu/8593599/Consumos_de_classe_m%C3%A9dia_num_Portugal_em_crise_cultura_lazer_e_tecnologias_de_informa%C3%A7%C3%A3o_Middle_classes_consumption_in_a_Portugal_in_crisis_culture_leisure_and_information_technology

[4] MASLOW, A. H. (1970). *Motivation and Personality*. New Work. Harper & Row.

MILLER, Daniel (2005). Teoria das compras. O que orienta a escolha dos consumidores. Rio de Janeiro, Nobel.

MORGADO, Jorge (2011). «DECO diz que as medidas de austeridade são bomba de napalm e de destruição da classe média». Jornal de Notícias: 14 de Novembro de 2011. Disponível em: http://www.jn.pt/PaginaInicial/Nacional/Interior.aspx?content_id=205756

POULANTZAS, Nicos (1974). *As Classes Sociais no Capitalismo de Hoje*, Rio de Janeiro: Zahar Editores.

PRADO, Luís Carlos Delorme (2011). «A Grande Depressão e a Grande Recessão: Uma comparação das crises de 1929 e 2008 nos EUA». Revista Económica, Niterói, v 13, n 2, Dezembro 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/Convidado/Downloads/26-78-1-PB%20\(6\).pdf](file:///C:/Users/Convidado/Downloads/26-78-1-PB%20(6).pdf)

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Edições Gradiva.

RABOT, Jean Martin & OLIVEIRA, Mafalda (2014). «A colonização do Sul pelo Norte. A crise financeira na imprensa internacional», in Baptista, Maria Manuel; Vidal, Sara Maia (coord.) (2014). *Colonialismos, Pós-Colonialismos e Lusofonias – Atas do IV Congresso Internacional em Estudos Culturais*, Programa Doutoral em Estudos Culturais, (Museu de Aveiro, 28 a 30 de abril de 2014). ISBN 978-989-98219-1-0; IRENNE – Associação de Investigação, Prevenção e Combate à Violência e Exclusão: ISBN 978-989-98912-0-3; e Ver O Verso Edições: ISBN 978-989-8015-18-1, pp. 95-103.

RIBEIRO, Raquel (2008). *O consumo: uma perspectiva sociológica*. Comunicação apresentada no VI Congresso de Sociologia da Associação Portuguesa de Sociologia. Universidade Nova de Lisboa, 25 a 28 Junho. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/105.pdf>

RIBEIRO, Raquel Barbosa; ALBUQUERQUE, Susana; FONSECA, Jaime Raúl Seixas; PIRES, Carlos Bicho; QUINTINO, Diana Rodrigues (2013). *A procura do consumo*

financeiramente sustentável. Socialização e representações sociais do consumo, crédito e poupança. Revista Crítica de Ciências Sociais, 101, 65-88. Disponível em: <http://rccs.revues.org/5363>

RIBEIRO, Raquel (2012). *Consumo e Classes Sociais em Portugal: Auto-Retratos.* Edição: Causa das Regras.

SANTOS, Norberto Pinto (1998). *A sociedade de consumo e os espaços vividos pelas famílias – A qualidade dos espaços, a turbulência dos percursos e a identidade social.* Coimbra: Faculdade de Letras.

SANTOS, Norberto Pinto (2001). *A sociedade de consumo e os espaços vividos pelas famílias. A dualidade dos espaços, a turbulência dos percursos e a identidade social.* Colibri. Lisboa.

SCHIFFMAN, L.G., KANUK, L.L (2000). *Comportamento do Consumidor.* 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora LTC.

SHETH, J. N; MITTAL, B. NEWMANN, B.I (2001). *Comportamento do cliente: indo além do comportamento do consumidor.* São Paulo: Atlas.

SILVA, Ana (2013). «*Os anos 1980 estão de regresso ao frigorífico dos Portugueses*». *Jornal Público*, 07/02/2013. Disponível em: <http://www.publico.pt/economia/noticia/os-anos-1980-estao-de-regresso-ao-frigorifico-dos-portugueses-1583655>

SILVA, André Barreira Batista Félix (2011). *O impacto da crise económica e financeira actual no sector da cortiça em Portugal.* Lisboa 2011. Tese (Mestrado: Finanças), Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa.

SILVA; Gustavo Teixeira Ferreira (2010). *As Crises Financeiras Mundiais de 1929 e 2008: uma análise comparativa a partir da abordagem pós-keynesiana.*, 95p. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

SILVA, Rute (2015). «*OIT avisa que o desemprego não vai parar de aumentar*». *Jornal Público*: 20 de Janeiro de 2015. Disponível em:

<http://www.publico.pt/economia/noticia/oit-avisa-que-o-desemprego-nao-vai-parar-de-aumentar-1682748>

SIMMEL, Georg (1977). Sociologia. “*Estudio sobre las formas de sociolización*”. Vol.2, Madrid, Biblioteca de la Revista de Occidente, pp. 478-520.

SLATER, Don (2002). *Cultura de consumo e modernidade*. São Paulo, Nobel.

[2] SOLOMON, M.R (2002). *O comportamento do consumidor: comprando, possuindo, sendo*. Porto Alegre: Bookmann, 5ª ed.

STIGLITZ, Joseph (2000). «*O que aprendi com a Crise Mundial*». Revista de Economia Política, vol.20, nº3 (79), Julho-Setembro/2000. Publicação: Jornal Folha de S. Paulo. 15/04/2000. Disponível em: <http://www.yumpu.com/pt/document/view/12493467/o-que-eu-aprendi-com-a-crise-mundial-revista-de-economia-politica>.

SYNEK, Clara ART-09/02 (2009). «*Impacto da recente crise financeira internacional na riqueza das famílias em Portugal e na área do Euro*». Disponível em: <http://www.gpeari.min-financas.pt/investigacao/artigos-do-bmep/2009/Artigo-02-Impacto-da-recente-crise-financeira.pdf>

TRUNINGER, Mónica; TEIXEIRA, José (2013). *Consumo alimentar em Portugal no contexto pós-Crise 2008*. Plataforma Barómetro Social- plataforma virtual de reflexão de análise sobre a sociedade portuguesa e o seu posicionamento no contexto internacional. 12/12/2013. Disponível em: <http://barometro.com.pt/archives/1120>

VEBLEN, Thorstein (1983). *A teoria da classe ociosa: um estudo económico das Instituições*. São Paulo: Abril Cultural. d C. São Paulo: Pioneira, 1965.

VEBLEN, Thorstein Bunde (1983). *A teoria da classe ociosa: um estudo económico das instituições*. Os economistas, São Paulo: Abril Cultural.

VERÍSSIMO, André (2013). «*A Crise fez o Hábito*». Jornal de Negócios. 27/11/2013. Disponível em: <http://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/detalhe/a-crise-fez-o-habito.html>

WEBER, Max (1986). *Sociologia*. IN: COHN, Gabriel (org). São Paulo, Ática.

Bibliografia

WRIGHT, Mills (1982). *A nova classe média*, Rio de Janeiro, Zahar.

Anexos

Anexo I: Entrevista à Presidente da Cáritas

Entrevista informal à presidente da Cáritas de Braga

Dra. Eva Ferreira

Realizada: 28/01/2015 pelas 10h00.

1. Neste contexto de Crise atual que estamos atravessar, considera a classe média, é um tipo de classe que se tem vindo a destacar, no que respeita, a pedidos de ajuda à vossa instituição?

R: Nos últimos anos, verificamos uma alteração no perfil das pessoas que recorre a caritas. Até há cinco anos atrás, eram pessoas com poucas qualificações, muitas vezes com histórias de desemprego muito recorrentes, pessoas que sempre tiveram trabalhos precários, com poucas competências. Infelizmente, nos últimos anos tenho recebido também, algumas famílias que viviam bem, que viviam dos seus salários. Por exemplo, se falarmos de um casal que tenha filhos, basta um ficar desempregado, para ficarem logo com dificuldades, porque muitas vezes tinham assumidos créditos bancários, créditos da casa, de carros, as pessoas tinham essa facilidade e esse compromisso, e claro, se existe menos um salário em casa, chega-se a um ponto que não vão fazer face as suas despesas e, controlar o orçamento. Existem algumas até que contam com ajuda de familiares, mas também a dada altura já não conseguem recorrer aos próprios familiares, uma vez que estes, ficaram em posição de sustentar duas casas, e também não conseguem, e também tiveram cortes nos salários, por isso torna-se muito complicado.

2. Que tipos de ajuda solicitam?

R: Essencialmente pedem para pagar as despesas básicas, como a amortização da casa, despesas da água, luz, gaz, e basicamente isso, porque normalmente no que respeita a alimentação há sempre um familiar que vai ajudando, em roupa também. O

apoio dos familiares são possíveis até um certo ponto, porque a longo prazo isso chega-se a um ponto que ficam numa posição de impossibilidade.

3. No momento de pedir ajuda, sentiu que esta classe social apresentava algum sentimento de revolta, vergonha ou até mesmo desespero?

R: Para esta classe média é muito complicado, sentem muita frustração e muita dificuldade em adotar o seu dia a dia, aos rendimentos que tem no momento. Por exemplo já tivemos casais em que tinham os filhos em colégios privados, que frequentavam ginásios, tinham assumido certas actividades que ficam dispendiosas. Houve casos em que tinham várias amortizações para fazer, vindo só em situação mesmo precária, isto é, em último recurso. Nos tentamos fazer o nosso trabalho, de forma mais discreta possível, para que estas pessoas se sintam confortáveis, as pessoas realmente sentem alguma vergonha.

4. Conseguir-me destacar alguns exemplos / casos que a tivesse alertado mais?

R: Há vários, por exemplo, vou-lhe referir três casos distintos. *O primeiro caso*, é o caso de um senhor que era empresário, da área da construção civil, fazia pequenas obras, foi uma pessoa que ficou com muito dinheiro por receber, era viúvo e vivia sozinho com um filho, chegou a um ponto em que o filho estava com uma depressão, ficou numa situação de desespero, porque viu que não ia ter meio para sair desta situação, porque nem sequer ia ter direito ao subsídio de desemprego, foi aguentando a empresa até onde pude, como são processos longos, quando acontece esta falência das empresas, ele não conseguiu esperar que se resolvesse o assunto e chegou a um ponto que realmente precisava de ajuda. *Outra situação* complicada que nos já deparamos foi, uma pessoa licenciada que trabalha na área social, tivemos o cuidado que a pessoa que atendeu não a conhecesse. A situação foi que o marido ficou desempregado, não conseguia arranjar emprego, e o ordenado dela não chegava para fazer face a todas as despesas, a situação ficou insustentável, passado alguns meses o marido conseguiu arranjar emprego no estrangeiro, as coisas conseguiram-se equilibrar, mas foi complicado. *Depois temos outro tipo de casos*, em que as pessoas viviam dos valores das rendas, que são consideradas de classe media alta, com reformas pequenas mas que tinham bens rendados, os bens desvalorizaram imenso, uma diferença de valor enorme,

em que algumas lojas fecharam e passaram a não ter esse valor da renda, e todos os impostos que tinham de pagar, começaram a ter dificuldades de os pagar, e também a questão de ter que vender o imóvel em que a situação é demorada e não é fácil. Este exemplo que acabei de falar, a nossa função foi orienta-las e dá-las apoio, não propriamente disponibilizar ajuda material, isto para conseguirem lidar na situação de não conseguirem vender os bens. Depois vem aquelas questões de, vou ter que mudar de vida, o que vou deixar para os meus filhos, aquelas preocupações de futuro.

5. Acha que os pedidos de ajuda vão aumentar?

R: Nos achamos que sim, é como eu lhe referi no início da conversa, as pessoas só recorrem quando já estão numa situação muito precária, em último recurso, quando já não conseguem mais. As poucas famílias que ainda dependem das ajudas dos próprios familiares e também das rendas, isso vai acabar, vai chegar a um ponto em que vão acabar por necessitar de ajuda. Depois há aquelas famílias em que ainda tem vários créditos (crédito da casa, do carro.) e que realmente se acontecer uma situação de desemprego, a situação vai-se complicar, claro que conseguimos verificar que basta haver uma situação de desemprego de uma das partes para ficarem numa situação complicada.

6. Na sua opinião o que é que acha que falhou no comportamento desta classe social face ao controle do seu orçamento? Uma má gestão, consumo inconsciente e descontrolado, o acesso fácil aos créditos, etc.?

R: Acho que as pessoas a partir de agora vão ser mais calculosas, primeiro está complicado terem acesso fácil aos créditos. Mas também esta situação serviu de lição para algumas famílias, depois temos a situação de alguns jovens que para organizarem as suas vidas compraram casa, carro, compromissos estes em que os créditos que foram adquirindo eram superiores aos rendimentos que possuíam. Se calhar se tivessem pensado em comprar uma casa primeiro e só depois comprar o carro não estariam a passar por algumas situações complicadas neste momento, não possuem tantos créditos em que depois só um é que consegue pagar. Realço que realmente as pessoas têm que pensar que mesmo estando numa situação de conforto em que os dois ganham,

um dia, um deles pode ficar numa situação de desemprego. Tivemos aqui alguns casos em que a soma dos créditos era superior aos créditos que recebiam, por exemplo, imagine uma família que tem um rendimento de dois mil euros, tem créditos de mil e duzentos, basta um ficar desempregado não conseguem parar os créditos nem fazer face as outras despesas.

7. Na sua opinião, estas famílias que me acabou de referir, se no futuro tivessem numa situação mais confortável, acha que iriam continuar a ter um comportamento ponderado e consciente perante o consumo?

R: Eu penso que nos próximos anos não, as pessoas vão estar mais calculosas, mas se calhar daqui a uns anos esquecem e voltam ao mesmo, acho que é realmente importante, as crianças desde pequenas na escola devem ser ensinadas ou trabalhar com eles, estas competências de perceber que um dia quando tiverem que gerir o seu dinheiro, ou a sua mesada, que tem que pensar que só podem gastar uma parte daquilo que tem. Ou que tem que guardar, ou gerir de forma moderada. Claro que as pessoas não fizeram de forma propositada, as pessoas nunca pensaram que iriam passar por esta situação, e ficamos a pensar o que vai acontecer se ficarmos um mês ou dois sem trabalho, como vamos conseguir pagar as despesas básicas, cabe a estas crianças realmente terem em atenção estas questões, para que de futuro consigam lidar com este tipo de problemas que possam surgir. Considero que somos boas pessoas, mas que damos muito valor aos bens materiais, isso infelizmente está incutido nas crianças desde pequenas, não sabem que não é fácil dar um brinquedo, dar uma peça de roupa que gostam, tudo tem o seu custo e, considero então que esta educação deveria fazer parte, tanto na escola, como em casa, terem em consciência que as coisas podem-se alterar em qualquer momento, e que os recursos devem ser geridos da melhor forma possível.

Anexo II: Guião de Entrevista

Tema: *“A mudança de hábitos de consumo da classe média em Portugal, no contexto da crise atual”.*

Dados Pessoais:

Nome:

Idade:

Casado/Solteiro:

Nº de filhos:

Nível de escolaridade:

Profissão:

Residência:

Situação perante o emprego:

Situação Salarial (houve ou não corte nos salários):

Variação salarial: - (500) / (500-1000) / (1000-1500) / (1500-2000) / + 2000

1. A partir de que momento/situação viu que estava perante uma crise e sentiu-se afetado por esta?
2. Qual foi o primeiro corte que fez no seu Orçamento Familiar?
3. Os seus hábitos consumo no seu dia a dia sofreram muitas alterações com o aparecimento da Crise?
4. Quais os que sofreram alterações e os que não prescinde mesmo estando em contexto de Crise?
5. Faz lista de compras? Porquê? Quais os benefícios?
6. As suas compras são feitas diariamente, semanalmente ou mensalmente?
7. Onde são feitas as suas compras? (Hipermercado, supermercado...)

8. Sempre o fez, ou a crise fez com que tivesse essa mudança?
9. Qual a razão da mudança? Promoções, controle na despesa?
10. Quando vai às compras, o que tem mais em conta que não tinha antes? (preço, Qualidade-marca, quantidade). (tipo de alimentos, roupas, produtos de higiene...)
11. Contribui de alguma forma para ajudar instituições de solidariedade?

12. Para além do corte nas suas compras, que outro tipo de cortes fez no seu orçamento? (colégios, lazer, ginásios, viagens, cabeleireiros, ida aos restaurantes, cultura (cinema, teatro, compra de livros)).
13. Pretende dar continuidade a estas mudanças, mesmo depois deste período de crise?
14. Quais os hábitos que continua a ter mesmo estando num contexto de crise?

15. Face a todas estas mudanças, a que foi sujeita/o, consegue poupar?

16. Acha que a crise veio consciencializar os portugueses para um consumo mais consciente e ponderado?

17. Considera que esta crise o/a veio afetar a nível psicológico? Como tem lidado com a mudança? Que estratégia adotou para conseguir resistir a esta problemática?

18. Na sua opinião o que acha que deveria ser feito para melhorar a situação do País?

Anexo III: Entrevistas

Entrevistado 1

Nome: Sónia Silva

Idade: 35

Casado/Solteiro: Casada

Nº de filhos: nenhum

Nível de escolaridade: Licenciatura em Serviço Social

Profissão: Assistente Social

Residência: São Vicente- Braga

Situação perante o emprego: Desempregada

Situação Salarial (Houve ou não alteração):

Antes- Variação Salarial (1000-15000)

Neste momento não tem qualquer salário nem subsídio, uma vez que estava em situação de recibos verdes.

✓ **A partir de que momento/situação viu que estava perante uma crise e sentiu-se afetado por esta?**

R: Pelas notícias que eramos bombardeados diariamente, através dos meios de comunicação social, e pela situação profissional que me encontra porque havia a possibilidade de estar efetiva no emprego, com tudo perante a situação do país, a entidade patronal comunicou que não havia autorização para regular a situação profissional, mas esta situação deve-se ao facto do nosso País se encontrar em situação de resgate.

✓ **Qual foi o primeiro corte que fez no seu Orçamento Familiar?**

R: A nível de orçamento familiar os cortes foram vários, começou pela alteração do consumo de alguns produtos, passei a consumir produtos de marca branca, foram cortados alguns produtos considerados de luxo, face ao preço dos mesmos, cortei a nível de empregada doméstica, ginásio, evito usar o carro, só em situação de necessidade, evitar a compra de vestuário, somente quando necessário. A vários níveis, carregamentos de telemóveis, houve uma grande alteração a todos os níveis, deixei de viajar, fazia duas viagens por ano para o estrangeiro e a partir do momento que me encontrava em situação de desemprego deixei de viajar.

✓ **Os seus hábitos consumo no seu dia a dia sofreram muitas alterações com o aparecimento da Crise?**

R: A nível de alterações do consumo do dia a dia, evitei tomar o pequeno-almoço fora, lanches, jantares fora com o marido foram reduzidos, passou a ser uma vez por mês, muitas vezes nem isso, deixou de existir. Evitava mesmo consumir fora de casa.

✓ **Qual (s) os que não prescinde mesmo estando em contexto de Crise?**

R: Tomar um café todos os dias fora de casa.

✓ **Faz lista de compras? Porquê? Quais os benefícios?**

R: Sempre. Primeiro para ficar fiel a lista, ou seja, não cair em tentação de comprar produtos para além daqueles que são necessários, e depois ao estar fiel a lista, não levo mais daquilo que é necessário, e centro-me naqueles produtos de marca branca,

✓ **As suas compras são feitas diariamente, semanalmente ou mensalmente?**

R: Eu faço gestão semanal, é uma forma de eu gerir melhor o meu orçamento familiar, no que respeita, aos gastos no domicílio. Esta gestão semanal foi feita com o aparecimento da crise e, com a situação em que me encontrei de desemprego. Inicialmente era de quinze em quinze dias, mas agora passou a ser semanal, ou seja houve uma divisão do valor que estava disponível para cada semana.

✓ **Onde são feitas as suas compras? (Hipermercado, supermercado...)**

R: Hipermercado.

✓ **Sempre o fez, ou a crise fez com que tivesse essa mudança?**

R: Ia também aos supermercados, mas passei a ir mais frequentemente aos hipermercados uma vez que fazem mais promoções, pois existem os cartões de desconto onde acumulo pontos, ou seja, é uma forma de poupar.

✓ **Qual a razão da mudança? Promoções, controle na despesa?**

R: Principalmente ter acesso as promoções semanais.

✓ **Quando vai às compras, o que tem mais em conta que não tinha antes? (preço, Qualidade-marca, quantidade). (tipo de alimentos, roupas, produtos de higiene...)**

R: É essencialmente o preço. Atualmente, centro-me mais no preço e, só depois nas outras características do produto, como a qualidade.

✓ **Contribui de alguma forma para ajudar instituições de solidariedade?**

R: Pontualmente, em alturas de Natal, em campanhas de recolha de alimentos, tento sempre ajudar.

✓ **Para além do corte nas suas compras, que outro tipo de cortes fez no seu orçamento? (colégios, lazer, ginásios, viagens, cabeleireiros, ida aos restaurantes, acesso á cultura).**

R: A parte da estética só mesmo o básico, mesmo na oferta de presentes houve uma alteração nos preços, ou seja optou por oferecer dos mais baratos, deixei também de ir ao ginásio e em relação a espectáculos, teatros, deixei de os frequentar uma vez que, isso seria um gasto supérfluo, face a situação.

✓ **Pretende dar continuidade a estas mudanças, mesmo depois deste período de crise?**

R: Sim. Mas, contudo em relação ao facto de viajar, gostaria de poder continuar pelo menos a fazer uma viagem por ano. Relativamente às outras mudanças continuarei a

manter as mesmas. Irei adotá-las futuramente. Verifiquei um certo desperdício e descontrolo em relação ao consumo.

✓ **Face a todas estas mudanças a que foi sujeita consegue ter uma conta poupança?**

R: Sempre tive conta poupança, contudo, apos a situação de emprego deixei de poupar.

✓ **Acha que a crise veio consciencializar os portugueses para um consumo mais consciente e ponderado?**

R: Acho que todo as classes tirando algumas possivelmente tirando a classe alta, acho que houve uma grande consciência que podíamos viver bem com qualidade e com menos e gerir melhor o orçamento

✓ **Considera que esta crise o/a veio afectar a nível psicológico? Como tem lidado com a mudança? Que estratégia adotou para conseguir resistir a esta problemática?**

R: Eu acho que não existe uma receita, acho que é tipo um gráfico há picos, há momentos que tamos bem, outros que estamos mal, afecta a nível familiar, houve um adiar de sonhos, nomeadamente o projeto de ter filhos e ainda não tive face a crise económica e face aquilo que a crise trouxe na minha gestão familiar ou seja desemprego, e trouxe alguns problemas a nível relacionais e a nível psicológico, e inevitável não dizer que não me afectou psicologicamente, e fez com que ficássemos com menos capacidade de sonhar, com menos esperança.

✓ **Na sua opinião o que acha que deveria ser feito para melhorar a situação do País?**

R: Eu acho que deveriam, adotar políticas para a criação de emprego, acho que isso e que era essencial, mais do que estar centrados nas políticas sociais, deveriam estar mais centrados em criar emprego, ejectar dinheiro nas pequenas e medias empresas, fomentar o emprego, desde que aja emprego há economia, estimula o consumo, as pessoas não tendo emprego não consomem.

Entrevistado 2

Nome: Cláudia Barreto

Idade: 39

Casado/Solteiro: casada

Nº de filhos: 1

Nível de escolaridade: nível 5

Profissão: Técnica administrativa financeira

Residência: Frossos- Braga

Situação perante o emprego: desempregada

Situação Salarial (Houve ou não alteração): Sim

(Antes- 500/1000- Atual-500)

✓ **A partir de que momento/situação viu que estava perante uma crise e sentiu-se afetado por esta?**

R: A minha vida ainda não deu esse colapso, graças a deus. Comecei realmente a notar que havia mais dificuldades perante as pessoas que me rodeiam, directamente para já, como tenho as coisas muito controladas, consigo gerir a minha vida dentro daquilo que é viável.

✓ **Qual foi o primeiro corte que fez no seu Orçamento Familiar?**

R: Para já não, a única mudança que tive, mas por opção da minha filha ela estava num colégio privado, passou para um semiprivado.

✓ **Os seus hábitos consumo no seu dia a dia sofreram muitas alterações com o aparecimento da Crise?**

R: Não, porque não temos hábitos de fumar, café, hábitos supérfluos.

✓ **Qual (s) os que não prescinde mesmo estando em contexto de Crise?**

R: O carro, é um que eu não prescindia porque é um bem necessário no meu dia a dia. Não prescindia do carro até porque a procura de emprego torna-se um bem necessário.

✓ **Faz lista de compras? Porquê? Quais os benefícios?**

R: Sim, faco a lista porque tem benefícios e porque acabo de estar focada nos lugares certos, levar somente o que é necessário, não levar mais do que a lista que tenho na mão.

✓ **As suas compras são feitas diariamente, semanalmente ou mensalmente?**

R: Semanalmente, quando trabalhava fora isto acontecia, mas vim aqui para a cidade comecei a fazer diariamente de forma a acompanhar as promoções que vão surgindo e compro sempre em quantidades aproveitando melhores preços.

✓ **Onde são feitas as suas compras? (Hipermercado, supermercado...)**

R: Faço nos hipermercados, e no mercado tradicional, tudo que é legumes e frutas faço no mercado tradicional, se for bens alimentares e outros, vou sempre a hipermercados. Sempre fiz assim, gosto dos preços dos hipermercados, e gosto dos produtos frescos.

✓ **Qual a razão da mudança? Promoções, controle na despesa?**

R: Aproveito as duas coisas, as promoções e controlo ao máximo a minha despesa, porque efectivamente os mini mercados não têm preços tao baixos em comparação com os hipermercados, procuro tanto num como no outro acompanhar os preços baixos e as promoções. Sempre o fiz e continuarei a fazer.

✓ **Quando vai às compras, o que tem mais em conta que não tinha antes? (preço, Qualidade-marca, quantidade). (tipo de alimentos, roupas, produtos de higiene...)**

R: Eu jogo muito com o preço/qualidade, as vezes tenho um produto mais barato, mas tenho que ir ao encontro daquilo que eu pretendo, caso eu não consiga satisfazer o meu desejo, prefiro procurar um com melhor qualidade e que não seja um preço tao

baixo. Pode acontecer em algumas situações, mas na maior parte das minhas compras procuro em primeiro o preço.

✓ **Contribui de alguma forma para ajudar instituições de solidariedade?**

R: Sempre, sempre que posso contribuo. Eu ajudo frequentemente, porque sou incentivada pela minha filha e então eu não me importo de contribuir sempre.

✓ **Para além do corte nas suas compras, que outro tipo de cortes fez no seu orçamento? (colégios, lazer, ginásios, viagens, cabeleireiros, ida aos restaurantes, acesso á cultura).**

R: Continuo a fazer, porque é assim, o cabeleireiro o meu hábito sempre foi e atualmente é, uma vez por mês, relativamente a estética e mediante a necessidade que tenho, perante a natação devido ao meu problema de saúde. Viajar fazemos isso sempre que temos possibilidade, maioritariamente quando o meu marido e a minha filha estão de férias. Ao cinema vou muitas vezes.

✓ **Face a todas estas mudanças a que foi sujeita consegue ter uma conta poupança?**

R: Consigo ter conta poupança. Sempre consegui, atualmente consigo, pensando sempre no futuro da minha filha. Consigo gerir as minhas contas, tendo sempre em conta, esse extra que fica guardado, não só em relação a minha filha mas também para alguma despesa extra (seguro e selo do carro, questões de saúde, etc.) que possa surgir no orçamento familiar.

✓ **Acha que a crise veio consciencializar os portugueses para um consumo mais consciente e ponderado?**

R: A mim não senti isso porque eu já era consciente e ponderada quando ia as compras. As pessoas que me rodeiam sim, reparei que conseguem ter um consumo mais consciente, pensam mais nos preços, procurando sempre as promoções dos hipermercados comprando marcas brancas. Sim sem duvida que houve uma maior consciência e atenção no ato de consumir.

✓ **Considera que esta crise o/a veio afectar a nível psicológico? Como tem lidado com a mudança? Que estratégia adotou para conseguir resistir a esta problemática?**

R: Não. Tenho conseguido lidar bem com a crise, não foi uma mudança drástica na minha vida, não me afetou muito, por isso tenho gerido bem.

✓ **Na sua opinião o que acha que deveria ser feito para melhorar a situação do País?**

R: Várias coisas. A classe média tem que ficar mais protegida, recair mais sobre entidades patronais no sentido em que, não deixar que o poder de alguém superior aproveite do facto do país se encontrar em crise, para fazer com que o trabalhador se sinta desvalorizado e sem perspectivas profissionais. As entidades patronais estão com poderes tao grandes e benefícios tao fortes que acabam por abusar da mão-de-obra, do trabalhador, como a pouco referi. Isto acaba por a própria entidade não ter benefícios porque vai acabar por dar falência e vai afectar a classe média, uma vez que, se não há emprego a classe media se não consume é uma catástrofe, isto torna-se um ciclo vicioso. Penso que o estado, nesta situação deveria estar mais alerta, porque ao colocar a classe media nesta situação, porque só esta a dar benefícios a quem tem o poder prejudicando directamente a esta classe, classe esta que considera mais consumista e trabalhadora movimentando desta forma a nossa economia, pois se eles não movimentam o comércio vai estagnar, a construção vai estagnar, as fabricas e serviços vão parar, portanto não há produção, não há mercado. No fundo toda esta conversa sobre a entidade e o trabalhador, no final de contas, a entidade patronal fica sempre a ganhar com os tais benefícios e a classe trabalhadora é sempre a mais afetada.

Entrevistado 3

Nome: Cristina Carvalho

Idade: 32

Casado/Solteiro: solteira

Nº de filhos: nenhum

Nível de escolaridade: Licenciatura

Profissão: Professora de Matemática

Residência: Semelhe-Braga

Situação perante o emprego: Empregada

Situação Salarial (Houve ou não alteração): (1000-1500) – Atualmente o valor mantém-se apesar de ter havido uma situação anterior de corte e não ter sido contratada.

✓ **A partir de que momento/situação viu que estava perante uma crise e sentiu-se afetado por esta?**

R: A partir do momento que deixei de ter colocação na minha área, portanto sou professora mas sou contratada e a partir do momento que deixei de ter esta estabilidade profissional, passei a pensar que realmente estava perante uma crise e que estava a ser directamente afetada por ela.

✓ **Qual foi o primeiro corte que fez no seu Orçamento Familiar?**

R: Muitos cortes. Desde de deixar de poder ir de férias, por exemplo... menos compras em bens supérfluos, e essencialmente foi isso.

✓ **Os seus hábitos consumo no seu dia a dia sofreram muitas alterações com o aparecimento da Crise?**

R: Sim, sofreram. A questão dos lanches, pequenos-almoços, em que se houver a possibilidade de os tomar em casa, não êxito. A questão também de jantar fora, vou muito menos.

✓ **Os que não prescinde mesmo estando numa situação de Crise?**

R: Fumar, sem dúvida. É um vício que não consigo mesmo deixar.

✓ **Faz lista de compras? Porquê? Quais os benefícios?**

R: Sim. Para assim evitar comprar produtos que não são necessários. Sempre o fiz.

✓ **As suas compras são feitas diariamente, semanalmente ou mensalmente?**

R: Semanalmente.

✓ **Onde são feitas as suas compras? (Hipermercado, supermercado...)**

R: Em relação às minhas compras faço-as mais nos hipermercados, procurando sempre as promoções e tenho a possibilidade de encontrar em maior quantidade.

✓ **Qual a razão da mudança? Promoções, controle na despesa?**

R: Se for com a lista e com a noção de comprar só aquilo que se precisa, sim consigo ter um maior controle na minha despesa, mas também é preciso haver esse controle. Se não for o caso haverá mais tendência para gastar mais dinheiro e repito, sempre procuro as promoções para conseguir poupar mais.

✓ **Quando vai às compras, o que tem mais em conta que não tinha antes? (preço, Qualidade-marca, quantidade). (tipo de alimentos, roupas, produtos de higiene...)**

R: Hoje em dia o preço... mas antes não, o que acontecia entre comprar uma marca ou de outra preferia os de marca...por exemplo, os cremes é um bom exemplo (...)
Prefiro comprar um creme da marca e dar por um preço mais caro um bocado....
Mas se calhar se forem produtos de mercearia vou aos de marca branca.

✓ **Contribui de alguma forma para ajudar instituições de solidariedade?**

R: Normalmente, não. Só o faço na altura do Natal, ou para a Cruz Vermelha... mas isso, por hábito não o faço porque não posso.

✓ **Para além do corte nas suas compras, que outro tipo de cortes fez no seu orçamento? (colégios, lazer, ginásios, viagens, cabeleireiros, ida aos restaurantes, acesso á cultura).**

R: Viagens muito menos, naturalmente. Cabeleireiro também diminui, quando tinha o salário ia todas as semanas esticar o cabelo, por mais que fosse uns 7€ ou 6€ era sempre dinheiro a sair... agora só se vai ao cabeleireiro de 4 em 4 ou 6 em 6 vezes. Em relação ao cinema, teatro ia mais vezes, ia mais vezes jantar fora e agora vou muito menos.

✓ **Face a todas estas mudanças a que foi sujeita consegue ter uma conta poupança?**

R: Sim. Agora voltando a uma situação mais segura (posição de emprego/Contratada) é, isso, que eu noto... agora já penso, não preciso, não compro porque anteriormente como comprava produtos supérfluos, com esta atitude, consigo poupar mais.

✓ **Acha que a crise veio consciencializar os portugueses para um consumo mais consciente e ponderado?**

R: Acho. Sem dúvida. Educar mais as pessoas financeiramente, no sentido em que gasta-se o que é necessário gastar... e depois as necessidades de uns não são necessidade de outros... as pessoa começaram a ter mais cuidados, em casa, no consumo da luz, da água que implica dinheiro e implica também conseguirmos um mundo mais saudável.

✓ **Considera que esta crise o/a veio afetar a nível psicológico? Como tem lidado com a mudança? Que estratégia adotou para conseguir resistir a esta problemática?**

R: Afecta. E acho que afecta toda a gente quando se está numa situação de não ter emprego, não ter dinheiro... de pensar que se tem uma conta para pagar e não ter... afecta e tira o sono. A forma como eu encaro isso, é encarar de frente e aceitar aquilo que temos. Por exemplo, vejo um mendigo na rua a pedir, e digo...ainda bem, que não estou nesta situação e, agradecer aquilo que tenho na minha vida...hoje pode estar mal, amanhã pode estar bom... acreditar que as coisas podem vir a estar melhores. E depois em relação ao fato de não conseguirmos trabalhar na nossa área,

trabalha-se numa outra área, nem que se ganhe menos mas ganha-se algum para pagar as contas mínimas e o resto haja saúde.

✓ **Na sua opinião o que acha que deveria ser feito para melhorar a situação do País?**

R: Gerar mais emprego é o primeiro ponto... acabar com os estágios profissionais, em que as empresas se aproveitam desta crise, pagando menos às pessoas (...) acabar com estas medidas de estágios... as pessoas deveriam também ser melhores remuneradas, porque se receberem melhor vão ser mais produtivas, agora se recebo pouco não vai haver motivação...e isto é um ciclo... isto é subir um pouco os ordenados e tudo começava a desenrolar melhor.

Entrevistado 4

Nome: Carmen Fernandes

Idade: 57

Casado/Solteiro: Casada

Nº de filhos: 2

Nível de escolaridade: Licenciatura

Profissão: Professora de Português e Inglês

Residência: São Victor - Braga

Situação perante o emprego: Professora do quadro a aguardar aposentação (doença)

Situação Salarial (Houve ou não alteração): Sim

Variação Salarial- (+2.000€) -neste momento recebe o mesmo devido aos benefícios fiscais de doença oncológica.

✓ **A partir de que momento/situação viu que estava perante uma crise e sentiu-se afetado por esta?**

R: Foi a volta de 2009, em que eu e o meu marido nos vimos confrontados com a situação de ter que vender a apartamento da praia, porque se não fosse isso, estávamos em sérias dificuldades financeiras.

✓ **Qual foi o primeiro corte que fez no seu Orçamento Familiar?**

R: Como é evidente cortei naquilo que não é essencial, procurei coisas com descontos, por exemplo, comecei a usar muito copões de desconto, mesmo na alimentação, comprar produtos da alimentação, do dia a dia, comprar roupa em saldos, não ir passear ou fazer férias durante tanto tempo, basicamente foi isso, ou seja, fazer com menos frequência determinadas coisas que fazia dantes.

✓ **Os seus hábitos consumo no seu dia a dia sofreram muitas alterações com o aparecimento da Crise?**

R: Não, nesse aspecto do dia a dia não houve alterações.

✓ **Faz lista de compras? Porquê? Quais os benefícios?**

R: Faço, nem sempre, mas faço. Para mim eu não preciso da lista para não me dispersar das compras, eu não me disperso, eu fui sempre, mesmo antes da crise, fui sempre uma pessoa extremamente organizada e muito cuidadosa com os gastos, daí eu para o que vejo a minha volta, a minha família estar a atravessar a crise.... Posso considerar poucos danos, muito poucos danos, daí continuar a ter a minha funcionária doméstica, seria só mesmo se eu tivesse numa situação mesmo desesperada, não dispensaria porque é uma pessoa que precisa daquele dinheiro para sobreviver, ora posso dizer que estamos a ultrapassar a crise de uma forma bastante confortante. Quer eu, quer o meu marido sempre tivemos um consumo muito ponderado, fomos sempre pessoas que fazíamos as coisas mediante as nossas possibilidades, como se costuma dizer, nunca demos um passo á frente, daquilo que podíamos, o único que demos, foi ter comprado um apartamento na praia em 1999, mas nessa altura, eu tinha dinheiro, ou seja, o dinheiro sobrava-nos. Nos pensávamos que iríamos manter aquela situação, e que iríamos conseguir sempre fazer face as despesas. Ora, numa situação de crise estar a manter duas casas, não dá... é duplamente, e ainda por cima o dinheiro que nos auferimos com a venda do apartamento, deu para ficarmos confortáveis.

✓ **As suas compras são feitas diariamente, semanalmente ou mensalmente?**

R: Diariamente, tenho tempo.

✓ **Onde são feitas as suas compras? (Hipermercado, supermercado...)**

R: Eu continuo a ir as grandes superfícies, sempre que possível promoções e descontos, depois em termos de frutas e legumes às vezes vou as frutarias, ou seja, mantenho um padrão de consumo que é controlado.

✓ **Sempre o fez, ou a crise fez com que tivesse essa mudança?**

R: Não, sempre o fiz, sempre fui assim. Mas aí aqui uma questão... se dantes eu precisava de algo, de comprar alguma coisa e comprava e ponto final, agora faço uma antevisão daquilo que vou precisar, consulto os folhetos e tento enquadrar as minhas compras nas promoções, assim consigo controlar.

✓ **Quando vai às compras, o que tem mais em conta que não tinha antes? (preço, Qualidade-marca, quantidade). (tipo de alimentos, roupas, produtos de higiene...)**

R: Preço, não pensava assim, digamos que, que agora penso preço e logo a seguir qualidade, talvez relação qualidade/preço, dantes confesso que havia certas produtos como carnes, peixes, frutas, que olhava em primeiro lugar a qualidade. Às vezes vou as marcas brancas, cremes confesso que procurar aliar a relação de qualidade/preço, relativamente as mercearias caio mais para as marcas brancas. Atualmente, existem promoções que são tão frequentes que tu acabas por não necessitar de ir às marcas brancas e, continuas a ir aos produtos de marca de um preço mais acessível mediante as promoções. Em alguns produtos acontece isso, mas se falarmos em peixe, uma boa carne, uma boa fruta e bons legumes, aí o panorama já é diferente.

✓ **Contribui de alguma forma para ajudar instituições de solidariedade?**

R: Não, porque eu não concordo com isso. Não, porque quando tenho roupas para dar, dou a minha empregada. Eu acho que deveríamos viver num mundo, em que não fosse preciso existirem instituições de solidariedade, para mim a palavra caridade é uma palavra muito negativa, faz-me lembrar o tempo do Salazar que era os privilégios, depois havia os chazinhos das madames, para fazerem de caridade para darem aos pobrezinhos, e para mim está mal desde o princípio. Ou seja, numa sociedade em que há igualdade de oportunidades, as pessoas nascem com o mesmo direito de acesso á saúde, educação, não precisamos de caridade, neste sentido não faz falta. A caridade só faz falta num País completamente desequilibrado, as últimas estatísticas, o termo é assustador, a diferença vergonhosa da distribuição da riqueza, 1% da população mundial tem mais que os restantes 99%, há alguma coisa de muito grave. Numa situação de crise, ainda bem que existe alguém que tenha esse gesto de ajudar quem precisa, mas eu tento não alimentar esse tipo de comportamento.

✓ **Para além do corte nas suas compras, que outro tipo de cortes fez no seu orçamento? (colégios, lazer, ginásios, viagens, cabeleireiros, ida aos restaurantes, acesso á cultura).**

R: Ginásios, não gosto, prefiro andar a pé. Em relação a cabeleireiros, nunca fui pessoa de frequentar muito este tipo de sítios. Viagens sim, não prescindo de fazer férias, pois faz falta para a nossa sanidade mental, mas vamos é menos tempo, que íamos. Em relação a cultura, não houve grande alteração, vou quando me apetece. Ainda em relação á cultura realço um aspeto, não compro tantos livros como comprava.

✓ **Pretende dar continuidade a estas mudanças, mesmo depois deste período de crise?**

R: Sim, sempre os tive. Primeiro estas a falar com uma pessoa atípica, eu não sou a pessoa típica da classe média, eu ser considerada o arquétipo que simplesmente afundou, não sou, porque sempre tive, sempre fui muito responsável, organizada. Portanto a minha vida andou sempre equilibrada, sou uma grande gestora dos dinheiros. Embora eu acho que quem trabalha tem direito a mais do que um tecto, ter dinheiro também ir jantar fora de vez em quando, ir a um cinema, passar uns dias fora, senão a vida não faz sentido. As pessoas em vez de comprar um bom telemóvel, um bruto carro, comprassem um bom livro que nos faz alimentar criando uma alma mais preenchida.

✓ **Face a todas estas mudanças a que foi sujeita consegue ter uma conta poupança?**

R: Claro que sim.

✓ **Acha que a crise veio consciencializar os portugueses para um consumo mais consciente e ponderado?**

R: Não, a memória é curta, e as pessoas que não se habituaram a pensar por si próprias a tomarem decisões autónomas deixam se levar ao primeiro sinal de melhoramento... não estou a falar de pessoas por falta de formação, eu vejo isso em colegas minhas, é vão gastando, consoante a vida vai melhorando.

✓ **Na sua opinião o que acha que deveria ser feito para melhorar a situação do País?**

R: Acabar com esta alternância de PS, PSD, CDS vem desde 25 de Abril, vem numa alternância de 30 e poucos anos, e verificamos que nada mudou. No caso do BES, já se sabia desde 2008, ou seja, é uma classe política que engana completamente os

portugueses, haverá alguém que vera com outras intenções, mas no meio de tantos problemas não consegue comprimir com aquilo que deseja, portanto uma mudança política para a esquerda, uma esquerda rigorosa e exigente. Outro ponto fundamental é o facto das pessoas que trabalharam a vida inteira, reformas que não lhes dão para sobreviver, há outras que é muito mais do que isso. Eu entraria para um caminho, onde alterava bastante como é dada a formação dada neste país desde pequeninhos, primeiro introduzir disciplinas de formação cívica e social, cidadania para as pessoas aprenderem a saberem viver com a sociedade, que são parte da ativa sociedade, uma vez que a sociedade é um conjunto de todos nos, e que todos fazemos parte dela, ou seja, ter que começar a haver uma mudança de mentalidade. Se cada um na sociedade cumprirem com a sua função, se os professores souberem ser professores, os alunos saberem ser alunos e os cidadãos souberem ser cidadãos, a coisa funciona, agora se começa a haver falhas aqui e ali, a sociedade desmorona, portanto é isso, um forte investimento na formação.

Entrevistado 5

Nome: Joana Campos

Idade: 32

Casado/Solteiro: Casada

Nº de filhos: Nenhum

Nível de escolaridade: Licenciatura

Profissão: Funcionário Público

Residência: Maximinos-Braga

Situação perante o emprego: Empregada

Situação Salarial (Houve ou não alteração): Sim (corte de 200€)

Variação salarial – (1000-1500)

✓ **A partir de que momento/situação viu que estava perante uma crise e sentiu-se afetado por esta?**

R: Vi que estava perante uma crise com a diminuição dos cortes salariais, cortei nas compras do dia a dia, consumir pouco e mais vezes e só o necessário. Notei um aumento do nível de vida, nos combustíveis, por exemplo, comecei a vir vezes a pé para o emprego para poupar combustível. Realmente senti e cortei em certos aspetos desde do aparecimento da crise.

✓ **Qual foi o primeiro corte que fez no seu Orçamento Familiar?**

R: O que eu entendo supérfluo. Como jantar fora e compras de roupa.

✓ **Os seus hábitos consumo no seu dia a dia sofreram muitas alterações com o aparecimento da Crise?**

R: Sim. Deixei de almoçar fora também, vou almoçar a casa todos os dias.

✓ **Qual (s) os que não prescinde mesmo estando em contexto de Crise?**

R: Não. Nenhum

✓ **Faz lista de compras? Porquê? Quais os benefícios?**

R: Sim. Porque entendo que é uma maneira de me limitar só aos produtos eu realmente necessito e, também dentro desses produtos escolher os mais baratos.

✓ **As suas compras são feitas diariamente, semanalmente ou mensalmente?**

R: É assim, a carne e peixe são compras feitas semanalmente e o resto mensalmente

✓ **Onde são feitas as suas compras? (Hipermercado, supermercado...)**

R: Nos dois. Frutas e legumes é num supermercado perto da minha casa, as carnes é no talho. As grandes compras é que são feitas no híper.

✓ **Sempre o fez, ou a crise fez com que tivesse essa mudança?**

R: Sim. Sempre tive este hábito.

✓ **Quando vai às compras, o que tem mais em conta que não tinha antes? (preço, Qualidade-marca, quantidade). (tipo de alimentos, roupas, produtos de higiene...)**

R: Agora quando vou às compras tenho mais atenção ao preço e depois á marca, antes não.

✓ **Contribui de alguma forma para ajudar instituições de solidariedade?**

R: Sim. As recolhas do Banco Alimentar, faço voluntariado numa instituição de solidariedade. Sempre que posso e surja a oportunidade, ajudo.

✓ **Para além do corte nas suas compras, que outro tipo de cortes fez no seu orçamento? (colégios, lazer, ginásios, viagens, cabeleireiros, ida aos restaurantes, acesso á cultura).**

R: Sim. Alguns cortes. Ginásio, mudei para um mais barato. Cabeleireiro, vou com menos frequência. Em relação ao combustível deixei de ir de carro para o trabalho e

sempre que posso tento vir a pé. Viagens, viajo muito menos...este ano não foi ao cinema e nem ao teatro, a são duas coisas que gosto, mas não dá.

✓ **Pretende dar continuidade a estas mudanças, mesmo depois deste período de crise?**

R: Sim. Mas há coisas que gostava de fazer como viajar.

✓ **Face a todas estas mudanças a que foi sujeita consegue ter uma conta poupança?**

R: Tento ao máximo. Mas há meses que é muito complicado.

✓ **Acha que a crise veio consciencializar os portugueses para um consumo mais consciente e ponderado?**

R: Acho que sim, ou seja, obrigou a refletir sobre os hábitos de consumo.

✓ **Considera que esta crise o/a veio afetar a nível psicológico? Como tem lidado com a mudança? Que estratégia adotou para conseguir resistir a esta problemática?**

R: Não é fácil lidar com a mudança. No início é complicado, mas depois isto passa a ser uma aprendizagem...a ida ao supermercado passou a demorar mais tempo, temos de pensar o que realmente precisamos e, o que se pode comprar. As coisas que estávamos habituados a comprar, já não o fazemos e, isso não é nada fácil, a mudança é sempre muito complicada. Claro que por exemplo, no Inverno poupamos mais, porque não saímos tanto de casa. Mas é mesmo difícil lidar com a mudança, o facto de estarmos habituados a um estilo de vida e com a vinda da crise termos que mudar esses hábitos.

✓ **Na sua opinião o que acha que deveria ser feito para melhorar a situação do País?**

R: Apostar mais no crescimento económico, passar a aumentar os rendimentos das famílias, ou seja, em vez de cortar nos salários, que até entendo... mas em vez de cortar a aumentar um pouco os salários, vai influenciar mais consumo por parte das famílias, aumentando as transacções, criar mais emprego, isto porque as pessoas

precisam de um salário para consumir e a partida, isso acaba logo, por afectar a economia. Assim, iríamos pelo menos tentar ajudar a crescer a economia.

Entrevistado 6

Nome: Diana Ferreira

Idade: 26

Casado/Solteiro: Casada

Nº de filhos: 1

Nível de escolaridade: Licenciatura

Profissão: Contabilista

Residência: Real - Braga

Situação perante o emprego: Empregada

Situação Salarial (Houve ou não alteração):

Variação salarial: (500-1000)

✓ **A partir de que momento/situação viu que estava perante uma crise e sentiu-se afetado por esta?**

R: A partir da primeira vez que fiquei desempregada. Foi um momento muito complicado.

✓ **Qual foi o primeiro corte que fez no seu Orçamento Familiar?**

R: Por exemplo, eu e o meu marido íamos muito a bares ao fim de semana com os amigos, o consumo de bebidas e a própria entrada a muito cara. Em vez de irmos uma ou duas vezes por mês, passamos a ir de dois em dois meses, três em três e depois passamos de deixar de frequentar. Essencialmente esse corte, foi o mais radical.

✓ **Os seus hábitos consumo no seu dia a dia sofreram muitas alterações com o aparecimento da Crise?**

R: Não muito. Eu e o meu marido já tomávamos os pequenos-almoços e lanches em casa. Não fumamos e nem temos o hábito de cafés.

✓ **Qual (s) os que não prescinde mesmo estando em contexto de Crise?**

R: Penso que neste momento com os preços acessíveis de diárias, vamos na mesma comer fora. Somos só duas pessoas. Há certas refeições que compensam mais ir comer fora do que comprar os ingredientes todos para fazer o prato. Por isso, continuo ir aos restaurantes durante a semana, claro que ir comer fora a um restaurante ao fim de semana fica muito mais caro e isso, evitamos claro.

✓ **Faz lista de compras? Porquê? Quais os benefícios?**

R: Já fiz lista, confesso. Penso que quando fazia controlava a despesa, tinha mais tempo quando estava numa situação de desemprego por exemplo. Agora que estou mais ocupada, tenho uma filha pequena e ando sempre à correr. Saio do trabalho muitas vezes e vou directo às compras ao Hipermercado e vou trazendo o que vou precisando. Mas apesar de neste momento não fazer lista de compras, acompanhamos sempre os folhetos das promoções, os cupões e acompanhar as promoções que vão surgindo durante a semana. Por exemplo, se há produtos de certas marcas e estão a um bom preço levo mais um ou dois para aproveitar a promoção.

✓ **As suas compras são feitas diariamente, semanalmente ou mensalmente?**

R: Ultimamente, tenho feito as minhas compras semanalmente. Antes fazia em grandes quantidades. Como já referi, quando estava mais por casa, tinha tempo de cozinhar e tinha de ter a despensa mais cheia. Agora com o trabalho, a minha filha, horários rotativos do meu marido é impossível, às vezes é só para mim, e por isso não compensa. É como eu já disse, compensa mais a diária para duas pessoas do que realizar as refeições em casa.

✓ **Onde são feitas as suas compras? (Hipermercado, supermercado...)**

R: Faço mais as minhas compras em hipermercados. Já frequentei mais os supermercados tradicionais, agora com as promoções constantes no híper, prefiro.

✓ **Sempre o fez, ou a crise fez com que tivesse essa mudança?**

R: Eu já ia aos hipermercados. Eu ia aos dois. Agora o hipermercado tem muitas promoções em quase tudo e por isso é mais prático. E claro que ao ir mais ao híper procurando sempre as promoções já é uma forma de poupar e controlar mais a despesa.

✓ **Quando vai às compras, o que tem mais em conta que não tinha antes? (preço, Qualidade-marca, quantidade). (tipo de alimentos, roupas, produtos de higiene...)**

R: Sempre optei pela qualidade e depois o preço e ainda o faço em muitos produtos. Eu jogo um pouco com os dois, depende do produto em causa. Por exemplo, os produtos de higiene, gel de banho, creme do rosto, escolho sempre da marca e aproveito, claro é só quando estão em promoção, mas nesse tipo de produtos sempre a marca primeiro. Mas se for mercearia compro marca branca sem qualquer problema, não vejo muita diferença.

✓ **Contribui de alguma forma para ajudar instituições de solidariedade?**

R: Tento sempre contribuir para ajudar sempre que há essas campanhas de luta contra a fome. Contribuo sempre. Faço Voluntariado na Cruz Vermelha portuguesa como socorrista.

✓ **Para além do corte nas suas compras, que outro tipo de cortes fez no seu orçamento? (colégios, lazer, ginásios, viagens, cabeleireiros, ida aos restaurantes, acesso á cultura).**

R: Sim. Cinema já cortei há algum tempo. Antes no escudo conseguíamos fazer a festa toda com pipocas, bebida e íamos quase todos os fins de semana ao cinema, agora é muito caro ir ao cinema. Prefiro ver os filmes online, esperar que saia, ou então alugar um filme e ver em casa. Em relação a ginásio, neste momento não frequento porque ainda há pouco tive a menina, mas o meu marido anda e mudou para um low cost. Mas antes de engravidar frequentava as aulas da junta de freguesia para ficar mais barato, 10€ por mês, óptimo. Viajar, continuamos a viajar mas menos tempo e com menos frequência.

✓ **Pretende dar continuidade a estas mudanças, mesmo depois deste período de crise?**

R: Mesmo estando numa situação melhor financeira, pretendo continuar ter alguns dos cuidados que tenho para poupar e controlar o orçamento familiar. Temos de pensar que nos pode acontecer algo, ou voltar acontecer mais uma destas catástrofes e temos de estar preparados, ter algum dinheiro de parte e não gastar em coisas que não são necessárias. Devemos ser sempre controlados mesmo estando melhores a nível dos rendimentos. Mas uma coisa que eu faria se ganhasse mais um bocado era mobilar a minha casa, não o fiz por ter a minha menina, tive de optar, mas claro que eu aproveitava para o fazer se houvesse mais rendimento.

✓ **Face a todas estas mudanças a que foi sujeita consegue ter uma conta poupança?**

R: Todos os meses coloco dinheiro na conta poupança, seja o que for, mas tento sempre por algum. Uns meses mais que outros, claro. Eu e o meu marido sempre tivemos essa preocupação desde que estamos juntos. Mesmo quando estava desempregada, era menos mas colocávamos sempre algum.

✓ **Acha que a crise veio consciencializar os portugueses para um consumo mais consciente e ponderado?**

R: Claro que sim. Existia um pensamento no povo português que quando se ganhava 1000€, por exemplo que podia gastar 1500€...e não pensavam que um dia poderia acontecer algo, ou um deles ficar desempregado e a situação ficar complicada. Agora, de certeza que pensam duas vezes antes de gastar tudo porque o mercado de trabalho está instável, com situações de emprego muito precárias e a vida está cara.

✓ **Considera que esta crise o/a veio afetar a nível psicológico? Como tem lidado com a mudança? Que estratégia adotou para conseguir resistir a esta problemática?**

R: Sim, psicologicamente senti-me abalada com a crise. No momento que fiquei desempregada, foi o momento que realmente senti mais, senti-me impotente, frustrada, o facto de não ter salário e não ter o meu emprego, deixou-me muito em

baixo. Agora que estou empregada, custa-me às vezes comprar algumas coisas, porque na altura que estive desempregada ficou-me muito marcada e estou sempre a pensar que isso pode vir acontecer novamente e temos de estar minimamente preparados para saber lidar com isso.

✓ **Na sua opinião o que acha que deveria ser feito para melhorar a situação do País?**

R: As medidas que estão a ser tomadas são necessárias, mas há certas coisas que deviriam ser feitas, em vez de cortarem por exemplo só aos salários da classe média, deveriam cortar nos salários de topo, mais impostos sobre as fortunas, enfim. Fechar as portas á imigração, em relação a queles que só vem dar despesa ao estado. Criar mais algumas políticas de emprego.

Entrevistado 7

Nome: Idade: Teresa Carrilho

Idade: 49

Casado/Solteiro: Solteira

Nº de filhos: nenhum

Nível de escolaridade: Licenciada em Direito

Profissão: Jurista (Funcionário Público)

Residência: Santa Tecla

Situação perante o emprego: Empregada

Situação Salarial (Houve ou não alteração): Sim-600€ (no salário e subsídios)

Variação salarial (1500-2000)

✓ **A partir de que momento/situação viu que estava perante uma crise e sentiu-se afetado por esta?**

R: Eu apercebi-me que a crise ia rebentar até em termos aqui do trabalho que desempenhava aqui na Segurança Social, em 2008 nós assistimos a uma explosão de números de processos de insolvência, mas uma coisa de loucos, nessa altura o que nos apercebemos é que não paravam de entrar pela porta dentro, um descontrolo total. Mas entretanto não nos cortaram logo nos salários, apercebíamos que algo se estava a passar, e que havia uma crise económica e que nos EUA tinha falido o banco dos *LemanBrothres*, que a situação estava controlada e que a Europa iria se fazer face à crise, eles efectivamente não mexer logo nos nossos salários. Eu efectivamente o que pensei logo, foi controlar mais os meus gastos supérfluos, esfriar o meu consumo neste tipo de bens e na altura a conversar com outras pessoas, apercebiam-se que a procura dos bens esta a descer, que aquelas pessoas que tinham um bom poder de compra estava a esfriar o consumo, isto mais ou menos uma situação que aconteceu entre 2008 e 2010. Em 2008 apercebemos que estávamos perante uma

crise, há uma negação por parte do governo que estávamos numa crise e, só em 2010 é que efectivamente, tivemos um corte nos salários, um corte que na altura que até aceitamos e que pensamos que iria ficar por ali, mas eu de trás já estava a ponderar nos bens que considerava supérfluos, bens que habitualmente podia comprar sem pensar muito, e agora pensava mais naquilo que iria fazer.

✓ **Qual foi o primeiro corte que fez no seu Orçamento Familiar?**

R: Foi essencialmente as questões que tem a ver com o vestuário, aquilo que é mais supérfluo, eu até sou uma pessoa muito regrada, não sou uma pessoa de comer todos os dias fora, ou ir todos os fins de semana jantar fora, portanto eu sou uma pessoa que levei sempre uma vida muito equilibrada, em gastar muito dinheiro em determinada coisa, portanto foi uma coisa que eu conseguir gerir bem, lidar de uma forma aceitável com a situação... não fiquei com aquela sensação que de repente deixei de fazer algo, não!... eu vou fazendo aquilo que sempre fiz mas com mais algum cuidado e evitar os tais bens supérfluos. Eu tenho lidado desta forma porque sempre foi uma pessoa muito equilibrada perante o gasto, não foi criada na abundancia e, sei dar muito valor ao dinheiro e que gastar é uma coisa que se deve refletir bem, portanto eu não passei de um momento de loucura para um momento de pensar que não tenho dinheiro nenhum e agora vou ter de mudar a minha vida radicalmente, e eu não mudei a minha vida radicalmente.

✓ **Os seus hábitos consumo no seu dia a dia sofreram muitas alterações com o aparecimento da Crise?**

R: Poucas. Por exemplo, o pequeno-almoço sempre o tomei em casa, em relação aos almoços vou sempre almoçar a casa porque tenho essa possibilidade, moro perto. Jantares como já referi nunca foi de ir muito a restaurantes, só mesmo em alguma ocasião especial. Lanches em casa ou então trago de casa e sempre é muito mais saudável e sei que nisto poupo muito dinheiro. Ora, no meu dia a dia não tive de fazer muita ginástica porque já não tinha por natureza maus hábitos. O café talvez seja aquilo que tomo sempre fora, mas só tomo de manhã. Por exemplo, ao fim de semana se me apetecer algo diferente e bom, faço-o em casa, fica lá está mais saudável e muito mais barato. Realço ainda, ao ir às compras da alimentação, tomo em conta vários aspetos como, se for mercearia eu compro mensalmente, se for

frescos, o peixe, a carne, a fruta aquilo que se estraga mais rápido, compro semanalmente.

✓ **Faz lista de compras? Porquê? Quais os benefícios?**

R: Faço lista de compras na minha cabeça... só quando ando mais cansada é que a ponto. Vou, compro e penso bem no que vou comprar e o que realmente preciso. Se não fizer desta forma, e deixar acumular as compras que preciso e me meter no hipermercado, gasto muito mais.

✓ **Onde são feitas as suas compras? (Hipermercado, supermercado...)**

R: As compras nos hipermercados, faço compras de mercearia, mas o que for de peixes e carne, frutas frescas faço- o nos supermercados, peixarias, talhos. Eu apercebo-me uma coisa, no supermercado tradicional acho que lá eu levo coisas também frescas e não tenho a tendência de gastar mais do que necessitava. Sempre fiz desta forma as minhas compras e continuo.

✓ **Quando vai às compras, o que tem mais em conta que não tinha antes? (preço, Qualidade-marca, quantidade). (tipo de alimentos, roupas, produtos de higiene...)**

R: É assim, eu procuro conjugar sempre as duas situações, mas há coisas que eu só gosto de marca, é mais na alimentação. Também nos produtos de limpeza compro da marca porque os de marca branca são muito fracos, não compensa e duram muito menos. Produtos de higiene, compro de marca branca penso que tem qualidade.

✓ **Contribui de alguma forma para ajudar instituições de solidariedade?**

R: Faço muito voluntariado, faço na Liga Portuguesa Contra o Cancro e de alguma forma vou contribuindo em iniciativas que eles criam, ou através de jantares, ida a museus de forma a contribuir para a causa. Eu também contribuo para o Banco Alimentar e na recolha do papel sempre que me lembro. Aqui na Segurança Social também aderimos a algumas campanhas, como por exemplo a entrega de vestuário para a Cáritas.

- ✓ **Para além do corte nas suas compras, que outro tipo de cortes fez no seu orçamento? (colégios, lazer, ginásios, viagens, cabeleireiros, ida aos restaurantes, acesso á cultura).**

R: É assim, eu sou uma pessoa que gosta muito de viajar, eu viajo menos com a crise...tive de diminuir um pouco esse meu hábito...as viagens que tenho feito são muito mais económicas. Eu quando viajava mais não pensava muito e agora penso que posso estar a gastar dinheiro, tem que ser uma coisa muito bem pensada e antes eu não via as coisas desta maneira. Em relação à cultura, a própria cidade não dá muita oferta, sempre que vejo alguma peça interessante no Teatro Circo por exemplo, tento ir. Em relação a cabeleireiros, continuo a ir, mas também nós consumidores, estamos a ganhar com tanta oferta que existe. Hoje nós conseguimos ir ao cabeleiro e pagar preços muito acessíveis, coisa que se fizéssemos num outro País não dava, muito caro. Portanto nós ganhamos realmente com a concorrência porque dá-nos acesso a preços muito acessíveis e isso é ótimo. Em relação aos jantares como eu já referi, não tenho esse hábito e nem tinha, vou só quando tenho que ir, é algo que eu considero caro. Eu neste momento sou uma pessoa muito contida, já o era mas agora ainda mais.

- ✓ **Pretende dar continuidade a estas mudanças, mesmo depois deste período de crise?**

R: É assim, primeiro não sei se as coisas um dia vão voltar a ser como eram, e mesmo que volte...eu acho que provavelmente vou continuar a ser uma pessoa controlada e muito consciente no que respeita aos gastos. O que possa a ser é mais desconfiada, no que vai acontecer, vamos ver até que ponto isto vai.

- ✓ **Face a todas estas mudanças a que foi sujeita consegue ter uma conta poupança?**

R: Eu consigo sempre poupar algum. Como em 2008 deparamo-nos com a crise, e as pessoas ficaram com medos e retraíram mais o consumo, penso que as pessoas passaram a poupar mais. Nas notícias que ouvimos é que realmente houve um aumento da poupança das famílias.

- ✓ **Acha que a crise veio consciencializar os portugueses para um consumo mais consciente e ponderado?**

R: Eu acho que sim. Também temos de ver as coisas pela idade das pessoas e pela experiência de vida que as pessoas têm. Eu acho que as pessoas se forem educadas, que o dinheiro é uma coisa que deve ser bem pensada, tomando decisões conscientes, acho que essas pessoas, conseguiram aguentar a crise tendo em conta essa base que tinham... agora pessoas que sempre foi tudo muito fácil e que de um momento para o outro vem uma realidade que mexe com tudo, as pessoas mais ou menos entre os 20/30 anos e que ainda não passaram por grandes dificuldades. Por exemplo, eu lembro-me quando o FMI esteve cá em 1982/83, as necessidades das pessoas eram muito menores das que são hoje, a única coisa que tínhamos era televisão, as pessoas não se preocupavam tanto com aquilo que tinham vestido, a marca das sapatilhas tal, e hoje em dia é tudo assim, tudo fácil e á mão, vários canais na televisão, acesso fácil á tecnologia... antes por exemplo, quem viajava era quase um rei, e agora vamos algum lado vimos tudo igual, nos estamos todos iguais e nós cada vez somos mais exigentes e consumimos mais, no fundo é a sociedade que estamos... quem não viveu isto, não tem a noção da crise que já passou por aquilo.

- ✓ **Considera que esta crise o/a veio afetar a nível psicológico? Como tem lidado com a mudança? Que estratégia adotou para conseguir resistir a esta problemática?**

R: Há dias que uma pessoa se sente um pouco afetada, não vou dizer que não. Pensamos, estou a fazer um sacrifício e não estou a ver as coisas a melhorar, com os cortes nos salários, sentimo-nos um pouco frustrados e impotentes, e pode ser uma situação que pode não acabar e não voltar a ter aquilo que tinha. Muitas vezes uma pessoa pensa, o futuro como é que vai ser, é tudo muito incerto. Isto entra-se numa instabilidade emocional, mas temos de andar para a frente e ter otimismo e esperança.

- ✓ **Na sua opinião o que acha que deveria ser feito para melhorar a situação do País?**

R: Eu acho que o País deveria seriamente apostar na educação, com a crise a educação piorou drasticamente, o nosso futuro são as pessoas que hoje andam na escola e por isso, se não conseguirmos hoje dar uma boa educação, nós não vamos conseguir levar este País para a frente. Nós o investimento que fizemos na educação estamos a exportar essas pessoas para o exterior e isso é uma desgraça e é pena, nós pensarmos que se investe nas pessoas e os melhores acabam por não ter mercado de trabalho e vão se embora. Eu acho que nestas situações de crise as pessoas devem se apoiar, dar a quem tem fome, criar laços de solidariedade que devem existir e devem ser fomentados, mas depois não é ficar na acomodação, é preparar as pessoas com educação. Apostar na educação vai fazer com que a sociedade saiba lidar com os problemas.

Entrevistado 8

Nome: Idade: Sandra Silva

Idade: 39

Casado/Solteiro: Casada

Nº de filhos: 2

Nível de escolaridade: Licenciada em Direito

Profissão: Advogada (Funcionário Público)

Residência: Gualtar-Braga

Situação perante o emprego: Empregada

Situação Salarial (Houve ou não alteração): sim- 600€ (no salário e subsídios)

Variação salarial (1500-2000)

✓ **A partir de que momento/situação viu que estava perante uma crise e sentiu-se afetado por esta?**

R: Todos nós pela opinião pública e pelos meios da Comunicação Social fomos apercebendo que as dificuldades e a crise estava eminente, no entanto no seio do meu agregado familiar, comecei sentir na pele mais quando se confirmou os cortes salariais, primeiro foram os subsídios e depois no próprio vencimento mensal, quer eu e o meu marido somos funcionários públicos, portanto em termos de agregado familiar sentiu-se muito a crise, porque foram logo nos dois salários, meu e do meu marido.

✓ **Qual foi o primeiro corte que fez no seu Orçamento Familiar?**

R: Fomos fazendo contas...tabelas com as despesas fixas essenciais e depois as despesas que considerávamos supérfluos, fomos diminuindo e dar prioridade aos nossos filhos, temos dois filhos com idades escolares e centro de estudos. Cortamos naquilo que tem que ser cortado.

✓ **Os seus hábitos consumo no seu dia a dia sofreram muitas alterações com o aparecimento da Crise?**

R: No nosso dia a dia houve vários cortes, ida aos restaurantes, o pequeno-almoço era aqui no café e agora faço-o em casa, e considero um dos aspectos positivos da crise porque veio nos unir todos de manhã. De vez em quando vamos a um cafezinho na hora de pausa para conviver um pouco, mas não passa disso, relativamente aos lanches trago de casa agora, almoços também são em casa, mas antes íamos comer fora, jantares fazemos igualmente em casa, normalmente o que faço para o almoço faço com que sobre para o jantar, tento sempre ter sopa feita, e é basicamente isso.

✓ **Qual (s) os que não prescinde mesmo estando em contexto de Crise?**

R: Um dos hábitos que não prescindo é a minha ida ao cabeleireiro, unas também arranjo no cabeleireiro, isto porque estamos com tanta concorrência que os preços são acessíveis e vale mesmo a pena o sacrifício, claro que agora vou menos vezes, mas continuo a fazê-lo, é assim para já continuo a ter este hábito.

✓ **Faz lista de compras? Porquê? Quais os benefícios?**

R: Sempre fiz. Tenho em casa os produtos que necessito e á medida que vão terminando, vou fazendo a minha lista para evitar um stock de produtos em casa que vão perdendo a validade... por exemplo, acaba o último saco arroz vou logo colocar na lista, porque desta forma não corro o risco de chegar ao hipermercado e, não comprar aquilo que realmente preciso.

✓ **As suas compras são feitas diariamente, semanalmente ou mensalmente?**

R: Por hábito faço as minhas compras semanalmente nos hipermercados, pontualmente por uma falha vou ao supermercado lá na minha zona.

✓ **Quando vai às compras, o que tem mais em conta que não tinha antes? (preço, Qualidade-marca, quantidade). (tipo de alimentos, roupas, produtos de higiene...)**

R: Tento conciliar qualidade e preço. Devo-lhe dizer que em termos de alimentação compro produtos de marca branca. Comecei a experimentar e considero que a qualidade supera os da marca. Uma coisa que não abdicó é em termos de detergente

para a roupa, já experimentei da marca branca e não gostei. Produtos de higiene como o gel de banho sim, marca branca mas se for de rosto, não.

✓ **Contribui de alguma forma para ajudar instituições de solidariedade?**

R: Voluntariado gostava mas neste momento não consigo por causa dos meus horários. Participo normalmente naquelas campanhas do Banco Alimentar contra a fome. Colaboro dentro das minhas possibilidades.

✓ **Para além do corte nas suas compras, que outro tipo de cortes fez no seu orçamento? (colégios, lazer, ginásios, viagens, cabeleireiros, ida aos restaurantes, acesso á cultura).**

R: Claro que tive de fazer alguns cortes para além dos que já referi, por exemplo, viagens, já algum tempo que não o faço...em termos de vestuário, pondero muito, se preciso compro, se não preciso não compro, mas custa...tento combinar peças que já tenho no armário com alguma nova. Vai-se conjugando com aquilo que se tem. E para as crianças também, compra-se o que se precisa. Em termos de cabeleireiro é como já referi, para já continuo a ir, já não vou quantas vezes desejava, mas vou quando posso. Agora consegue-se continuar a ter este hábito porque há mais oferta logo, os preços são mais acessíveis.

✓ **Pretende dar continuidade a estas mudanças, mesmo depois deste período de crise?**

R: Sim. Isto a crise, veio trazer alguns alertas, quando isto era do “tempo das vacas gordas” sobrava dinheiro e nós em vez juntar de lado, gastava-mos de forma inconsciente. Eu acho que neste momento a crise trouxe alguns aspetos positivos, principalmente, obrigou-nos a ponderar e a parar. Pensar melhor naquilo que precisamos e que não se pode gastar sem pensar. Portanto, acho que iria sim continuar a ter os cuidados que tenho agora.

✓ **Face a todas estas mudanças a que foi sujeita consegue ter uma conta poupança?**

R: Sim. Eu e o meu marido fazemos sempre conta poupança...não conseguimos poupar muito mas ainda conseguimos.

✓ Acha que a crise veio consciencializar os portugueses para um consumo mais consciente e ponderado?

R: Acho que sim. Antes havia muito facilitismo, as pessoas tinham vários créditos, e agora com a crise, muito desemprego, os salários diminuem e muitas famílias ficaram em situações complicadas...portanto acho que obrigou mesmo as pessoas a consciencializarem-se, no que respeita, ao gastar.

✓ **Considera que esta crise o/a veio afetar a nível psicológico? Como tem lidado com a mudança? Que estratégia adotou para conseguir resistir a esta problemática?**

R: Estas situações afetam sempre. Confesso que no início custou-me... uma pessoa que está habituada a um estilo de vida e depois ter que sair dele é complicado, custa e gere muita instabilidade, a mudança por si só já gera ansiedade, instabilidade. Por isso, no início custou mas depois tive de me habituar...as vezes custa-me passar numa montra gostar de algo e saber que não posso comprar e isso custa...mas estou a saber lidar com isto dentro dos possíveis. É tudo uma questão de hábito, temos de começar a pensar que há pessoas que conseguem viver com menos e por isso, eu também consigo e tenho a obrigação e dever moral de dizer que eu também consigo.

✓ **Na sua opinião o que acha que deveria ser feito para melhorar a situação do País?**

R: Eu, vou-lhe ser muito sincera... eu acho que há um á vontade por parte dos políticos, prometem e nada acontece e há muitos interesses...eu acho que a economia do país e a própria gestão do nosso país há muitos interesses, começar a cortar nos de topo e não só aos da classe média... melhorando um pouco daquilo que está acontecer. Os que são ricos continuam ricos, cada vez vê se mais, a classe média a desaparecer e depois a classe dos pobres.

Entrevistado 9

Nome: Idade: Sandra Araújo

Idade: 41

Casado/Solteiro: Divorciada

Nº de filhos: 3

Nível de escolaridade: Licenciatura em Direito

Profissão: Jurista (Funcionário Público)

Residência: Nogueiró -Braga

Situação perante o emprego: Empregada

Situação Salarial (Houve ou não alteração): Sim

Variação salarial (1500-2000) - Líquido

✓ **A partir de que momento/situação viu que estava perante uma crise e sentiu-se afetado por esta?**

R: Em 2008 quando aumentou o volume de trabalho que tinha, exercia em comissão de serviço, em função de direcção de núcleo englobava o desemprego e o volume do trabalho aumentou exponencialmente, mas de uma forma muito grande. Ainda não se falava em crise, já eu sentia que algo de muito anormal se estava a passar, porque os despedimentos tinham aumentado. O País só acordou passado 4 meses, aliás, pensava que estava a dramatizar a situação, aí senti. Senti depois a nível financeiro em 2010 quando veio a retenção criada pelo Sócrates de um aumento da taxa de I.R.S a seguir a aquisição do BPN em 2010 em que nos passamos a pagar um e meio a mais do IRS. Depois disso, eu estava em comissão de serviço e depois nos tínhamos um suplemento monetário que era a isenção de horário, e eles passaram essa parcela remuneratória eliminaram-na e criaram uma que a comissão de representações para não pagar a eles próprios também os 11 % e não pagaram o subsídio de férias, ou seja começaram a reduzir os custos, no pessoal e fomos logo

afectados por ai, foi agravando e depois veio este poder do subsídio de férias, aquela história que vocês já sabem. Neste momento estamos todos com uma redução no vencimento e estamos com uma taxa, que é a taxa extraordinário do I.R.S

✓ **Qual foi o primeiro corte que fez no seu Orçamento Familiar?**

R: Reduzi primeiro os consumos nas roupas, esse foi o primeiro corte, depois como as coisas continuaram, deixei de fumar, cortei empregada sempre tive ajuda em casa, eu desde que comecei a trabalhar. Já não vou tanto ao cabeleireiro. Cortei nessas coisas que achei que deveria cortar.

✓ **Os seus hábitos consumo no seu dia a dia sofreram muitas alterações com o aparecimento da Crise?**

R: É assim, tomava todos os dias o pequeno-almoço aqui no emprego, e foi uma coisa que deixei de fazer, pois tudo somado é um custo. Deixei também de ir ao bar de manhã e depois comecei só a tomar café. Mas não dispensei o lanche de comer o pão e o leite. Eu já não tinha muito o hábito de almoçar, jantar fora com as amigas também cortei nisso, e entretanto também perdi o abono, e depois em 2009 nesta situação de crise, as coisas agravaram-se, ou seja, pais que não pagam a pensão de alimentos aos filhos, e eu não tenho direito ao fundo de garantia de alimentos a menores.

✓ **Qual (s) os que não prescinde mesmo estando em contexto de Crise?**

R: Não prescindo de andar bem arranjada. Um pouco mais limitado mas não prescindo.

✓ **Faz lista de compras? Porquê? Quais os benefícios?**

R: Sim faço. Eu sempre fui muito contida e ponderada no consumo do essencial não mudou, eu acho que até consumo coisas melhores, porque fiquei mais alerta e consciente e faço as coisas mais racionais não em função do mais pratico, mas do que é nutricionalmente mais correto, ou seja, se é mais correto comprar frango de uma carne acessível que não é assim tão cara, do que por exemplo, um bife da vazia que é muito mais caro, portanto ai já mudo.

✓ **As suas compras são feitas diariamente, semanalmente ou mensalmente?**

R: Não sou muito organizada, normalmente é conforme as necessidades, não tenho despensa em casa e pronto vamos gerindo o essencial. Podemos considerar que as minhas compras são feitas semanalmente.

✓ **Onde são feitas as suas compras? (Hipermercado, supermercado...)**

R: Normalmente, vou a hipermercados, e muitas das vezes ao LIDL. Aproveitar os descontos de 10%.

✓ **Sempre o fez, ou a crise fez com que tivesse essa mudança?**

R: Não vou a tudo que é hipermercados. Eu até vou frequentemente ao LIDL, porque ir ao pingo doce, por exemplo, sou mais influenciada a comprar. Depois percorrem o supermercado todo, levam o que não e preciso e perdem tempo, e tempo é dinheiro.

✓ **Quando vai às compras, o que tem mais em conta que não tinha antes? (preço, Qualidade-marca, quantidade). (tipo de alimentos, roupas, produtos de higiene...)**

R: Só trago da marca se for o detergente para a roupa, é um dos produtos em que primeiro, esta a marca e depois o preço. Em relação aos outros produtos, tanto levo da marca ou da marca branca, depende da situação, se está em promoção ou não os da marca.

✓ **Contribui de alguma forma para ajudar instituições de solidariedade?**

R: Sim, pontualmente, mais até com os animais. Acho que as pessoas devem ter animais, eu sinto-me feliz.

✓ **Para além do corte nas suas compras, que outro tipo de cortes fez no seu orçamento? (colégios, lazer, ginásios, viagens, cabeleireiros, ida aos restaurantes, acesso á cultura).**

R: Sim cortei um bocado, mas continuo a ter acesso a alguns, embora de uma forma mais moderada.

✓ **Pretende dar continuidade a estas mudanças, mesmo depois deste período de crise?**

R: Não até ao último. Eu acho que viver, só se vive uma vez. Não sabemos o que vai acontecer, e nós temos que viver as coisas, claro que dentro das nossas possibilidades.

✓ **Face a todas estas mudanças a que foi sujeita consegue ter uma conta poupança?**

R: Sim, sempre o fiz embora num valor menor.

✓ **Acha que a crise veio consciencializar os portugueses para um consumo mais consciente e ponderado?**

R: Sim, alguns. Porque a minha volta, vejo situações que não percebo. Há pessoas que continuam a ter consumos sem pensar e estando numa situação de crise. Em termos sociais quem esta a ser mais atingido é a classe média baixa, e não estes que agora referi.

✓ **Considera que esta crise o/a veio afetar a nível psicológico? Como tem lidado com a mudança? Que estratégia adotou para conseguir resistir a esta problemática?**

R: Com muito custo. Apesar de ser difícil de não comprar mos algo que não gostamos, estou a conseguir lidar com a situação, porque se calhar sempre fui uma pessoa que consumia conscientemente, e isso ajuda. Veio também alertar as pessoas para que dêem mais valor ao dinheiro, e terem consciência quando gastam porque vem do trabalho e custa a ganhá-lo.

✓ **Na sua opinião o que acha que deveria ser feito para melhorar a situação do País?**

R: Em primeiro lugar, na minha opinião, eu acho que deveríamos acabar com os subsídios, nomeadamente RSI. Em vez de pagar a estas pessoas um subsídio, que depois acaba, por estarem um longo prazo com estes, e não procuram trabalho, isto é , acomoda-se, deveriam pô-los a ir varrer ruas, ajudar os idosos, fazer trabalhos úteis, em troca de uma pequena ajuda. Porque se isto não for feito, estamos a alimentar um comportamento que depois passa de geração para geração e, com isto, o nosso País não vai para a frente. Temos que ensinar a ir em busca de algo, não dar. Por exemplo

estas pessoas que recebem estes subsídios, se calhar tem piores hábitos que nos da classe media, tenho meu exemplo que eu deixei de fumar, e essas pessoas passam o dia em cafés e a fumar. Concordo por exemplo ajudar aqueles que realmente não conseguem ter acesso ao mínimo, básico, como os produtos alimentares, um saco de arroz, litro de leite. Já presenciei uma situação em que eu fui comer uma sopa e ao meu lado tinham pessoas que recebem RSI a comer cachorros, e eu não acho justo. Acho que o governo cortou em imensas coisas, mas não estão a fazer os cortes nos sítios certos.

Entrevistado 10

Nome: Paulo Correia

Idade: 51

Casado/Solteiro: Casado

Nº de filhos: 2

Nível de escolaridade: Licenciatura em Direito.

Profissão: Advogado (função pública)

Residência: Braga

Situação perante o emprego: Empregado

Situação Salarial (Houve ou não alteração): Sim.

Variação salarial (1.000-1.500) salario liquido.

✓ **A partir de que momento/situação viu que estava perante uma crise e sentiu-se afetado por esta?**

R: Para mim a crise surgiu entre 2010/2011, foi quando senti mais dificuldades e quando tive que começar a fazer alguns cortes, devido à diminuição de salário e nós subsídios.

✓ **Qual foi o primeiro corte que fez no seu Orçamento Familiar?**

R: Foi essencialmente em despesas extras, como espectáculo, cinemas, cultura, e depois tive que começar a diminuir para produtos mais baratos, ou seja, entre um produto que é mais caro e o mais barato, escolho o mais barato se achar que é tão bom como o mais caro. Em termos de luz, gaz, agua, também fui cortando tendo mais em atenção em desligar as coisas, consumir de forma mais atenta.

✓ **Os seus hábitos consumo no seu dia a dia sofreram muitas alterações com o aparecimento da Crise?**

R: Em termos de hábitos supérfluos não, não fumo, não tenho hábito de comer fora, por isso não houve alteração em relação aos meus hábitos diários.

✓ **Qual (s) os que não prescinde mesmo estando em contexto de Crise?**

R: Não prescindi de nenhum. Fui diminuindo em algumas situações como, passar um fim de semana fora, ir a um restaurante ao fim de semana, isso houve corte.

✓ **As suas compras são feitas diariamente, semanalmente ou mensalmente?**

R: Normalmente as compras de doméstica, essas compras faco como toda a gente, vou fazendo semanalmente, vou as promoções, vendo os panfletos e vou comprando, fica mais barato. Este comportamento não o tinha antes da crise, comecei a ter após a crise. Antes da crise fazia as compras uma vez por vez, e via que comprava em grande quantidade, em coisas que não necessitava, e agora ir as compras mais vezes é mais vantajoso e poupamos muito mais.

✓ **Quando vai às compras, o que tem mais em conta que não tinha antes? (preço, Qualidade-marca, quantidade). (tipo de alimentos, roupas, produtos de higiene...)**

R: Eu quando vou as compras penso sempre em 3 coisas, o que se consume la em casa, evitando não comprar coisas desnecessárias, os prazos dos produtos, preço e a qualidade. É evidente que vou experimentando coisas novas.

✓ **Faz lista de compras? Porquê? Quais os benefícios?**

R: Lista de compras, não faço. Porque ao ir mais vezes as compras, as compras são menores, e por isso trago só aquilo que preciso e é mais fácil. E também vou acompanhando sempre as promoções.

✓ **Quando vai às compras, o que tem mais em conta que não tinha antes? (preço, Qualidade-marca, quantidade). (tipo de alimentos, roupas, produtos de higiene...)**

R: Antes de 2010 uma parte da família andava no ginásio, até eu cheguei andar, entretanto deixamos de frequentar, não só porque era caro, mas porque era um pouco cansativo no sentido de ir ao mesmo sítio fazer sempre a mesma coisa e portanto acabamos todos por sair do ginásio. A única coisa que existe assim de despesa extra

é umas aulas de música da minha filha. Em relação às viagens vou passar férias dentro do País todos os anos e isso não prescindo, faz falta e também merecemos descanso. Algumas vezes, não muitas vamos viajar para fora sempre dentro das possibilidades, claro. Mas devo dizer que a última viagem que fiz para fora foi há dois anos, espero voltar a fazê-lo mas quando acharmos a melhor altura.

✓ **Pretende dar continuidade a estas mudanças, mesmo depois deste período de crise?**

R: Claro que sim. É assim eu gosto muito de espectáculos e, coisas diferentes, tenho ido menos vezes, a última vez que foi a um espectáculo, foi em Dezembro.

✓ **Acha que a crise veio consciencializar os portugueses para um consumo mais consciente e ponderado?**

R: Em certa medida acho que sim. Os portugueses estão a enfrentar uma realidade que não estavam habituados a ter e isso é complicado. Eu não sei como é que existem pessoas á minha volta que vivem da forma que vivem.

✓ **Considera que esta crise o/a veio afetar a nível psicológico? Como tem lidado com a mudança? Que estratégia adotou para conseguir resistir a esta problemática?**

R: Consegui lidar bem com as poucas alterações que foi fazendo desde da crise. Acho que a crise veio despertar as pessoas para situações que não estavam bem. Por exemplo, veio mostrar aos filhos que não podem ter tudo o que querem. E mesmo assim se calhar dá-mos de mais.

✓ **Na sua opinião o que acha que deveria ser feito para melhorar a situação do País?**

R: Mudar algumas políticas, a nível de saúde por exemplo, também a nível económico. Deveria cortar em outros sítios em vez de se concentrarem só num. Acho que os cortes estão a ser demasiados e pagam sempre os mais pequenos, e portanto acho que isso está errado. Nas políticas de emprego, fazer algo que não seja mandar as pessoas para fora.

Entrevistado 11

Nome: Idade: Catarina Araújo

Idade: 31

Casado/Solteiro: Solteira

Nº de filhos: Nenhum

Nível de escolaridade: Licenciatura em Psicologia

Profissão: Psicóloga e formadora

Residência: Maximinos-Braga

Situação perante o emprego: Empregada

Situação Salarial (Houve ou não alteração): Não (embora numa situação de recibos verdes)

Variação salarial (500-1000)

✓ **A partir de que momento/situação viu que estava perante uma crise e sentiu-se afetado por esta?**

R: A partir do momento, no meu caso em particular em que a formação começou a diminuir, os cortes na formação em na altura o PEC não ter sido aprovado e nessa altura sim, quando veio a troika e tivemos mais a noção que nos iriam mudar ligeiramente, se calhar pensamos que não seria tanto mas realmente notou-se. Agora acho que estamos a melhorar, aos poucos e começamos a ter alguma esperança no futuro, mas no que é certo devo ter notado mais ou menos nessa altura, nessa altura também troquei de emprego, nessa altura estava no IEFP e mudei para a GTI, a empresa que estou agora a dar formação, estava tudo bem até que a certo momento diminuíram o número de formações. Nessa altura houve uma diminuição no salário, por hora os formadores recebiam á volta de 16€ por hora e agora recebem 14€ na minha empresa em particular e foi aí que notei mais a crise.

✓ **Qual foi o primeiro corte que fez no seu Orçamento Familiar?**

R: Logo na altura que iniciou a crise não, continuamos a fazer aquelas viagens low-cost, as viagens bem programadas e pensadas na maneira a gastar o mínimo de dinheiro possível, não foi um corte, corte mas sim um ajustamento. O ideal até é continuar a fazer as coisas mas de uma outra forma, uma forma mais barata. Há seis anos atrás não tinha essa preocupação, agora temos mais atenção e viajar sempre de forma mais barata possível.

- ✓ Os seus hábitos consumo no seu dia a dia sofreram muitas alterações com o aparecimento da Crise?

R: Sim. Por exemplo, tomar café fora tornou-se menos frequente, acontece na mesma mas pondero. De manha prefiro tomá-lo em casa do que fora, fumar queria cortar mesmo por questões de saúde, mas ainda não consegui. Mas também á cerca de meio ano, mudei os meus hábitos alimentares e portanto a partir daí fiz cortes, ir a uma pastelaria comer um bolo fica fora de questão agora, levo lanche e almoço para o trabalho, por isso fiz do útil ao agradável, juntei a minha mudança de hábitos alimentares com o poupar dinheiro. Em relação a jantar fora reduzi, continuo a ir mas mais controlado.

- ✓ Qual (s) os que não prescinde mesmo estando em contexto de Crise?

R: O ginásio é um dos hábitos que não prescindo, pela minha saúde, podemos poupar muito na saúde com o desporto, com isto poupar nas idas ao médico, pagamento de exames, internamentos. Claro que não é considerado um bem de necessidade mas não prescindo.

- ✓ Faz lista de compras? Porquê? Quais os benefícios?

R: Sempre o fiz, mentalmente e por escrito. Acho que tenho muitos benefícios com isso e poupo. Também tento ir sempre as compras de barriga cheia para evitar comprar algo que não é necessário. Por isso, quando vou às comprar tento ao máximo seguir só o que preciso limitando-me só á lista. Claro que se tiver algum produto caro que está em promoção aproveito para comprar.

✓ **As suas compras são feitas diariamente, semanalmente ou mensalmente?**

R: Mantem-se igual. As compras são feitas na mesma semanalmente mas também se calhar devido às promoções, uma vez que as promoções mudam semanalmente e então temos tendência de ir às compras mais vezes e ver o que há de novo. Antes não decorava, mas agora conseguimos decorar os preços, sabes os preços de qualquer lado e temos a possibilidade de comparar.

✓ **Onde são feitas as suas compras? (Hipermercado, supermercado...)**

R: Faço em hipermercados e até em retalhistas. Se for, por exemplo, sacos de café vou ao supermercado perto da minha casa porque fica mais barato. Mas vou mais vezes aos grandes porque há mais promoções em quase todos os produtos, só excepcionalmente é que vou aos mini mercados, como é o caso do café. Mas sempre tive este comportamento.

✓ **Quando vai às compras, o que tem mais em conta que não tinha antes? (preço, Qualidade-marca, quantidade). (tipo de alimentos, roupas, produtos de higiene...)**

R: A qualidade coloco em primeiro lugar, mas também vou pelos valores nutricionais. A carne, o peixe sempre a qualidade. Mas claro que aproveito a promoção quando a carne e o peixe estão a um melhor preço. Relativamente à mercearia, talvez primeiro o preço e só depois a qualidade, não considero muita diferença entre eles.

✓ **Contribui de alguma forma para ajudar instituições de solidariedade?**

R: Não. Acho que já paguei a minha dívida...tive numa empresa durante quase três anos a fazer voluntariado numa Instituição de Crianças e Jovens em Risco, tive a função de psicóloga durante esse tempo todo de borla. Claro que isto aconteceu porque eu estava a sair da universidade e precisava de experiencia para conseguir emprego.

✓ **Para além do corte nas suas compras, que outro tipo de cortes fez no seu orçamento? (colégios, lazer, ginásios, viagens, cabeleireiros, ida aos restaurantes, acesso á cultura).**

R: No cinema temos a possibilidade ainda de ir porque temos aquele cartão Zone que nos permite ir os dois e pagar só um bilhete. Não queremos deixar de fazer as coisas mas fazemos sempre de forma mais barata. O ginásio, continuamos por questões de saúde. As viagens, se calhar adia-mos mais, vamos menos vezes e procuramos sempre as mais baratas. Os livros não fizemos cortes, mas também quando faço anos por exemplo, as pessoas sabem que gosto de ler e oferecem-me. Mas, claro que quando preciso compro.

✓ **Pretende dar continuidade a estas mudanças, mesmo depois deste período de crise?**

R: Sim. Mas se a crise abrandar-se acredito que as minhas viagens voltariam mas mantenho o resto dos hábitos que tenho agora. Claro, que as obrigações têm que ser cumpridas, a alimentação também tem que estar sempre lá, mas no resto se tiver que cortar, corto.

✓ **Face a todas estas mudanças a que foi sujeita consegue ter uma conta poupança?**

R: Não. Já consegui ter, mas agora não consigo, está tudo certinho e controlado. Em situações de recibos verdes como me encontro é complicado ter isso todos os meses. Tenho o IVA para pagar trimestralmente e, por isso, ter que ter esse sempre disponível, são situações muito instáveis.

✓ **Acha que a crise veio consciencializar os portugueses para um consumo mais consciente e ponderado?**

R: Eu acho que sim. Penso que as pessoas gastavam mais do que podiam, o meu pai já me dizia em nova gasta só o que tens e o que podes. E a ideia que temos do povo português é que gastou muito numa altura de facilitismo, fazia-se créditos para tudo e mais alguma coisa, se precisa-se de fazer uma viagem pedia empréstimo, para a casa e também para o carro, etc. As pessoas estão a pagar por isso, penso que muita gente vai ter mais consciência naquilo que faz, sei que muita gente tem a casa entregue ao banco porque não conseguem pagar.

- ✓ Considera que esta crise o/a veio afetar a nível psicológico? Como tem lidado com a mudança? Que estratégia adotou para conseguir resistir a esta problemática?

R: Acho que é um dia de cada vez. Não vale a pena estarmos em baixo, temos é que levar as coisas para a frente. Eu como sou psicóloga, vejo que as pessoas não têm dinheiro para pagar consultas de psicologia, têm essa dificuldade, com isto eu e outras colegas entremos num projecto com algumas juntas de freguesia em que damos a possibilidade de as pessoas poder ter consultas de psicologia muito mais baratas. Já há muito tempo que tenho acompanhado pessoas em que ajudo a saber lidar com a crise. A junta disponibiliza só o sítio, e nós não pagamos renda e as pessoas pagam só a consulta a um preço muito mais acessível, é um ganho para toda a gente. Neste momento em tempos de crise tenho dado mais consultas de psicologia do que propriamente as formações.

- ✓ **Na sua opinião o que acha que deveria ser feito para melhorar a situação do País?**

R: Acho que moralmente as pessoas acham que estes cortes são em demasia mas não são, nós temos que imaginar que muita gente pediu muitos empréstimos aos bancos e agora temos de os pagar. Temos de ter a consciência que temos de pagar esta dívida. O que acontece é que, independentemente dos governos, moralmente pede-nos para cortar, mas aquilo que a população vê é pequenas coisa que afinal não são assim tao relevantes a nível de dinheiro, ter muitos gastos em fundações e instituições em que nada fazem e que nada produzem, moralmente para os portugueses pensam, então pedem-nos para apertar o cinto e eles não apertam. Mas seria mais justo se todos tivéssemos a caminhar todos para o mesmo sítio. Existem muitos que continuam a fugir às suas obrigações e que conseguem ter acesso a dinheiro fácil. Por exemplo, naqueles países nórdicos em que os políticos vão para os parlamentos de transportes públicos, portanto temos de ter o exemplo, no nosso país há muita regalia que deveria ser cortada, não significa que isso iria ser a solução do problema, mas pelo menos estaríamos todos a caminhar no mesmo sentido. Também deveria se investir em coisa que valessem a pena, porque estamos a deixar a gente nova com capacidades, a nossa geração que neste momento que está mais qualificada e estão a ir todas para o estrangeiro que não conseguem ter uma oportunidade de trabalho

aqui. Muitos que já não trabalham há muito tempo, que ganham muito menos e que se encontram em situações complicadas, estamos a deixar fugir muitas pessoas qualificadas para outros países. Na minha opinião no governo as leis só são aprovadas para benefício de algo e nunca é da parte da população em geral e isto também causa alguma revolta. Em termos de saúde não estamos mal, em comparação com outros países é muito barato ir às consultas médicas e ficar entretanto, exames médicos do que com os EUA por exemplo, em só quem tem um bom seguro e ganhar muito bem é que consegue suportar as despesas da saúde, o sistema de saúde é muito caro. A mudança de mentalidades é um processo lento que que mudaria muita coisa na sociedade. Temos de começar a criar boas coisas para exportarmos, algo mesmo bom para ter um bom valor para haver produção, riqueza. Apostar por exemplo algo inovador e tecnológico, produzir algo novo que depois seja bem pago para depois o país tirar proveito disso.

Entrevistado 12

Nome: Kátia Bernardes

Idade: 39

Casado/Solteiro: Casada

Nº de filhos: 1

Nível de escolaridade: Licenciatura em Ciências da Comunicação

Profissão: Jornalista

Residência: - Braga

Situação perante o emprego: Desempregada

Situação Salarial (Houve ou não alteração):

Neste momento não tem qualquer salário nem subsídio.

✓ **A partir de que momento/situação viu que estava perante uma crise e sentiu-se afetado por esta?**

R: No meu caso eu comecei a perceber pelo meu meio envolvente, não foi diretamente comigo, que graças a Deus a crise não me atingiu muito, mas comecei a perceber nos meus amigos e familiares que realmente as coisas estavam bastante complicadas, a terem que fazer cortes drásticos nos estudos dos filhos, na alimentação no dia a dia.

✓ **Qual foi o primeiro corte que fez no seu Orçamento Familiar?**

R: No meu caso eu comecei não a fazer corte, mas a diminuir nos gastos, a poupar mais digamos. Comecei a ter cuidados que antes da crise não tinha, por medo que a crise me chegasse a atingir. Comecei a comparar preços nos hipermercados, comecei a deixar de almoçar e jantar fora todos os dias, que era o que eu fazia, comecei a evitar varias coisas, mesmo com receio que a crise pudesse chegar a mim e, á minha família.

✓ **Os seus hábitos consumo no seu dia a dia sofreram muitas alterações com o aparecimento da Crise?**

R: Foi mesmo o que eu acabei de dizer, compara preço, eu não fazia antigamente, entrava no supermercado e comprava o que queria, e tinha mesmo esse habito, hoje eu tenho cuidado de comprar preço e qualidade e antes não o fazia, ia sempre pela marca e comprava.

✓ **Qual (s) os que não prescinde mesmo estando em contexto de Crise?**

R: Meu café ao meio da tarde.

✓ **Faz lista de compras? Porquê? Quais os benefícios?**

R: Faço, antigamente não tinha esse hábito, que adquiri com a crise. Reparei que tendo este hábito de fazer lista, faz com que diminuámos os nossos gastos e compramos só o que é necessário. Nós orientamo-nos só pela lista, poupamos e trazemos o que realmente, necessitamos.

✓ **As suas compras são feitas diariamente, semanalmente ou mensalmente?**

R: Faço duas vezes ao mês, e comecei a fazer agora com a crise.

✓ **Onde são feitas as suas compras? (Hipermercado, supermercado...)**

R: procuro fazer nos hipermercados, mas uma coisinha e outra vou ao supermercado.

✓ **Sempre o fez, ou a crise fez com que tivesse essa mudança?**

R: Antigamente era onde passava, comprava agora, vou ao hipermercado.

✓ **Qual a razão da mudança? Promoções, controle na despesa?**

R: É mesmo para manter o controlo no orçamento, do que comprar aqui e ali que acabamos sempre por gastar mais.

✓ **Quando vai às compras, o que tem mais em conta que não tinha antes? (preço, Qualidade-marca, quantidade). (tipo de alimentos, roupas, produtos de higiene...)**

R: Tenho em atenção aos dois, tem produtos que não tem necessidade ir buscar uma marca específica, como mercearia, mas produtos como de higiene, beleza e nestes sim, primeiro esta a marca e depois o preço. Claro que se houver uma marca que eu goste e que está em promoção aproveito e compro.

✓ **Contribui de alguma forma para ajudar instituições de solidariedade?**

R: Sempre que posso. Contribuo para o banco alimentar que normalmente estão localizados nos hipermercados.

✓ **Para além do corte nas suas compras, que outro tipo de cortes fez no seu orçamento? (colégios, lazer, ginásios, viagens, cabeleireiros, ida aos restaurantes, acesso á cultura).**

R: Não houve corte drástico, mas houve uma diminuição e tentamos sempre procurar os melhores preços tudo com maior consciência. Não viajo tanto, mas das poucas vezes que viajamos procuramos sempre os melhores preços. Agora janto fora raramente, antes íamos quase todos os dias jantar e almoçar fora.

✓ **Pretende dar continuidade a estas mudanças, mesmo depois deste período de crise?**

R: Sim pretendo, porque é uma ótima maneira de economizar e não sabemos o que vem pela frente. A crise ainda esta muito iminente, não sabemos se vai melhorar ou piorar e, por isso, são hábitos que deveremos adquirir para a vida toda. Com essas mudanças percebi com esta forma de economizar que podemos continuar a ter um bom padrão de vida.

✓ **Face a todas estas mudanças a que foi sujeita consegue ter uma conta poupança?**

R: Tentamos sempre ter um bocado de lado, mas há meses mais apertados que temos mais despesas extras e que não conseguimos poupar.

✓ **Acha que a crise veio consciencializar os portugueses para um consumo mais consciente e ponderado?**

R: Não de forma global, alguns sim consciencializaram para um consumo mais consciente mas outros acho que nem dão pela crise, e acham que podem continuar com aquela mentalidade, que podem gastar e não pensam no que pode vir. Mas acho que na sua maioria mudaram os seus hábitos e tornaram-se pessoas mais conscientes.

✓ **Considera que esta crise o/a veio afetar a nível psicológico? Como tem lidado com a mudança? Que estratégia adotou para conseguir resistir a esta problemática?**

R: Psicologicamente não mas eu falo no meu caso, o facto de estar desempregada e ter tanta formação deixa-me um pouco desiludida e frustrada. Tem sido muito difícil lidar com toda esta situação, porque de uma certa forma as pessoas sentem-se constringidas, inutilizadas.

✓ **Na sua opinião o que acha que deveria ser feito para melhorar a situação do País?**

R: Eu acho, que está tudo mau deveria-se mudar as políticas quase todas do país para que houvesse uma mudança radical de tudo o que está a acontecer. O que é que adianta tantos cortes? Se nem sabemos para onde vai tanto dinheiro se não vemos tantas mudanças, ninguém vê resultados de nada e ninguém vê esperança no futuro é tudo instável. Vê-se á minha volta que as pessoas vão procurar empregos fora do país, porque não conseguem emprego ca e precisam de sustentar as famílias. E esta é a realidade á minha volta.

Entrevistado 13

Nome: Pedro Pinto

Idade: 33

Casado/Solteiro: Casado

Nº de filhos: 1

Nível de escolaridade: Licenciatura em Solicitadoria

Profissão: Solicitador

Residência: Ferreiros-Braga

Situação perante o emprego: Empregado

Situação Salarial (Houve ou não alteração): Não

Situação salarial- (1500-2000)

✓ **A partir de que momento/situação viu que estava perante uma crise e sentiu-se afetado por esta?**

R: Não notei muito o impacto da crise, mas senti no meu trabalho uma diminuição de clientes no meu local de trabalho, embora os que ainda existem continuam a efetuar os pagamentos normais.

✓ **Qual foi o primeiro corte que fez no seu Orçamento Familiar?**

R: Não directamente relacionado com a crise. Fiz algumas alterações com o intuito de dar uma educação á nossa filha. Alterações nas idas a jantares e almoços, começamos a ter mais refeições em família, mas de resto não houve assim nada de drástico.

✓ **Os seus hábitos consumo no seu dia a dia sofreram muitas alterações com o aparecimento da Crise?**

R: Sim. Diminui as idas ao café, tentar diminuir o consumo de combustível, de forma a poupar mais. O café foi um dos hábitos que diminui bastante, fumar é um hábito que

não deixo mesmo estando em crise. Já mesmo antes desta crise sempre tive em atenção aos cupões de desconto de combustível de supermercado, sempre o fiz.

✓ **Qual (s) os que não prescinde mesmo estando em contexto de Crise?**

R: Fumar, esse não consigo deixar.

✓ **As suas compras são feitas diariamente, semanalmente ou mensalmente?**

R: Semanalmente.

✓ **Onde são feitas as suas compras? (Hipermercado, supermercado...)**

R: Fazemos as compras das carnes e dos peixes, ao mês fazemos as restantes.

✓ **Sempre o fez, ou a crise fez com que tivesse essa mudança?**

R: Sempre fiz desta forma.

✓ **Quando vai às compras, o que tem mais em conta que não tinha antes? (preço, Qualidade-marca, quantidade). (tipo de alimentos, roupas, produtos de higiene...)**

R: Só existe três casos em que só olho para a marca, os detergentes da roupa, louça e do chão de resto é tudo marca branca.

✓ **Contribui de alguma forma para ajudar instituições de solidariedade?**

R: Não.

✓ **Para além do corte nas suas compras, que outro tipo de cortes fez no seu orçamento? (colégios, lazer, ginásios, viagens, cabeleireiros, ida aos restaurantes, acesso á cultura).**

R: Em relação a viagens, normalmente como são relacionadas com o meu trabalho eu não posso cortá-las, ginásio foi mesmo preguiça não por causa da crise e mesmo por falta de disponibilidade.

✓ **Pretende dar continuidade a estas mudanças, mesmo depois deste período de crise?**

R: Sim. Por natureza eu sempre fui uma pessoa sovina comigo, naquilo que eu poder poupar ou cortar, sim vou fazer e transmitir sempre isso á minha filha.

✓ **Face a todas estas mudanças a que foi sujeita consegue ter uma conta poupança?**

R: Não, não consigo.

✓ **Acha que a crise veio consciencializar os portugueses para um consumo mais consciente e ponderado?**

R: Com certeza. Na minha área profissional, o que eu tenho verificado bastante é que o facilitismo antes da crise em termos de ir ao banco pedir um empréstimo, ir a supermercados e pedirem cartões de crédito com plafons exorbitantes, comprar carros sem necessidade, porquê comprar carro novo se se pode comprar em segunda mão, neste momento o que se está a verificar é que as pessoas estão a entregar bens que comprar com esse facilitismo, e estão a ter consciência que mais vale andar de transportes públicos ou ir a uma stand comprar um carro em segunda mão e tentar abater essa dívida, porque sente-se bastante no consumo familiar ou no dia a dia familiar que se eles não fizerem isso, se não tiverem essa atitude de diminuir essas coisas supérfluos, estão a pagar juros desnecessariamente e não vão ter sequer dinheiro para comer. Tenho visto clientes a tentar encontrar soluções para tentarem diminuir essa parte.

✓ **Considera que esta crise o/a veio afetar a nível psicológico? Como tem lidado com a mudança? Que estratégia adotou para conseguir resistir a esta problemática?**

R: Na nossa faixa etária, como eu me casei muito cedo e a nossa estrutura e o crescimento familiar já começamos com pouco dinheiro no bolso, tentamos sempre criar essa ideia de que não podemos gastar á sorte, vamos iniciar a nossa vida, portanto a crise quando veio nós ainda estávamos naquela fase de tentar crescer, portanto não nos afectou muito psicologicamente, não foi um choque. Já estávamos era preparados, eu já ouvia os meus pais há 20 anos atrás a falar em crise, já ouvia as pessoas a comentar que não conseguiam ter uma vida estável em Portugal, depois mais tarde vem o tal facilitismo em que nessa altura realmente o País cresceu e foi

nesta fase que toda a gente estava bem, portanto eu já vinha com esta lição, experiência dos meus país e por isso soube lidar melhor com a situação.

✓ **Na sua opinião o que acha que deveria ser feito para melhorar a situação do País?**

R: Há muita coisa para mudar, mas o mais importante era realmente mudar algumas mentalidades, no sentido em que o povo português não pode ser seduzido a ter sempre tudo de forma fácil, a maior parte não luta, nós somos um País por natureza em que crescemos nos serviços e no turismo e, há muita gente desperdiçada, como têm subsídios para estarem em casa ou não fazer nada, acomodam-se. Portanto há uma parte que não cresce e, depois aqueles que fazem as coisas por baixo da mesa, mas também existem aqueles que querem ser os certinhos e que estão a pagar por estes espertos que conseguem fugir às suas obrigações. Ora, enquanto o País tiver esta mentalidade isto não vai mudar, há certas pessoas que já perderam a vergonha na cara e para eles já não é crime passar a perna e fugir às obrigações e, isto é péssimo para o País. Se não houver esta mudança de mentalidade vamos continuar nisto.

Entrevistado 14

Nome: Jorge Passos

Idade: 37

Casado/Solteiro: Solteiro

Nº de filhos: Nenhum

Nível de escolaridade: Licenciatura em Sociologia e Pós-graduação em Recursos Humanos

Profissão: Formador

Residência: São vicente-Braga

Situação perante o emprego: Empregado-

Situação Salarial (Houve ou não alteração): (500-1000)

✓ **A partir de que momento/situação viu que estava perante uma crise e sentiu-se afetado por esta?**

R: Foi mais ou menos a partir de Agosto de 2014, a formação profissional neste momento com o novo quadro comunitário as regras são mais apertadas, já não há tanta formação financiada, principalmente as formações modulares certificadas a partir de Setembro de 2015 já não serão financiadas e como tal notei algum desconforto financeiro perante esse quadro. Portugal está dependente da Europa e por isso, neste momento a formação está muito mais branda, estou a sentir essa mudança, sem dúvida.

✓ **Qual foi o primeiro corte que fez no seu Orçamento Familiar?**

R: Eu cortei essencialmente nas viagens, foi o grande corte. Nós sempre fizemos viagens low-cost, mas este ano por exemplo ainda não fizemos nenhuma. Temos as despesas correntes, as despesas com alimentação, e depois tenho a despesa do ginásio que é considerado um bem de luxo mas que eu considero um bem necessário para protegermos a saúde, e mesmo aquelas de almoçar e jantar fora muito

ponderada, de 15 em 15 dias, uma vez por semana vamos ao shopping e comemos lá em sítios com preços bastante em conta, 5€ o prato ou então vamos às promoções ao pingo doce aproveitamos para jantar lá, um jantar dentro do mesmo preço, 5€ 5,50€. Eu cortei em várias coisas, mas uma que ainda não cortei é o ginásio, acho que é mesmo um bem necessário para a saúde. Na minha opinião até deviria ser uma despesa de saúde para colocar no IRS.

✓ **Os seus hábitos consumo no seu dia a dia sofreram muitas alterações com o aparecimento da Crise?**

R: No meu dia a dia alterei algumas coisas, o pequeno-almoço é em casa, levo de casa para comer ao meio da manhã, não vou ao café, se der formação perto de casa vou almoçar a casa, depois ao meio da tarde levo também de casa e janto em casa, fora de casa tenho muito poucas despesas.

✓ **Qual (s) os que não prescinde mesmo estando em contexto de Crise?**

R: O que não prescindo é o ginásio e também não prescindo dos prazeres da vida, de vez em quando ir jantar fora e beber um copo com os amigos, onde pensamos sempre a ir a sítios que nos ajudam a poupar.

✓ **Faz lista de compras? Porquê? Quais os benefícios?**

R: Lista mental onde já sabemos mais ou menos as coisas que temos de comprar e tem muitos benefícios e se eventualmente se virmos algum produto de marca e de que gostamos e que está a bom preço aproveitamos e levamos, por exemplo á um mês no Continente estava uma Nivea em promoção a metade do preço e aproveitei e trouxe já para seis meses, porque sei que é produto que raramente está em promoção. Eu ao ter este comportamento estou a poupar, quando compro em promoção compra já para algum tempo, e como são produtos que tem o prazo de validade de longa data compro vários.

✓ **As suas compras são feitas diariamente, semanalmente ou mensalmente?**

R: Normalmente são feitas semanalmente. Por exemplo, na segunda-feira fizemos alguma compras quase tudo em promoção, normalmente vamos á segunda e terça ao Continente, depois á quinta comemos qualquer coisa pelo Bragaparque e vamos às promoções do Pindo Doce e depois temos também o Lidl onde vamos de vez em

quando, por exemplo o iogurte grego que é mais barato e aproveitamos e depois á um mini mercado no centro da cidade, onde vou comprar algumas bolachas que gosto e, que são muito mais baratas que nos hipermercados. Nós tentamos conjugar os hipermercados com os mini mercados, depende dos produtos que queremos comprar.

✓ **Sempre o fez, ou a crise fez com que tivesse essa mudança?**

R: Eu sempre tive esse cuidado mas com a crise veio impulsar mais esses cuidados. Cortamos em algumas coisa como já referi de forma a pouparmos mais. Em relação ao vestuário e calçado só compro mesmo em promoção, sou incapaz de comprar este tipo de produtos sem estarem em promoção, sempre tive este pensamento. Como eu sei que este tipo de produtos são muito caros compro só mesmo em promoção. Eu penso, que umas calças que agora estão a 30€ vão passar para 15€ e por isso, eu espero pela promoção. Portanto não foi por causa da crise, eu já tinha este tipo de comportamento, poupar sempre foi a minha preocupação, mas em relação á alimentação e a viagens a crise veio potenciar muito o meu comportamento para um consumo mais ponderado e consciente poupando muito mais.

✓ **Quando vai às compras, o que tem mais em conta que não tinha antes? (preço, Qualidade-marca, quantidade). (tipo de alimentos, roupas, produtos de higiene...)**

R: Eu tenho em conta a marca e o preço. Quando vou às compras eu procuro sempre a marca, por exemplo as barras de cereais, claro que se a qualidade reconciliar com o preço ainda melhor. A diferença de preço deste produto não é muita diferença, mas se fosse um preço muito maior eu trocava, claro. Relativamente às carnes e ao peixe vamos sempre acompanhando as promoções e lá está marca e o preço.

✓ **Contribui de alguma forma para ajudar instituições de solidariedade?**

R: Sim. Quando vamos às compras e tiver alguma campanha de solidariedade, nós ajudamos. Também contribuo para a protecção dos animais.

✓ **Para além do corte nas suas compras, que outro tipo de cortes fez no seu orçamento? (colégios, lazer, ginásios, viagens, cabeleireiros, ida aos restaurantes, acesso á cultura).**

R: Por exemplo nós continuamos a ir ao cinema mas já não vamos tantas vezes, escolhemos a segunda-feira que fica mais barato. Livros se tiver que comprar, compro sempre quando estão em promoção. Restaurantes, á semana só vamos uma vez por semana ao Bragaparque mas sempre pensando na poupança do dinheiro.

✓ **Pretende dar continuidade a estas mudanças, mesmo depois deste período de crise?**

R: Sim pretendo dar continuidade, eu penso a médio e a longo prazo não a curto prazo, porque daqui a 10 anos poderei estar desempregado e tenho de ter uma reserva para depois me sustentar.

✓ **Face a todas estas mudanças a que foi sujeita consegue ter uma conta poupança?**

R: Sim consigo, mas há meses que eu não consigo poupar porque para além das despesas correntes aparecem outras despesas extras e aí não consigo.

✓ **Acha que a crise veio consciencializar os portugueses para um consumo mais consciente e ponderado?**

R: Eu sempre fui uma pessoa com uma visão que só podíamos gastar aquilo que tínhamos já desde dos meus pais. Eu acho que os portugueses estão conscientes que têm que mudar o seu estilo de vida. Eu não concordo com esta crise, há muita coisa que está mal, há muita gente que não é honesta e esta situação tem que mudar. Agora eu estou consciente desta crise, claro que eu também cria estar melhor e poder desfrutar melhor da vida, mas a vida que temos atualmente não nos deixa, temos de ter consciência que esta crise não vai mudar tão cedo, esta política económica.

✓ **Considera que esta crise o/a veio afetar a nível psicológico? Como tem lidado com a mudança? Que estratégia adotou para conseguir resistir a esta problemática?**

R: Há dias em que me sinto melhor outros dias piores. Quando tinha mais formação não pensava tanto na crise, estava mais ocupado, agora como dou menos formação tenho mais tempo para pensar e aí nesses dias sinto-me triste, afectou-me um pouco a crise, claro que sim. Mas, como eu por natureza sou uma pessoa bem-disposta e otimista eu consigo lidar melhor com esta situação. Agora eu imagino aquelas pessoas que tem

tendência para depressões e que querem trabalhar e não há, deve ser mesmo duro. Com esta crise há muito coisa que não podemos fazer, como por exemplo ter filhos neste momento não é possível, temos de pensar duas vezes se somos pais ou não.

✓ **Na sua opinião o que acha que deveria ser feito para melhorar a situação do País?**

R: Mudar o governo, este governo destrói o País, baseou-se numa linha das privatizações. A solução seria uma política de esquerda, uma política mais orientada para o povo e o exemplo teria que vir de cima, nós temos políticos com carros de top da gama e reformas exorbitantes, há muita regalia que deveria ser cortada nesta gente, eu temo um dia a nossa Segurança Social dar um colapso, porque é muita despesa e pouca receita. Não concordo com o sistema de saúde em que as pessoas numa urgência terem que pagar 20€. Outro exemplo as scuts outro assunto que deveria ser debatido, é um exagero isto que nos cobram. A medicina dentária é outro assunto que eu não concordo nada, deveria haver este sistema de saúde em locais públicos.

Entrevistado 15

Nome: Paulo Carvalho

Idade: 31

Casado/Solteiro: Solteiro

Nº de filhos: Nenhum

Nível de escolaridade: Mestrado em Engenharia Electrónica Industrial

Profissão: Programador

Residência: São Lázaro-Braga

Situação perante o emprego: Empregado

Situação Salarial (Houve ou não alteração):

Variação Salarial- (500-1000)

✓ **A partir de que momento/situação viu que estava perante uma crise e sentiu-se afetado por esta?**

R: A crise atingiu-me quando realmente começaram a cortar nos salários na altura estava como formador e passado de um ano para o outro houve um corte no meu salario significativo e aí apercebi-me realmente que estava-mos numa crise, que tudo á minha volta estava a mudar, ouvia que muitas empresas estavam a fechar através dos média, cortes nos salários da função pública, aumento de impostos, enfim. Várias situações á minha volta que me levaram a ver que realmente estávamos a passar por uma grande crise.

✓ **Qual foi o primeiro corte que fez no seu Orçamento Familiar?**

R: Cortes principalmente no que respeita às saídas á noite, jantares fora. O corte mais radical foi este, ainda sou solteiro, vivo com os meus país, não tenho muitas despesas e por isso, não fiz muitos cortes.

✓ **Os seus hábitos consumo no seu dia a dia sofreram muitas alterações com o aparecimento da Crise?**

R: No meu dia a dia, evito ao máximo ir a cafés, lanches para o trabalho levo de casa, vou almoçar a casa, claro que comecei a ter mais estes cuidados com a crise mas mesmo antes tentava não gastar muito, evitar em gastos supérfluos.

✓ **Qual (s) os que não prescinde mesmo estando em contexto de Crise?**

R: Fazer desporto, pagar para fazer desporto. Para mim, é um bem essencial porque estou a proteger a minha saúde, de resto não tenho muito maus hábitos.

✓ **Faz lista de compras? Porquê? Quais os benefícios?**

R: Não. Tento sempre ir só às comprar quando preciso de algo, por isso não tenho muito a tendência de comprar algo que depois não seja uma necessidade.

✓ **As suas compras são feitas diariamente, semanalmente ou mensalmente?**

R: Vou durante a semana, conforme preciso, os produtos vão-me fazendo falta e vou uma ou duas vezes por semana, normalmente até vou ao fim de semana porque tenho mais tempo e, assim também tento acompanhar as promoções que vão surgindo.

✓ **Onde são feitas as suas compras? (Hipermercado, supermercado...)**

R: Aos hipermercados, sempre o fiz porque temos acesso a coisas mais baratas e poupamos mais.

✓ **Quando vai às compras, o que tem mais em conta que não tinha antes? (preço, Qualidade-marca, quantidade). (tipo de alimentos, roupas, produtos de higiene...)**

R: Olho sempre primeiro para o preço e depois para a marca, mas existe alguns produtos que realmente a marca é importante, produtos de higiene por exemplo tem que ter uma certa qualidade mas de resto tento ir aos de marca branca. Mas claro que se vir um produto de marca que custa ser caro e que se encontra em promoção, eu aproveito e compro.

✓ **Contribui de alguma forma para ajudar instituições de solidariedade?**

R: Só naquelas alturas do Natal, por exemplo para o Banco Alimentar Contra a Fome, é o que contribuo mais.

✓ **Para além do corte nas suas compras, que outro tipo de cortes fez no seu orçamento? (colégios, lazer, ginásios, viagens, cabeleireiros, ida aos restaurantes, acesso á cultura).**

R: Relativamente aos restaurantes durante a semana já não tinha esse hábito e ao fim de semana é só mesmo de vez enquanto. Em relação ao cinema não tenho ido e sempre que quero ver um filme vou á internet, quando saio ao fim de semana tento não ir muito a shoppings, passeios também vou a sítios mais perto da minha residência para poupar no combustível.

✓ **Pretende dar continuidade a estas mudanças, mesmo depois deste período de crise?**

R: Sim pretendo dar continuidade porque com estes cuidados posso poupar mais e não sabemos o que ainda pode acontecer, tudo neste momento é incerto e mais vale prevenir, e estarmos preparados.

✓ **Face a todas estas mudanças a que foi sujeita consegue ter uma conta poupança/poupar?**

R: Uma vez que ainda vivo com os meus pais, consigo poupar porque ainda não tenho muitas despesas, só em alguns meses é que não dá quando aparece despesas extras como o selo do carro, manutenções, o seguro e realmente aí é mais complicado poupar.

✓ **Acha que a crise veio consciencializar os portugueses para um consumo mais consciente e ponderado?**

R: Acho que sim, tem ensinado muita gente a consumir, ensinou a poupar mais. Veio mostrar que só devemos gastar naquilo que necessitámos e conforme os nossos rendimentos, evitar compra de bens supérfluos.

✓ **Considera que esta crise o/a veio afetar a nível psicológico? Como tem lidado com a mudança? Que estratégia adotou para conseguir resistir a esta problemática?**

R: Claro que afeta sempre alguma coisa, mas tenho tentado lidar bem com a situação, como já referi, eu ainda não tenho muitas despesas, vivo ainda com os meus pais e também eu já era uma pessoa contida, no que respeita ao consumo e, por isso, considero que a crise na minha vida não foi um choque mas sim, um alerta para os pequenos comportamentos do dia a dia de gastarmos em coisas que afinal não são mesmo de necessidade e, no qual podemos poupar.

✓ **Na sua opinião o que acha que deveria ser feito para melhorar a situação do País?**

R: Acho, que nós portugueses, devíamos ser mais inovadores, por exemplo na construção só se preocupavam em construir e não inovavam “existem mais casa que pessoas”, e agora vemos que a construção está parada, ninguém compra e, isso está a destruir com a nossa economia. O mercado está saturado as pessoas não tem dinheiro para comprar como eu já disse, e realmente a inovação, criar algo novo e que crie riqueza é que pode vir a contribuir para crescer a economia. Governar o País é como governar uma casa, é preciso pensar que as coisas podem correr mal e temos de ter sempre algum de lado, e o que se passa com o nosso País é que entremos numa banca rota, isto é realmente é um alerta para os comportamentos não só da política mas também dos próprios contribuintes. Também acho que seria importante ajudar mais as pequenas e as médias empresas, investir mais nelas para também criar empregos.

Anexos IV: Caracterização dos Entrevistados

Nome	Idade	Casado/Solteiro	Nº de filhos	Nível de escolaridade	Profissão	Residência	Situação perante o emprego	Situação salarial
Sónia Silva	35	Casada	Nenhum	Licenciatura	Assistente Social	São Vicente-Braga	Desempregada	Não tem salário nem subsídio
Cláudia Barreto	39	Casada	1	Licenciatura	Técnica administrativa Financeira	Frossos-Braga	Desempregada	Antes-(500/1000) Atual-500
Cristina Carvalho	32	Solteira	Nenhum	Licenciatura	Professora de Matemática	Semelhe-Braga	Empregada	Variação salarial (1000-1500)
Carmen Fernandes	57	Casada	2	Licenciatura	Professora de Português e Inglês	São Victor-Braga	Professora do quadro, aguardar aposentação (doença)	Variação salarial (+ 2000€)

Anexos

Joana Campos	32	Casada	Nenhum	Licenciatura	Funcionário Público	Maximinos-Braga	Empregada	Corte-200€ Atual (1000-1500)
Diana Ferreira	26	Casada	1	Licenciatura	Contabilista	Real-Braga	Empregada	Varição salarial (500-1000)
Teresa Carrilho	49	Solteira	Nenhum	Licenciatura	Jurista- Funcionário Público	Santa-Tecla	Empregada	Corte-600€ V.S (1500-2000)
Sandra Silva	39	Casada	2	Licenciatura	Advogado- Funcionário Público	Gualtar-Braga	Empregada	Corte-600€ V.S (1500-2000)
Sandra Araújo	41	Divorciada	3	Licenciatura	Jurista- Funcionário Público	Nogueiró-Braga	Empregada	Varição salarial (1500-2000)
Paulo Correia	51	Casado	2	Licenciatura	Advogado- Funcionário Público	Braga	Empregado	Varição salarial (1000-1500)

Anexos








Catarina Araújo	31	Solteira	Nenhum	Licenciatura	Psicóloga e Formadora	Maximinos-Braga	Empregada	Variação salarial (500-1000)
Kátia Bernardes	39	Casada	1	Licenciatura e Pós graduação	Jornalista	Ferreiros-Braga	Desempregada	Não tem salário nem subsídio
Pedro Pinto	33	Casado	1	Licenciatura	Solicitador	Ferreiros-Braga	Empregado	Variação salarial (1500-2000)
Jorge Passos	37	Solteiro	Nenhum	Licenciatura e Pós graduação	Formador	São-vicente-Braga	Empregado	Variação salarial (500-1000)
Paulo Carvalho	31	Solteiro	Nenhum	Mestrado	Programador	São Lázaro-Braga	Empregado	Variação salarial (500-1000)

Anexo V: Quadro da Categorização das Entrevistas

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo
Empobrecimento da classe média	<ul style="list-style-type: none"> ✚ Situação laboral precária ✚ Desemprego ✚ Cortes salariais (salário e subsídios) ✚ Aumento do nível de vida ✚ Insolvência de empresas ✚ Aumento de taxa IRS 	<p>E1 “ (...) pela situação profissional, que me encontra porque havia a possibilidade iria estar efetiva no emprego, com tudo perante a situação do país, a entidade patronal comunicou que não havia autorização para regular a situação profissional (...)”</p> <p>E3 “A partir do momento que deixei de ter colocação na minha área (...) deixei de ter esta estabilidade profissional (...)”</p> <p>E5 “Vi que estava perante uma crise com a diminuição dos cortes salariais (...)”</p> <p>E6 “A partir da primeira vez que fiquei desempregada”</p> <p>E7 “Explosão de números de processos de insolvência (...) tivemos um corte nos salários”</p> <p>E8 “Comecei sentir na pele mais quando se confirmou os cortes salariais, primeiro foram os subsídios e depois no próprio vencimento mensal, quer eu e o meu marido somos funcionários públicos, portanto em termos de agregado familiar sentiu-se</p>





		<p>muito a crise, porque foram logo nos dois salários, meu e do meu marido.</p> <p>E9 “(...) um aumento da taxa de I.R.S (...) redução no vencimento”.</p> <p>E10 “diminuição de salário e nós subsídios”.</p> <p>E11 “(...) formação começou a diminuir, os cortes na formação em na altura o PEC não ter sido aprovado (...) diminuição no salário, por hora os formadores recebiam á volta de 16€ por hora e agora recebem 14€ na minha empresa em particular e foi aí que notei mais a crise.</p> <p>E13 “(...) senti no meu trabalho uma diminuição de clientes no meu local de trabalho”.</p> <p>E14 “ (...) já não há tanta formação financiada (...) neste momento a formação está muito mais branda, estou a sentir essa mudança, sem dúvida”.</p> <p>E15 “(...) começaram a cortar nos salários, na altura estava como formador e passado de um ano para o outro houve um corte no meu salario significativo (...)ouvia que muitas empresas estavam a fechar através dos media (...) cortes nos salários da função pública, aumento de impostos”.</p>
--	--	---

<p>Cortes no Orçamento Familiar e a mudança de hábitos de consumo</p>	<p>Diminuição no consumo de bens e serviços:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✚ Viagens ✚ Produtos de marca ✚ Produtos em desconto/saldos ✚ Combustível ✚ Compra de vestuário ✚ Carregamento de telemóveis ✚ Colégio Privado ✚ Bens supérfluos ✚ Jantares/almoços fora ✚ Idas aos Bares ✚ Fumar ✚ Idas ao café ✚ Empregada ✚ Cabeleireiros ✚ Cinema ✚ Espectáculos ✚ Lanches/ pequenos-almoços 	<p>E1” (...) passei a consumir produtos de marca branca” (...) cortei a nível de empregada doméstica, ginásio, evito usar o carro, só em situação de necessidade, evitar a compra de vestuário, fazia duas viagens por ano para o estrangeiro (...) deixei de viajar.</p> <p>E3 “ (...) deixar de poder ir de férias (...) menos compras em bens supérfluos”.</p> <p>E4 “(...)comecei a usar muito copões de desconto (...) comprar roupa em saldos (...) não ir passear ou fazer férias durante tanto tempo”.</p> <p>E8 (...) “despesas que considerávamos supérfluos”.</p> <p>E9 “Reduzi primeiro os consumos nas roupas (...) deixei de fumar (...) cortei empregada (...) Já não vou tanto ao cabeleireiro”.</p> <p>E10 “Foi essencialmente em despesas extras, como espectáculo, cinemas, cultura, e depois tive que começar a diminuir para produtos mais baratos”.</p> <p>E12 “Comecei a comparar preços nos hipermercados, comecei a deixar de almoçar e jantar fora todos os dias”.</p> <p>E13 “Alterações nas idas a jantares e almoços, começamos a ter mais refeições em família”.</p> <p>E14 “Eu cortei essencialmente nas viagens, foi o grande corte”.</p> <p>E15 “Cortes principalmente no que respeita às saídas á noite, jantares fora.</p>
--	--	---

		<p>E2 “ (...) a única mudança que tive, mas por opção da minha filha ela estava num colégio privado, passou para um semi privado”.</p> <p>E7” (...) eu vou fazendo aquilo que sempre fiz mas com mais algum cuidado e evitar os tais bens supérfluos (...) eu não passei de um momento de loucura para um momento de pensar que não tenho dinheiro nenhum e agora vou ter de mudar a minha vida radicalmente, e eu não mudei a minha vida radicalmente.</p>
	<p>Bens que não prescindem em tempos de crise:</p> <ul style="list-style-type: none">  Fumar  Carro  Cabeleireiro  Cuidar da imagem  Restaurantes ao fim de semana  Ginásio  Café 	<p>E1 “Tomar um café todos os dias fora de casa”.</p> <p>E2 “O carro, é um que eu não prescindia”.</p> <p>E3 “Fumar, sem dúvida. É um vício que não consigo mesmo deixar”.</p> <p>E8 “Um dos hábitos que não prescindo é a minha ida ao cabeleireiro”.</p> <p>E9 “Não prescindo de andar bem arranjada. Um pouco mais limitado mas não prescindo”.</p> <p>E11 “O ginásio é um dos hábitos que não prescindo, pela minha saúde”</p> <p>E14 “O que não prescindo é o ginásio e também não prescindo dos prazeres da vida, de vez em quando ir jantar fora e beber um copo com os amigos”</p> <p>E15 ”Fazer desporto, pagar para fazer desporto. Para mim, é um bem essencial porque estou a proteger a minha saúde”.</p>

	<p>Lista de compras e a frequência com que são feitas as compras:</p> <p>✚ <u>Benefícios:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Compras de bens essenciais • Acesso às promoções • Evitar gastos supérfluos <p><u>Local das compras</u></p> <p>✚ Essencialmente nas grandes superfícies</p> <ul style="list-style-type: none"> • Promoções • Controle na despesa 	<p>E1 “Sempre. Primeiro para ficar fiel a lista (...), não levo mais daquilo que é necessário (...) faço gestão semanal, é uma forma de eu gerir melhor o meu orçamento familiar.</p> <p>E2 “Sim, faco a lista porque tem benefícios e porque acabo de estar focada nos lugares certos, levar somente o que é necessário (...) comecei a fazer diariamente de forma a acompanhar as promoções”.</p> <p>E8 “Sempre fiz. Tenho em casa os produtos que necessito e á medida que vão terminando, vou fazendo a minha lista para evitar um stock de produtos em casa”(…) por hábito faço as minhas compras semanalmente nos hipermercados”.</p> <p>E9 “Sim faço. Eu sempre fui muito contida e ponderada no consumo do essencial não mudou”(…) podemos considerar que as minhas compras são feitas semanalmente , normalmente em hipermercados”.</p> <p>E11”Sempre o fiz, mentalmente e por escrito. Acho que tenho muitos benefícios com isso e poupo (...) as compras são feitas na mesma semanalmente (...) faço em hipermercados e até em retalhistas”.</p> <p>E12 “Faço, antigamente não tinha esse hábito, que adquiri com a crise. Reparei que tendo este hábito de fazer lista, faz com que diminuámos os nossos gastos e compramos só o que é necessário” (...) as compras faço duas vezes ao mês, e comecei a fazer agora com a crise (...) procuro fazê-las nos hipermercados”.</p>
--	---	--

	<p>A relação qualidade /preço no ato da compra:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✚ <u>Produtos de marca branca:</u> <ul style="list-style-type: none"> • Mercearia • Produtos alimentares ✚ <u>Produtos da marca:</u> <ul style="list-style-type: none"> • Produtos de higiene pessoal • Produtos de limpeza ✚ <u>Produtos com qualidade:</u> <ul style="list-style-type: none"> • Carnes • Peixes 	<p>E1 “É essencialmente o preço. Atualmente centro-me sempre no preço e só depois nas outras características do produto”.</p> <p>E2 “Eu jogo muito com o preço/qualidade (...) caso eu não consiga satisfazer o meu desejo, prefiro procurar um com melhor qualidade e que não seja um preço tao baixo”.</p> <p>E3 “Hoje em dia o preço, mas antes não (...) por exemplo, os cremes é um bom exemplo (...) Prefiro comprar um creme da marca e dar por um preço mais caro um bocado.... Mas se calhar se forem produtos de mercearia vou aos de marca branca.</p> <p>E3 “Preço, não pensava assim, digamos que, que agora penso preço e logo a seguir qualidade (...) às vezes vou as marcas brancas, cremes confesso que procurar aliar a relação de qualidade/preço, mercearias caio mais para as marcas brancas (...) mas se falarmos em peixe, uma boa carne, uma boa fruta e bons legumes, ai o panorama já e diferente”.</p> <p>E6” Sempre optei pela qualidade e depois o preço e ainda o faço em muitos produtos (...) por exemplo, os produtos de higiene, gel de banho, creme do rosto, escolho sempre da marca (...) mas se for mercearia compro marca branca sem qualquer problema, não vejo muita diferença”.</p> <p>E8 “Tento conciliar qualidade e preço. Devo-lhe dizer que em termos de alimentação compro produtos de marca branca (...) uma coisa que não abduco é em</p>
--	---	--

		<p>termos de detergente para a roupa (...) produtos de higiene como o gel de banho sim, marca branca mas se for de rosto, não”.</p> <p>E9 “Só trago da marca se for o detergente para a roupa (...) em relação aos outros produtos, tanto levo da marca ou da marca branca”</p> <p>E11 “A carne, o peixe sempre a qualidade (...) relativamente à mercearia, talvez primeiro o preço e só depois a qualidade”.</p> <p>E12” tem produtos que não tem necessidade ir buscar uma marca específica, como mercearia, mas produtos como de higiene, beleza e nestes sim, primeiro esta a marca e depois o preço”.</p> <p>E13” Só existe três casos em que só olho para a marca, os detergentes da roupa, louça e do chão de resto é tudo marca branca”.</p> <p>E15” Olho sempre primeiro para o preço e depois para a marca, mas existe alguns produtos que realmente a marca é importante, produtos de higiene, por exemplo”.</p>
<p>Solidariedade em tempos de crise</p>	<p>Apoio a instituições:</p> <ul style="list-style-type: none">  Banco alimentar contra a fome  Cruz Vermelha  Cáritas  Protecção dos animais 	<p>E1” Pontualmente, em alturas de natal, em campanhas de recolha de alimentos, tento sempre ajudar”.</p> <p>E3 “Normalmente, não. Só o faço na altura do Natal, ou para a Cruz Vermelha”.</p> <p>E5 “Sim. As recolhas do Banco Alimentar, faço voluntariado numa instituição de solidariedade”.</p>

		<p>E6 “ (...) campanhas de luta contra a fome. Contribuo sempre. Faço Voluntariado na Cruz Vermelha portuguesa”.</p> <p>E7 ”(...) contribuo para o Banco Alimentar e na recolha do papel sempre que me lembro. Aqui na Segurança Social também aderimos a algumas campanhas, como por exemplo a entrega de vestuário para a Cáritas”.</p> <p>E9” Sim, pontualmente, mais até com os animais”.</p> <p>E14 “Sim. Quando vamos às compras e tiver alguma campanha de solidariedade, nós ajudamos. Também contribuo para a protecção dos animais”.</p> <p>E15 “Só naquelas alturas do Natal, por exemplo para o Banco Alimentar Contra a Fome”.</p>
<p>Poupar em contexto de crise</p>		<p>E1 “Sempre tive conta poupança, contudo, apos a situação de emprego deixei de poupar.</p> <p>E2 “Consigo ter conta poupança. Sempre consegui, atualmente consigo, pensando sempre no futuro da minha filha”.</p> <p>E3” agora já penso, não preciso, não compro porque anteriormente como comprava produtos supérfluos, com esta atitude, consigo poupar mais”.</p> <p>E5 “Tento ao máximo. Mas há meses que é muito complicado”.</p> <p>E6” Todos os meses coloco dinheiro na conta poupança, seja o que for, mas tento</p>

		<p>sempre por algum”.</p> <p>E7 “Eu consigo sempre poupar algum. Como em 2008 deparamo-nos com a crise, e as pessoas ficaram com medos e retraíram mais o consumo, penso que as pessoas passaram a poupar mais”.</p> <p>E9” Sim, sempre o fiz embora num valor menor”.</p> <p>E11 “Não. Já consegui ter, mas agora não consigo, está tudo certinho e controlado. Em situações de Recibos verdes como me encontro é complicado”.</p>
<p>Consumos mais ponderados e conscientes em tempos de crise</p>		<p>E2 “A mim não senti isso porque eu já era consciente e ponderada (...) as pessoas que me rodeiam sim, reparei que conseguem ter um consumo mais consciente (...) pensam mais nos preços, procurando sempre as promoções dos hipermercados comprando marcas brancas”.</p> <p>E3 “Acho. Sem dúvida. Educar mais as pessoas financeiramente, no sentido em que gasta-se o que é necessário gastar”.</p> <p>E4 “Não, a memória é curta, e as pessoas que não se habituaram a pensar por si próprias a tomarem decisões autónomas deixam se levar ao primeiro sinal de melhoramento”.</p> <p>E6 “Claro que sim. Existia um pensamento no povo português que quando se ganhava 1000€, por exemplo que podia gastar 1500€ (...) agora, de certeza que pensam duas vezes antes de gastar tudo porque o mercado de trabalho está instável,</p>

		<p>com situações de emprego muito precárias e a vida está cara”.</p> <p>E8 “Acho que sim. Antes havia muito facilitismo, as pessoas tinham vários créditos, e agora com a crise, muito desemprego, os salários diminuem e muitas famílias ficaram em situações complicadas”.</p> <p>E10 “Em certa medida, acho que sim. Os portugueses estão a enfrentar uma realidade que não estavam habituados (...) eu não sei como é que existem pessoas á minha volta que vivem da forma que vivem”.</p> <p>E13 “antes da crise em termos de ir ao banco pedir um empréstimo, ir a supermercados e pedirem cartões de crédito com plafons exorbitantes, comprar carros sem necessidade, porquê comprar carro novo se se pode comprar em segunda mão, neste momento o que se está a verificar é que as pessoas estão a entregar bens que comprar com esse facilitismo”.</p>
<p>Estratégia para resistir à crise</p>		<p>E1 “ (...) houve um adiar de sonhos, nomeadamente o projeto de ter filhos e ainda não tive face à crise económica (...) fez com que ficássemos com menos capacidade de sonhar, com menos esperança”.</p> <p>E3 “E acho que afecta toda a gente quando se está numa situação de não ter emprego, não ter dinheiro (...) A forma como eu encaro isso, é encarar de frente e aceitar aquilo que temos”.</p> <p>E5 “Não é fácil lidar com a mudança. No início é complicado, mas depois isto passa</p>

		<p>a ser uma aprendizagem (...) as coisas que estávamos habituados a comprar, já não o fazemos e, isso não é nada fácil, a mudança é sempre muito complicada”.</p> <p>E6 “Sim, psicologicamente senti-me abalada com a crise. No momento que fiquei desempregada, foi o momento que realmente senti mais, senti-me impotente, frustrada, o facto de não ter salário e não ter o meu emprego”.</p> <p>E7 “Há dias que uma pessoa se sente um pouco afetada, não vou dizer que não (...) cortes nós salários, sentimo-nos um pouco frustrados e impotente (...) entra-se numa instabilidade emocional, mas temos de andar para a frente e ter optimismo e esperança.</p> <p>E8 “ (...) uma pessoa que está habituada a um estilo de vida e depois ter que sair dele é complicado, custa e gere muita instabilidade, a mudança por si só já gera ansiedade, instabilidade”.</p> <p>E10 “Consegui lidar bem com as poucas alterações que foi fazendo desde da crise. Acho que a crise veio despertar as pessoas para situações que não estavam bem (...) veio mostrar aos filhos que não podem ter tudo o que querem”.</p> <p>E12 “o facto de estar desempregada e ter tanta formação deixa-me um pouco desiludida e frustrada. Tem sido muito difícil lidar com toda esta situação, porque de uma certa forma as pessoas sentem-se constringidas, inutilizadas”.</p> <p>E14 “Há dias em que me sinto melhor outros dias piores (...) como eu por natureza sou uma pessoa bem-disposta e optimista eu consigo lidar melhor com esta</p>
--	--	---

		situação(...) ter filhos neste momento não é possível, temos de pensar duas vezes se somos pais ou não.
<p>Sugestões para melhorar situação atual do País</p>		<p>E1 “Eu acho que deveriam, adoptar políticas para a criação de emprego (...) deveriam estar mais centrados em criar emprego, ejectar dinheiro nas pequenas e medias empresas, as pessoas não tendo emprego não consomem”.</p> <p>E7 “deveria seriamente apostar na educação (...) o nosso futuro são as pessoas que hoje andam na escola (...) apostar na educação vai fazer com que a sociedade saiba lidar com os problemas.</p> <p>E8 “ (...) eu acho que a economia do pais e a própria gestão do nosso pais há muitos interesses, começar a cortar nos de topo e não só aos da classe média... melhorando um pouco daquilo que está acontecer. Os que são ricos continuam ricos, cada vez vê se mais, a classe média a desaparecer</p> <p>E10 “Mudar algumas políticas, a nível de saúde, por exemplo, também a nível económico (...) os cortes estão a ser demasiados e pagam sempre os mais pequenos”.</p> <p>E13 “Há muita coisa para mudar, mas o mais importante era realmente mudar algumas mentalidades, no sentido em que o povo português não pode ser seduzido a ter sempre tudo de forma fácil (...) existem aqueles que querem ser os certinhos e que estão a pagar por estes espertos que conseguem fugir às suas obrigações (...) se</p>

		<p>não houver esta mudança de mentalidade vamos continuar nisto.</p> <p>E15 “Devíamos ser mais inovadores, por exemplo na construção só se preocupavam em construir e não inovavam “existem mais casa que pessoas” (...) a construção está parada, ninguém compra e isso está a destruir com a nossa economia (...) O mercado está saturado e realmente a inovação, criar algo novo e que crie riqueza é que pode vir a contribuir, para crescer a economia”.</p>
--	--	--